

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS  
EDUCACIONAIS EM REDE  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**Raquel Scremin**

**Recursos Educacionais Abertos: Estudo de Caso da Editora  
Aberta EduMIX –PE/UFSM**

Santa Maria, RS.  
2019



**Raquel Scremin**

**Recursos Educacionais Abertos: Estudo de Caso da Editora Aberta  
EduMIX –PE/UFSM**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede.

Orientadora: Dra. Rosane Rosa

Santa Maria, RS.  
2019

Scremin, Raquel  
Recursos Educacionais Abertos: Estudo de Caso da  
Editora Aberta EduMIX - PE/UFSM / Raquel Scremin.- 2019.  
138 p.; 30 cm

Orientador: Rosane Rosa  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologias Educacionais em Rede, RS, 2019

1. Produção Editorial 2. Recursos Educacionais Abertos  
3. Educomunicação 4. Educação 5. EduMIX Editora Aberta I.  
Rosa, Rosane II. Título.

**Raquel Scremin**

**Recursos Educacionais Abertos: Estudo de Caso da Editora Aberta  
EduMIX –PE/UFSM**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede**.

Aprovado em 28 de Fevereiro de 2019:

---

Rosane Rosa, Dra. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

---

Taís Steffenello Ghisleni (UFN)

---

Dr. Leandro Stevens Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS.  
2019



## **AGRADECIMENTOS**

No decorrer desta caminhada acadêmica recebi auxílio, compreensão e dedicação de muitas pessoas. Nesse processo aprendi que é essencial “Pensar globalmente e agir localmente” (Ulrich Beck). Sou grata a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta pesquisa, em especial, agradeço:

À minha família, meus pais e irmãos, Marize e Eldomiro, Jocenei e Edson, pelo amor, apoio e confiança, por sempre acreditarem na minha capacidade e não duvidarem do meu potencial.

Aos meus avós, em especial a minha tia avó, carinhosamente chamada de Zira, por todo apoio e por sempre me incentivar nos estudos.

Ao “moço rico”, Bruno, pelo carinho, compreensão e motivação.

A todos os meus amigos, em especial, a família do apto 15 (Nanda e Dé), a minha amiga de longa data Bruna Kapper, a sempre sábia Vera Martins e as pessoas que conheci e que me apoiaram enquanto estive em Moçambique.

À minha orientadora, Rosane, pela oportunidade oferecida e pela confiança depositada.

Aos professores Elena Maria Mallmann, Leandro Stevens, Antonio Guilherme Schmitz Filho e Taís Ghisleni, pelas considerações que certamente enriquecerão muito a pesquisa.

Aos professores e funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais pela parceria, troca de conhecimentos e suporte.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Educação Intercultural e Cidadania pelos encontros enriquecedores e pelas provocações pertinentes.

Aos alunos que participaram da disciplina de Projeto Experimental em Produção Editorial para Educação nos anos de 2016 e 2018 e que construíram comigo esse estudo.

À Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Educomunicação (ABPEducom), aos participantes da oficina e organizadores do II Congresso Internacional de Comunicação e Educação - VIII Educom.

À Pró-Reitoria de Extensão da UFSM pelo apoio na realização da oficina.

À Universidade Federal de Santa Maria, pelo ensino de qualidade e pela oportunidade de desenvolver e concretizar esta pesquisa.

Muito obrigada!



*Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real e entender que ela mora no caminho e não no final. (Kell Smith)*



## RESUMO

### **Recursos Educacionais Abertos: Estudo de Caso da Editora Aberta EduMIX –PE/UFSM**

AUTORA: Raquel Scremin  
ORIENTADORA: Dra. Rosane Rosa

O mercado editorial para a educação enfrenta uma acentuada crise em relação aos meios tradicionais de produção de material didático. Isso porque demanda inovações para atender ao perfil dos estudantes que mudou radicalmente com a onipresença das tecnologias digitais de informação e comunicação. Pensamos que a produção colaborativa de recursos educacionais abertos pode ser uma alternativa que contribua para uma educação mais inovadora. Esta pesquisa, vinculada a área de concentração de Tecnologias Educacionais em Rede para Inovação e Democratização da Educação, na linha de pesquisa de Gestão de Tecnologias Educacionais em Rede, tem como objetivo geral compreender como se dá o processo de produção e divulgação dos Recursos Educacionais Abertos da EduMIX- Editora Aberta, ligada ao Curso de Produção Editorial da UFSM. Nosso estudo traz como aporte teórico para compreender a produção editorial para a educação: Chartier (1999), Epstein (2002), Bragança (2005), Furtado (2006), Araújo (2008), Bandeira (2009) Hallewell (2012) e Thompson (2013). A temática da educomunicação é abordada com base em Kaplún (1976; 1998; 2011; 2014), Freire (1979), Baccega (1994), Tapscott (1999), Orozco (2002), Soares (2006; 2011; 2014), Sousa Santos (2007), Amarante (2012) e Sartori et.al (2014). Já a revisão em torno dos Recursos Educacionais Abertos se pauta em estudos dos seguintes pesquisadores: Rossini (2010), Silva (2011), Amiel; Pretto; Inamorato; Gonzales e Rossini (2012) e Bagetti; Mallmann, (2018). Para dar conta dos objetivos optamos como metodologia um estudo de caso etnográfico combinado com as técnicas de pesquisa bibliográfica, análise documental e observação participante. Como produtos finais, além da dissertação, apresentamos o repositório da EduMIX e um guia resultado da proposta de um minicurso e de uma oficina. Como considerações finais trazemos a importância de conhecer as ferramentas para poder ter uma fluência tecnológica, saber suas principais funções para poder adaptar o uso, e assim facilitar a produção colaborativa dos recursos educacionais tanto para os produtores editoriais quanto para os professores. A disciplina e a EduMIX colaboram na formação de uma aliança entre a Universidade e a sociedade, trabalhando conteúdos que são pouco explorados pelos “recursos tradicionais”, o que contribui para a formação dos produtores editoriais com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A oficina, bem como a observação na disciplina nos proporcionou construir um guia que contempla os desafios e possibilidades dos REAs tanto na produção quanto no uso.

**Palavras-chave:** Produção Editorial. Recursos Educacionais Abertos. Educomunicação. Editora EduMIX.



## ABSTRACT

### **OPEN EDUCATIONAL RESOURCES: EduMIX- Editora Aberta Case Study of the Editorial Production Course of UFSM**

AUTHOR: Raquel Scremin  
ADVISER: Dra. Rosane Rosa

The editorial market for education faces a major crisis in relation to the traditional means of producing educational material. This is because it demands innovations to meet the profile of students that has radically changed with the ubiquity of digital information and communication technologies. We believe that the collaborative production of open educational resources can be an alternative that contributes to a more innovative education. This research is situated in the area of concentration of the Educational Technologies Network for Innovation and Democratization of Education, in the line of research of the Educational Technologies Management. We have as general objective to understand how the process of production and dissemination of the Open Educational Resources of EduMIX-Editora Aberta takes place, linked to the Editorial Production Course of UFSM. Our study brings as a theoretical contribution to understand the editorial production for education: Chartier (1999), Epstein (2002), Bragança (2005), Furtado (2006), Araújo (2013). The subject of media literacy is approached based on Kaplún (1976, 1998, 2011, 2014), Freire (1979), Baccega (1994), Ttapscott (1999), Orozco (2002), Soares (2006, 2011, 2014), Sousa Santos (2007), Amarante (2012) and Sartori et.al (2014). The review of Open Educational Resources is based on studies of the following researchers: Rossini (2010), Silva (2011), Amiel; Pretto; Inamorato; Gonzales and Rossini (2012) and Mallmann; Bagetti (2018). In order to account for the objectives we chose as methodology an ethnographic case study combined with the bibliographic research techniques, documentary analysis and participant observation. As final products, besides the dissertation, we present the EduMIX repository and a guide resulting from the proposal of a mini-course and a workshop. As final considerations we bring the importance of knowing the tools to be able to have a technological fluency, to know its main functions to be able to adapt the use, and thus to facilitate the collaborative production of educational resources for both the publishing producers as the teachers. The discipline and EduMIX collaborate in the formation of an alliance between the University and society, working on content that is a little explored by "traditional resources", which contributes to the formation of the publishing producers with the indissociability between teaching, research and extension. The workshop, as well as observation in the discipline, provided us with a guide that contemplates the challenges and possibilities of REAs in both production and use.

**Keywords:** Editorial Production. Open Educational Resources. Media Literacy. Editora Edumix.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Principais funções do editor .....	32
Figura 2 – Aspectos em que a tecnologia agregar valor ao conteúdo .....	38
Figura 3 – Importância dos gêneros em relação ao faturamento .....	41
Figura 4 – Preço médio do valor de capa por gênero .....	42
Figura 5 – Professores-autores em rede .....	43
Figura 6 – Passos do ciclo dos REAs e suas possibilidades .....	65
Figura 7 – Total de downloads por mídia desde novembro de 2004 .....	70
Figura 8 – Quantitativo total de cadastros por tipo de mídia .....	71
Figura 9 – Opções apresentadas na plataforma.....	72
Figura 10 – Dados sobre os recursos da plataforma MEC RED .....	72
Figura 11 – Página inicial do site .....	75
Figura 12 – Exemplo de desenvolvedores que trabalham com financiamentos .....	81
Figura 13 – Tipos de licenças e suas atribuições.....	82
Figura 14 – Níveis da Fluência Tecnológica Pedagógica .....	84
Figura 15 – Trajetória Profissional e Acadêmica da Pesquisadora .....	87
Figura 16 – Aspectos Metodológicos.....	90
Figura 17 – Logo da editora .....	91
Figura 18 – Construção do nome da Editora.....	91
Figura 19 – Página do Mapa REA Global.....	92
Figura 20 – Princípios da disciplina Projeto Experimental em Educação .....	95
Figura 21 – Como realizar a pesquisa bibliográfica .....	96
Figura 22 – Conceitos destaques resultado do aporte teórico .....	97
Figura 23 – Página do site do repositório da editora .....	115



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção de Conteúdo Digital por subsetor em 2016 .....	23
Gráfico 2 – Produção, comercialização e participação no mercado de conteúdos digitais.....	38
Gráfico 3 – Faturamento e Exemplares vendidos Mercado e Comércio .....	40
Gráfico 4 – Download e Visualizações por ano e quantitativo de recursos .....	69



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação da educomunicação com a escola em três âmbitos .....	59
Quadro 2 – Checklist Comparativo de Repositórios Educacionais Públicos .....	76
Quadro 3 – Ficha Catalográfica do REA para envio á repositórios externos e EduMIX .....	93
Quadro 4 – Critérios para avaliação dos Recursos Educacionais Abertos .....	94
Quadro 5 – Mapeamento das Produções de 2014 .....	100
Quadro 6 – Mapeamento das produções de 2015 .....	102
Quadro 7 – Mapeamento das Produções de 2016 .....	103
Quadro 8 – Mapeamento das Produções de 2017 .....	104
Quadro 9 – Mapeamento das Produções de 2018 .....	105



## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>2 O PAPEL DO PRODUTOR EDITORIAL E O MERCADO EDITORIAL DIDÁTICO</b> .....	<b>29</b>
<b>3 O PARADIGMA DA EDUCOMUNICAÇÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>4 RECURSOS EDUCACIONAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ABERTA.....</b>	<b>63</b>
4.1 PORTAL DO PROFESSOR .....	68
4.2 BANCO INTERNACIONAL DE OBJETOS EDUCACIONAIS .....	69
4.3 PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO .....	70
4.4 PORTAL EDUCACIONAL DO ESTADO DO PARANÁ .....	71
4.5 PLATAFORMA MEC-RED .....	72
4.6 RELIA .....	73
4.7 PORTAL REL - UVA .....	73
4.8 EDUMIX - EDITORA ABERTA.....	74
<b>5 EDUMIX – UMA EXPERIÊNCIA DE EDITORA ABERTA.....</b>	<b>87</b>
5.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DA PESQUISADORA .....	87
5.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	89
5.3 OBJETO DE ESTUDO .....	90
<b>5.3.1 A Editora.....</b>	<b>90</b>
<b>5.3.2 Disciplina Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à</b> <b>Educação .....</b>	<b>92</b>
5.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA .....	96
<b>5.4.1 Observações Teóricas.....</b>	<b>97</b>
5.5 ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO .....	98
<b>5.5.1 Coleta de evidências.....</b>	<b>98</b>
5.6 MAPEAMENTO ANUAL DAS PRODUÇÕES DA EDUMIX – EDITORA ABERTA (2014-2018).....	100
<b>5.6.1 Mapeamento das Produções do 1º e 2º Semestre de 2014. ....</b>	<b>100</b>
<b>5.6.2 Mapeamento das Produções de 2015. ....</b>	<b>102</b>
<b>5.6.3 Mapeamento das Produções de 2016 .....</b>	<b>103</b>
<b>5.6.4 Mapeamento das Produções de 2017 .....</b>	<b>104</b>
<b>5.6.5 Mapeamento das Produções de 2018. ....</b>	<b>105</b>

5.7 RESULTADO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COM INTERLOCUÇÃO DAS EQUIPES.....	106
<b>5.7.1 Panorama geral da disciplina e do processo de produção com a percepção dos acadêmicos .....</b>	<b>106</b>
5.8 PRODUÇÕES DA PESQUISADORA .....	112
<b>5.8.1 Produto: Repositório da EduMIX - Editora Aberta .....</b>	<b>114</b>
<b>5.8.2 Produto: Minicurso intitulado REA e Educomunicação.....</b>	<b>116</b>
<b>5.8.3 Produto: Oficina Educom e REA .....</b>	<b>117</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO A – PROGRAMA DA DISCIPLINA .....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO B – REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA DISCIPLINA.....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO C – MODELO DO RELATÓRIO FINAL.....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO D – CHECKLIST DE AVALIAÇÃO DOS RECURSOS DA EDUMIX .....</b>	<b>138</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivemos em um período marcado por transformações sociais, culturais e econômicas decorrentes do avanço tecnológico. O mercado editorial não ficou imune a essas afetações e, mais especificamente, a produção de material didático que representa a maior fatia das editoras. Nesse contexto, o mercado editorial para a educação enfrenta dificuldades para atualizar sua forma de produção de material didático, a fim de dar conta de uma educação mais aberta, interativa e inovadora como requer o perfil dos estudantes inseridos em um cotidiano tecnológico.

Para ilustrar esse cenário, apresentamos dados no Brasil retirados do Censo do Livro Digital<sup>1</sup>, o qual evidencia que a produção de conteúdo digital no subsetor de didáticos é significativamente menor, como vemos no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Produção de Conteúdo Digital por subsetor em 2016

SUBSETOR	NOVOS NÚMEROS DE ISBN PUBLICADOS	ACERVO DIGITAL EM 31/12/2016
DIDÁTICOS	205	3.370
OBRAS GERAIS	4.146	20.533
RELIGIOSOS	891	3.454
CTP	4.241	22.305
TOTAL	9.483	49.662

Fonte: Censo do Livro Digital.

Outro dado que chama atenção na pesquisa do Censo, e que é elencado como destaque, é que foram investigadas 794 editoras, sendo que dessas, apenas 294 produzem e comercializam conteúdo digital (37%). Esse contexto desafiador nos remete a necessidade de pensar em alternativas para a produção e para a formação de profissionais que deem conta dessa demanda educativa. Diante disso, levantamos a seguinte questão: Como se dá o processo de produção e socialização dos Recursos Educacionais Abertos na EduMIX-Editora Aberta, ligada ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM?

<sup>1</sup> Censo do Livro Digital – Ano base 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2E5UXJI>. Acesso em: 26 jan. 2019.

A produção de Recursos Educacionais Abertos (REAs) surge como uma alternativa para a democratização da educação no mercado editorial didático. Esse dado se contrapõe aos recursos convencionais, e aos monopólios existentes nas grandes editoras. Estas, ao estarem disponíveis com licença aberta, têm a produção facilitada pela diminuição da burocracia, e por estarem mais próximo ao contexto local dos envolvidos, bem como, ao possibilitar a reutilização criativa. Contudo, isso não acontece em recursos convencionais, como apresentam Rossini e Gonzalez:

A principal característica dos recursos educacionais convencionais está ligada ao fato de que o acesso a estes está limitado a vínculos institucionais formais, como matrícula em cursos, ou atividades específicas vinculadas ao trabalho profissional. Como tais, muitos materiais educacionais enfrentam altos custos de acesso e, no caso de o acesso ser gratuito, por exemplo, no caso dos livros didáticos fornecidos pelo governo às escolas da rede pública no Brasil, ainda assim são bloqueadas sua reutilização criativa, sua cópia e sua adequação a contextos locais. (ROSSINI; GONZALEZ, 2012 p. 38-40).

Assim, a relevância desse estudo para o meio acadêmico se justifica pela importância de investigar uma área até então pouco explorada pela Comunicação Social - Produção Editorial, e tão importante para as Tecnologias Educacionais em Rede. Do mesmo modo, deseja-se melhor entender a necessidade de adaptação dos produtores editoriais e das editoras diante dos recursos educacionais abertos no mercado. Isso porque os REAs são um novo espaço para atuação profissional, devido à demanda gerada pela Educação a Distância e pelas políticas e programas do governo.

Dessa forma, torna-se importante para a editoração conhecer as competências e aptidões profissionais necessárias, para viabilizar com sucesso a produção de Recursos Educacionais voltados à educação aberta. Como também, as possibilidades para que as editoras atendam a essas exigências de um mercado competitivo, e as exigências e critérios presentes nos editais do governo. Do mesmo modo, conhecer o cenário do professor e da educação para adquirir uma maior sensibilidade e realidade na produção.

Destaca-se a importância também pelo fato do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 sinalizar em sete de suas 20 metas previstas, que os REAs podem estar inseridos na produção de material didático, seguem:

- a) Possibilitar um maior número de atividades extracurriculares com o uso das TIC;
- b) Servir como mecanismo para contribuir na redução das taxas de evasão do sistema de ensino, permitindo o uso de REA em programas de estudo com tutoria ou por meio da autoaprendizagem;
- c) Criar oportunidades de desenvolvimento profissional para professores por meio de atividades relacionadas ao desenvolvimento e reuso de REA;
- d) Fomentar a produção colaborativa de livros didáticos para uso público;
- e) Estimular a produção colaborativa de materiais pedagógicos e de treinamento;
- f) Promover o aumento da participação na educação de nível superior.

O PNE 2014-2024 enfatiza a importância da produção colaborativa para o desenvolvimento de recursos pedagógicos, a fim de permitir o compartilhamento de boas práticas, e experimentação com novas abordagens pedagógicas a serem utilizadas em Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEA). Além do PNE, outras iniciativas vêm ao encontro da filosofia dos REAs, como a Portaria Nº 451<sup>2</sup>, publicada no dia 16 de maio de 2018, pelo Ministério da Educação (MEC) no Diário Oficial da União. O documento define critérios e procedimentos para a produção, recepção, avaliação e distribuição de recursos educacionais abertos ou gratuitos, voltados para a educação básica em programas e plataformas oficiais do Ministério da Educação. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), segundo o histórico que consta na página do Fundo Nacional de Educação (FNDE)<sup>3</sup>, é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira. O Programa teve início em 1937, com a criação do Instituto Nacional do Livro e a partir de 1985 passou a ser designado como PNLD.

O PNLD é um dos maiores programas de livros didáticos do mundo, e o momento da escolha do material por parte dos professores é crucial para que essa política se efetive. Está disponível um Guia digital do PNLD 2019<sup>4</sup> que confirma a

---

<sup>2</sup> Portaria 451 MEC. Disponível em: <https://bit.ly/2SucPa5>. Acesso em: 28 jan. 2019.

<sup>3</sup> Histórico sobre o PNLD. Disponível em: [encurtador.com.br/ioJU6](http://encurtador.com.br/ioJU6). Acesso em: 28 jan. 2019.

<sup>4</sup> Guia PNLD 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2orHeEc>. Acesso em: 28 jan. 2018.

inserção dos REAs, e também apresenta duas plataformas do MEC que dão apoio a buscas por recursos. São elas: Plataforma Integrada MEC-RED<sup>5</sup> e RELiA<sup>6</sup>.

Uma das afirmações do Guia é que a partir de 2019, o MEC passou a exigir que o material do professor seja licenciado em Creative Commons, para ampliar os usos possíveis pelo próprio MEC e pelos professores usuários do material. Os REAs adquiridos no PNLD ficarão disponíveis na Plataforma MEC-RED, acessíveis para toda a sociedade, até mesmo para pessoas que não estão matriculadas nas instituições de ensino regulares. Com relação à plataforma, também é importante ressaltar que conforme os dados da própria plataforma, o número de *downloads* dos recursos é maior do que o número de *uploads*. Ou seja, há mais uso dos recursos do que a produção dos mesmos. Ao observar o lado da socialização dos REAs vemos esses dados como positivos, mas trazemos aqui a discussão sobre a baixa produção e a necessidade de se ter profissionais que pensem em REA desde a concepção da ideia do recurso.

O interesse pessoal pela temática inicia a partir das observações da pesquisadora ainda como graduanda de Comunicação Social - Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na ocasião em que cursou a disciplina “Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado a Educação” e se identificou com a proposta da criação da Editora Aberta. Além disso, a pesquisadora percebeu nos congressos e na leitura de artigos, o crescente uso da educomunicação e dos REAs para dar conta dos desafios da educação contemporânea, assim como, as necessidades do mercado editorial didático em produzir recursos inovadores. Além disso, o fato de a Editora ser um laboratório do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM, sendo reconhecida como uma iniciativa global em REA. A escolha pela EduMIX vem ao encontro dos avanços tecnológicos e da demanda de recursos inovadores que o mercado editorial didático, em crise prolongada, apresenta. Também por conta da editora ser reconhecida como iniciativa pioneira no Brasil e no mundo, e que já se encontra inserida no mapa global dos REAs. Outro fator importante a ressaltar nessa escolha

---

<sup>5</sup> A Plataforma Integrada MEC-RED tem por objetivo "incorporar na política educacional o potencial da cultura digital, de modo a fomentar a autonomia para uso, reuso e adaptação de recursos educacionais digitais, valorizando a pluralidade e a diversidade da educação brasileira". Disponível em: <https://bit.ly/2UWh1fr>. Acesso em: 28 jan. 2018.

<sup>6</sup> O RELiA é uma plataforma que organiza o levantamento de recursos com licenças abertas feito pelo Instituto Educadigital via projeto REA.br desde 2011. A ideia é auxiliar educadores, estudantes e quem mais estiver interessado em buscar REA. Disponível em: <http://relia.org.br/>. Acesso em: 28 jan. 2018.

é atuação da pesquisadora, quando graduanda, como bolsista do Programa de Apoio à Extensão Universitária (PROEXT) no Programa Educom UFSM, e em seguida como bolsista de mestrado no Projeto Educomunicação Intercultural (CAPES), em Moçambique. Lá ministrou um minicurso sobre a relação entre Educomunicação e REA.

Isso posto, temos como objetivo geral compreender como se dá o processo de produção e divulgação dos Recursos Educacionais Abertos da EduMIX-Editora Aberta, bem como socializar o conhecimento produzido. Como objetivos específicos temos: estudar a relação entre produção editorial didática, educomunicação e REA; mapear e analisar os recursos educacionais produzidos na EduMIX – Editora Aberta; identificar elementos que possam aprimorar o processo de produção dos REA; coproduzir e divulgar o repositório da Editora; planejar e ministrar uma oficina; produzir um material de consulta resultante da pesquisa.

Para dar conta desses objetivos, metodologicamente nos apropriamos da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso etnográfico de cunho qualitativo e quantitativo. Essa técnica compreende a observação participante por meio de anotações em caderno de campo, e retorno constante dos resultados aos sujeitos envolvidos na pesquisa a fim de construir o conhecimento com, e não para ou sobre o campo. Utilizamos também como técnica a análise documental do programa da disciplina e dos relatórios finais das equipes de produção dos recursos. A entrevista temática, como uma questão norteadora, foi utilizada para tentarmos fazer um breve panorama atualizado da educação brasileira. Essa combinação de técnicas favorece a validação das informações obtidas, que conforme André (2005, p. 16) “não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém”.

O espaço de pesquisa é a disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação, do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM. Os sujeitos que integram o curso são 24 estudantes, a professora responsável e o apoio pedagógico da disciplina, que conta com dois orientandos da pós-graduação em regime de docência orientada.

O objeto de estudo é a EduMIX - Editora Aberta, criada em 2014, e ligada a disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação, do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM. A Editora Aberta, que já integra o Mapa Global dos REAs, vem ao encontro dos avanços tecnológicos e da demanda pela formação de produtores editoriais, que deem conta da produção de

recursos inovadores para o mercado editorial didático. A disciplina se pauta no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (ROSA, 2018).

A dissertação está estruturada em considerações iniciais, quatro capítulos e, por fim, as considerações finais. No primeiro capítulo, busca-se aprofundar os conhecimentos a respeito do ofício dos produtores editoriais no mercado didático, abordando as etapas de produção na cadeia produtiva do livro e o mercado do livro didático. Como aporte teórico, recorreremos a Chartier (1999), Epstein (2002), Bragança (2005), Furtado (2006), Araújo (2008), Bandeira (2009) Hallewell (2012) e Thompson (2013).

O segundo capítulo aborda a interface entre a comunicação e a educação, por meio do paradigma da educomunicação que pode fomentar a produção de materiais didáticos que promovam a dialogicidade, a participação e a criticidade. O capítulo é fundamentado nos conceitos dos seguintes pesquisadores: Kaplún (1976; 1998; 2011; 2014), Freire (1979), Baccega (1994), Tapscott (1999), Orozco (2002), Soares (2006); Soares (2011; 2014), Sousa Santos (2007), Amarante (2012) e Sartori et.al (2014).

O terceiro capítulo apresenta um panorama sobre os Recursos Educacionais Abertos e repositórios. Também aborda as possibilidades e desafios para o mercado editorial didático, as licenças *creative commons*, as etapas que compõe o processo de produção desses recursos. Trabalhamos com base nos seguintes autores: Rossini (2010), Silva (2011), Amiel; Pretto; Inamorato; Rossini e Gonzales (2012) e Mallmann; Bagetti (2018).

Na sequência, o quarto capítulo é de cunho metodológico, descritivo, analítico e propositivo. Foi construído por meio da articulação do estudo de caso com a etnografia que possibilita maior enriquecimento no processo de conhecimento. Nesse espaço apresentamos a EduMIX – Editora Aberta, ligada ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM, o histórico e o mapeamento das produções anuais. Além da análise, apresentamos os resultados da observação participante, e os produtos resultantes da dissertação.

## 2 O PAPEL DO PRODUTOR EDITORIAL E O MERCADO EDITORIAL DIDÁTICO

Neste capítulo refletiremos sobre o papel do produtor editorial, sua atuação no mercado, e como se configura a cadeia produtiva e o mercado de material didático na contemporaneidade. Assim, para entendermos o cenário em que o nosso objeto de estudo está inserido, iniciaremos delineando o papel do produtor editorial em dois momentos, a saber: o papel no mercado na cadeia de produção do livro, e em seguida abordaremos o produtor editorial no ciclo de produção do livro didático. Ambos perpassados pelas mudanças a partir do fomento e inserção das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

Até meados do séc. XIX era comum encontrar o editor como única pessoa responsável pela edição e publicação de um livro, inclusive, sendo ele também o autor do texto. Após esse período, “os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam claramente separados.” (CHARTIER, 1999, p. 16-17).

A partir do século XX esses papéis foram cada vez mais definidos, como explica Araújo:

No Brasil já se tornou corrente, por exemplo, designar profissionais de certos setores da editoração como “editor de arte” (responsável pela programação visual de uma publicação), “editor de texto” (encarregado do preparo e revisão literária dos originais) e assim por diante. (ARAÚJO, 2008, p. 50).

Conforme o autor, “[...] a regra básica da editoração é a de quebrar qualquer regra que prejudique a fluência da leitura”. (ARAÚJO, 2008, p. 23) E no que se refere ao papel do editor, defende que “possui o sentido de pessoa encarregada de organizar, [...], selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra”. (ARAÚJO, 2008, p. 37).

O ofício do editor está fortemente ligado à autoria na organização do conteúdo, bem como, no exercício da leitura. Conforme Chartier (1999, p. 138), “a diferença pode decorrer de uma decisão do editor, que, em uma era de complementaridade, de compatibilidade ou de concorrência dos suportes, pode visar com isso diferentes públicos e diversas leituras”.

Bragança (2005) entende que é o editor quem define o que será publicado, o público a quem o trabalho se destinará e de que forma o produto será feito. Nas palavras do autor:

É nesse lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor. É também esse lugar que exige dele saberes específicos (“escolher, fabricar, distribuir”), que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais. (BRAGANÇA, 2005, p. 224).

Nesse papel de gestor que cabe ao editor, Chartier (1999, p. 28) explica o dilema enfrentado. De um lado há a necessidade de tornar público um trabalho, para além da circunstância particular em que fora transmitido; de outro, a forte consciência de uma perda irremediável: a palavra.

Com a internet, essa necessidade de tornar público um trabalho pode ser observada no comportamento da sociedade em relação ao compartilhamento. Para Epstein (2002, p. 13), “as tecnologias modificam o mundo, mas a natureza humana permanece a mesma”. Já Furtado (2006, p. 30) ressalta que “o que acontece é que, neste momento, todos estes desenvolvimentos coexistem”, portanto, essas mudanças não podem se reduzir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), mas ao uso que se faz delas. Segundo o autor, até recentemente o *design* dos dispositivos portáteis que envolvem as TDIC estavam nas mãos dos produtores, mas cada vez mais o editor precisará procurar a resposta do consumidor para produzir novas formas de publicações.

Hallewell (2012) lembra que essa manipulação midiática e tecnológica influenciava a escrita desde a década de 90 com o aperfeiçoamento do computador e a aplicação de outros dispositivos, e começava a modificar o processo de produção e a queda dos custos.

Outra preocupação do editor e do escritor é a produção do conteúdo. Conforme reitera Furtado (2006, p.133), “o modo como um escritor e um editor apresentam fisicamente a informação, apoiando-se em recursos exteriores à própria informação, faz chegar ao leitor muito mais que apenas a informação”, ou seja, a forma, a estética, as possibilidades de interação. O autor explica esse cenário:

É perfeitamente possível que nos deparemos com um novo tipo de literacia, que já não se caracteriza pela competência de ler e escrever, mas pela facilidade de acesso e a capacidade de manipulação das mídias digitais. Pelas quais a escrita é agora também transmitida. (FURTADO, 2006, p. 159).

O negócio da edição de livros, segundo Epstein (2002, p. 19), “é por natureza pequeno, descentralizado [...], mais bem desempenhado por pequenos grupos”. A opinião de Epstein dialoga com o fenômeno do surgimento das editoras independentes, com o foco em nichos específicos. Thompsom (2013) complementa ao abordar sobre a concorrência entre editoras pequenas e os grandes conglomerados:

Isso não significa que editoras menos favorecidas terão necessariamente mais dificuldade para sobreviver - pelo contrário, o campo editorial é um território muito complexo e há muitas maneiras de **pequenas empresas** conseguirem concorrer competente, superando outras maiores ou **encontrando nichos especializados** nos quais pode prosperar. (THOMPSON, 2013, p. 15, grifo nosso).

Segundo o autor, as grandes editoras podem até exercer um poder, mas ao apresentar a cadeia produtiva do livro, ele nos mostra os diferentes elos que se encontram no processo e que a editora é apenas “um jogador de meio de campo”:

Pode parecer que as grandes editoras são os principais *players* e que elas têm muito poder (e, de fato, têm); mas na cadeia de suprimento de livros, a editora é, de muitas maneiras, apenas mais um intermediário, um jogador de meio de campo. E o poder da editora, por maior que seja, é sempre cercado – e equilibrado – pelo poder dos varejistas, que controlam em grande parte o acesso aos clientes, isto é, os leitores; e de outro lado, o poder dos agentes, que controlam em grande parte o acesso ao conteúdo e aos criadores de conteúdo, isto é, os autores. (THOMPSON, 2013, p. 113-114).

Dessa forma, a primeira etapa representa a criação de conteúdo, que pode ser realizada por um ou mais autores, uma vez que depende da categoria na qual se enquadra a publicação. Nessa etapa também ocorre à compra do direito autoral e

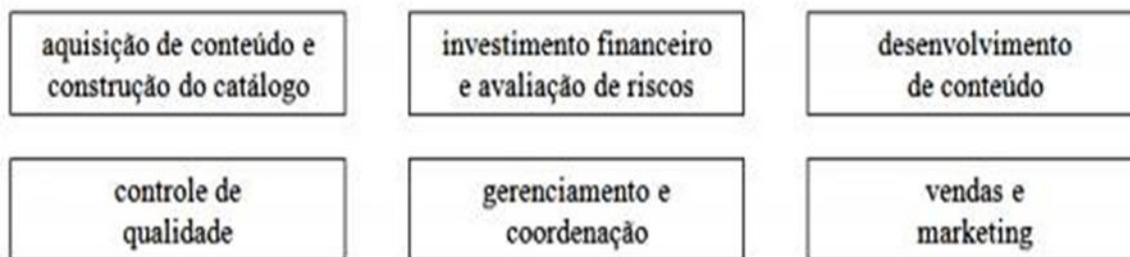
aumenta a burocracia para ter acesso ao material. Essa questão nos remete ao quanto temos apreços pelos livros e que não se admite escrever neles, rasurar ou exercer autoria e coautoria com eles, sejam eles de qualquer segmento. Em alguns casos viram objetos de decoração e acabam por não serem lidos. Um dos exemplos são os livros didáticos, os quais o aluno devolve no final do ano para que outro aluno possa usar, e vem uma orientação de que a obra será utilizada por outros alunos e que é para cuidar do material. De certo modo é positivo que estão reutilizando; por outro, essa ação priva o aluno de anotar suas observações, compreensões e exemplos, ou seja, de se apropriar para uma releitura.

Saindo das grandes editoras Chartier (1999, p. 61) chama atenção para uma prática que se torna atual por meio do financiamento coletivo<sup>7</sup>, mas que segundo o autor já ocorre há muito tempo com o patrocínio para a publicação. “A garantia da existência do material do autor dependia [...] de gratificações [...] que lhe eram dadas pelo soberano, mas também pelos ministros, pelas elites”.

Após a criação de conteúdo, inicia a relação entre três agentes importantes na cadeia produtiva do livro: o autor, o agente literário e o editor – que também pode assumir a denominação de Produtor Editorial.

Thompson (2013, p. 25), destaca que o editor possui seis principais funções, que exercem uma contribuição especial ao processo, conforme especificadas na Figura a seguir.

Figura 1 – Principais funções do editor



Fonte: Thompson (2013, p. 25).

<sup>7</sup>A Catarse foi a primeira plataforma de financiamento coletivo no Brasil, entrou online em 2011. Disponível em: <https://www.catarse.me/>. Acesso em: 16 jul. 2018.

A primeira função está relacionada à aquisição de conteúdo e construção de um catálogo, criar ou idealizar um projeto, ou em perceber o potencial de algo e ajudar o autor a publicar. Conforme Muniz Jr. (2007):

Para exercer essa distinção entre o que deve ou não ser lido, o editor se vale de inúmeros critérios. [...] Esses critérios podem ser organizados sob a forma de protocolos para análise de originais ou por ferramentas de marketing e planejamento como o SWOT<sup>8</sup>. [...] Esses instrumentos servem não apenas para selecionar originais [...], como para definir detalhes relativos à produção e comercialização dos que conseguirem “seu lugar ao sol”. (MUNIZ JR., 2007, p. 5).

As Editoras fazem parte de um grande conglomerado e são consideradas “elites do conhecimento”. Ao falar de aquisição de conteúdo, o editor se baseia no capital que tem para investir, no público e no seu segmento/subsetor, além de outros fatores que já mencionamos. É pensado em um viés econômico, e isso faz com tenhamos a sensação de que são eles que decidem o que será consumido de conteúdo no Brasil.

Na segunda função, Thompson (2013) se refere ao investimento financeiro e a disposição de correr riscos, pois para adquirir o original<sup>9</sup>, o editor tem de pagar os direitos do autor. No Brasil, segundo Earp e Kornis (2005, p. 24), esses direitos correspondem a 10% do valor de capa<sup>10</sup> de um livro.

Os direitos autorais são um conjunto de regras regulamentadas pela Lei brasileira de Direitos Autorais (Lei 9.610/98)<sup>11</sup> e podem ser aplicadas tanto para pessoa física como para pessoa jurídica, uma vez sendo ela, a criadora de uma obra intelectual. Há dois tipos de direitos, sendo eles, o direito moral e o direito patrimonial. O primeiro assegura o direito de autoria da criação de determinada obra e é intransferível, enquanto o outro se refere à utilização com fins econômicos da obra e pode ser cedido para outros indivíduos. Fica a encargo do autor, decidir como seu material pode ser utilizado ao conceder que outras pessoas o utilizem de forma total ou parcial.

Conforme a definição acima, a Lei dos Direitos Autorais exerce proteção para o autor em relação às pessoas que utilizam a obra. Entre os anos de 2007 e 2009, o

<sup>8</sup> Traduzida para o português como FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças).

<sup>9</sup> Conteúdo produzido pelo autor.

<sup>10</sup> Valor pago pelo consumidor, segundo as autoras o valor é dividido em: 25% para custos editoriais, 15% lucro da editora, 10% distribuidor, livreiro 40% e para o autor os 10%, já citados.

<sup>11</sup> Lei Nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Legislação sobre direitos autorais. Disponível em: <https://bit.ly/1P2qjjJ>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Ministério da Cultura do Brasil promoveu debates em relação a atualização da lei que regula os direitos autorais no país. Em 2010, o MiniC realizou consulta pública para revisão da lei supracitada com o objetivo de adaptar as regras ao novo cenário das tecnologias digitais.

A aquisição de direitos autorais implica um processo burocrático e de negociações, é uma das maiores preocupações das editoras na cadeia produtiva de conteúdos. Com as publicações online, além de essa cadeia ser modificada e os custos não serem os mesmos, a preocupação volta-se para a pirataria. Segundo Thompson (2013, p. 364), “os custos relativos à produção, estocagem e envio de livros físicos seriam eliminados, e o problema das devoluções acabaria com um simples clique”.

Ainda, conforme o autor é questionado como a editora obtém os direitos sobre a publicação digital, e ressalta o fato das mesmas não tratarem do assunto e não pensarem a respeito de outras possibilidades.

As questões tornam-se ainda mais complexas pelo problema dos direitos embutidos – isto é, o copyright<sup>12</sup> sobre o material que foi inserido no texto, como, por exemplo, citações ou ilustrações. A editora pode ter obtido permissão para usar esse material para a edição impressa do livro, mas podemos presumir que essa permissão possa ser transferida para uma edição eletrônica? Ou a editora precisa retornar a todos os detentores dos direitos originais, supondo que eles podem ser encontrados, e obter novamente os direitos para e-book? De fato, ninguém sabe as respostas a essas questões, pois elas simplesmente não haviam sido aventadas antes, e muitas editoras inclinaram-se a esperar e ver que as normas poderiam emergir antes de seguir adiante com sua própria e arriscada violação do copyright. (THOMPSON, 2013, p. 366).

Neste cenário, o produtor editorial enfrenta dificuldades tanto quanto outros profissionais, que dependem de conteúdos e softwares de terceiros para fazer o seu trabalho. O comércio de licenças além de muito burocrático, envolve muito capital investido, o que muitas vezes as editoras não possuem e acabam por buscar alternativas.

Diante disso, o *Creative Commons* pode ser uma possibilidade a ser adotada como alternativa para essas questões. Com a diversidade de selos, essa licença abrange vários aspectos relacionados ao direito autoral de uma publicação. Os

---

<sup>12</sup>O termo jurídico Copyright, utilizado nesse estudo como referência aos direitos autorais se dá como base a lei brasileira. Existem leis de direitos autorais em outros países (ver mais em: <https://www.copyright.gov/title17/> Acesso em: 10 fev. 2019) e que também se utilizam do termo jurídico copyright.

REAs são apoiados pela noção que considera o próprio conhecimento como um produto social coletivo, que forma um “commons” que deve estar acessível a todos.

O digital commons é o resultado do uso de ferramentas abertas e voluntárias, como as licenças do Creative Commons e do software livre, quando da criação, da publicação e da distribuição de conteúdo educacional e científico. Ou seja, é o resultado dessa atitude de abertura. (ROSSINI, 2010, p. 217).

No site do Creative Commons<sup>13</sup> é apresentado, de forma didática, um formulário com as permissões que o autor pretende conceder em relação ao uso e ao compartilhamento. Ao responder as questões, obtém-se o registro/selo da licença pretendida. Com base nas informações disponíveis no site trazemos aqui como as licenças estão divididas:

*Atribuição CC BY* - Esta licença permite que outros distribuam remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

*Atribuição-Compartilhalgal CC BY-SA* - Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Esta licença costuma ser comparada com as licenças de software livre e de código aberto "copyleft".

*Atribuição-SemDerivações CC BY-ND* - Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, com crédito atribuído a você.

*Atribuição-NãoComercial CC BY-NC* - Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

*Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal CC BY-NC-AS* - Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

*Atribuição-SemDerivações-SemDerivados CC BY-NC-ND* - Esta é a mais restritiva das nossas seis licenças principais, só permitindo que outros façam download dos seus trabalhos e os compartilhem desde que atribuam crédito a você, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais. (CREATIVE COMMONS, 2019 s/p).

Retomando as funções apresentadas por Thompson (2013), a terceira e a quarta funções são o desenvolvimento de conteúdo e o controle de qualidade.

---

<sup>13</sup> Formulário para obter a licença. Disponível em: <https://creativecommons.org/choose/?l=pt>  
Acesso em: 10 fev. 2019

Originais que chegam à editora, prontos, são considerados uma exceção. Na maioria das vezes, são revisados e desenvolvidos com comentários do editor e de outros envolvidos. É de responsabilidade da editora de avaliar a qualidade, e verificar se o original está de acordo com as políticas editoriais.

A quinta função apresentada por Thompson (2013), é a de gerenciamento e coordenação. Como já citado por Araújo (2008), o editor supervisiona o processo de produção e também coordena a equipe de profissionais envolvidos.

O processo de produção inicia com a aprovação do original, e após essa etapa, começam os processos de edição, design e diagramação desse material. O que irá compor é definido e criado durante as seguintes etapas: projeto editorial e gráfico, escolha da tipografia, cores, dimensões, paratextos<sup>14</sup> editoriais dentre outras características. Vale ressaltar que esse processo requer muito tempo, normalmente é exercida pelo gerente da editora, responsável pelos setores específicos de produção e publicação, ou por *freelances*<sup>15</sup>. É importante evidenciar que se encontram presentes na cadeia produtiva, pois é uma das etapas em que o produtor recém-formado normalmente se insere, até como *freelancer*. Esse processo no subsetor de didáticos tem alguns elementos a mais que serão abordados quando tratarmos do mercado editorial de didáticos.

Após finalizar esse processo, o material passa pelas etapas de revisão e impressão. Em paralelo, enviam-se os arquivos para uma gráfica, que retorna uma prova para a revisão final. Após todas as alterações feitas, enfim, é aprovado para a impressão. É importante ressaltar que estamos apresentando um exemplo de processo que ocorre em uma editora, no caso com o livro. Mas que segue mais ou menos esse padrão para outros materiais.

A última função que Thompson (2013, p. 25) apresenta é a que se refere a vendas e marketing. Para o autor, ambas são distintas, porém juntou ambas em uma função. Define marketing como “uma série de atividades visando informar e encorajar clientes potenciais a comprar um livro que foi lançado”. As vendas são explicadas pelo autor como atividades exercidas pela equipe de vendas, a citar: “visitar os principais clientes [...] e informá-los dos livros que serão lançados em breve, induzir encomendas de compras e administrar as relações entre as editoras e

---

<sup>14</sup> Elementos extras que compõe a obra. Ex: ficha catalográfica.

<sup>15</sup> Profissionais que não possuem vínculos empregatícios com a editora, mas trabalham de acordo com a demanda, ou em um único trabalho.

seus principais clientes”. Nesse ponto podemos observar a relevância das editoras manterem esse contato com o público, principalmente para poder superar a concorrência diante das tecnologias.

Após essas etapas, nos vemos diante de aspectos importantes que as empresas editoriais “agregam valor”. Na perspectiva de Thompson (2013) são seis funções-chaves. E chegamos às últimas fases, que é a distribuição e a venda (para livrarias, por atacado e a distribuição para as instituições). Para entender a distribuição e venda, precisamos conhecer o mercado editorial. De acordo com a Câmara Brasileira do Livro, os conteúdos dos livros publicados no país, são categorizados em quatro subsetores: os didáticos, que servem como instrumento de aprendizado dentro das salas de aula; obras gerais, que englobam livros de literatura e afins; os religiosos, que agrupam as obras de cunho espiritual e, por fim, os científicos, técnicos e profissionais (CTP), voltados para a produção acadêmica e profissional.

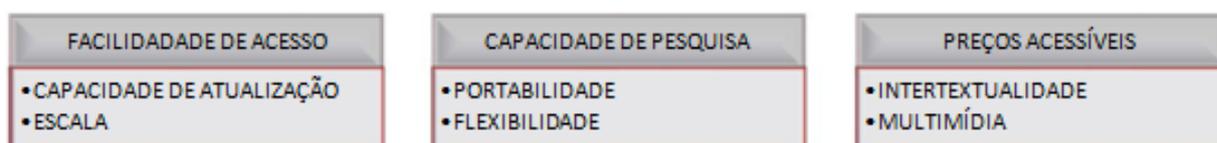
Cada segmento encontra dificuldades em relação à distribuição por conta das devoluções, conforme alerta Thompson (2013, p. 309), “para a maioria das grandes editoras comerciais, as taxas de devolução hoje, são em média, 30%”. Esse dado depende muito do segmento em que a editora se encontra. Segundo o autor, “livros que não vendem chegam a 60% de devolução; livros que vendem tendem a 30%” (THOMPSON, 2013, p. 309). Os livros presentes na *backlist* da editora tendem a ter menos devoluções, como os infantis, por exemplo.

Uma das alternativas para tentar sanar essas devoluções são as publicações online, pois além de abreviar algumas etapas, podem reduzir também os custos: Em um mundo no qual o conteúdo foi entregue na forma totalmente eletrônica, as editoras poderiam pular a maioria, se não todos os intermediários da cadeia tradicional de fornecimento de livros, e entregar conteúdo diretamente ao usuário final em seu próprio website, ou por um intermediário na internet. (THOMPSON, 2013, p. 364).

É importante ressaltar que as funções do produtor editorial na cadeia produtiva do livro é baseada na estrutura das grandes editoras, mas que pode exemplificar o processo de produção de outros produtos, impressos ou online. As funções aqui citadas exemplificam o papel do editor seja no livro ou em outros suportes publicados pelas editoras, relacionando também ao perfil do produtor editorial multimídia.

Thompson (2013, p. 369) elenca nove aspectos em que as tecnologias podem agregar valor ao conteúdo (Figura 2) a ser publicado, e ressalta que “não é algo que se aplica apenas as editoras”.

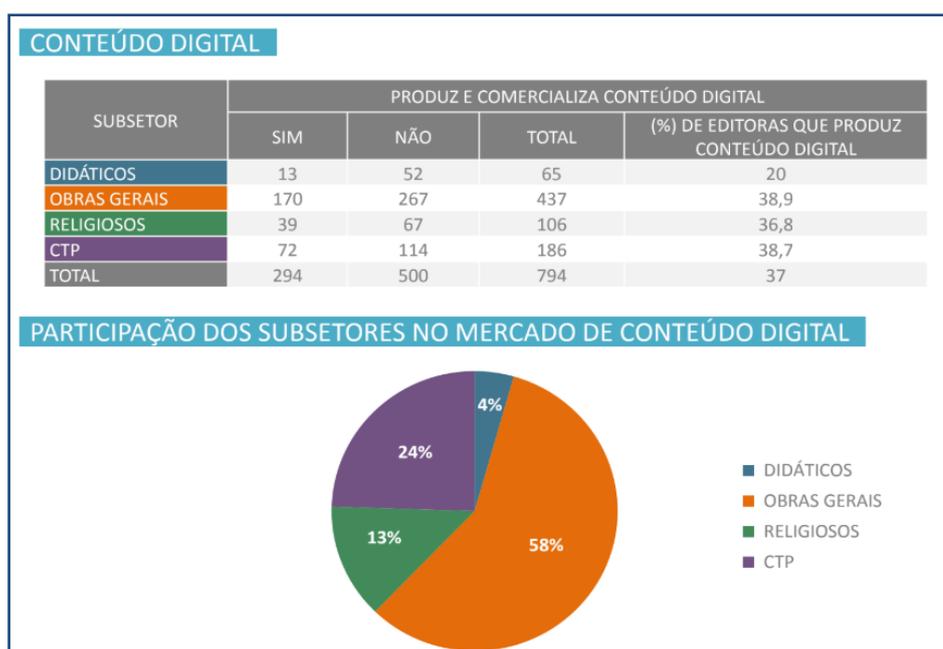
Figura 2 – Aspectos em que a tecnologia agregar valor ao conteúdo



Fonte: Adaptado de (THOMPSON, 2013, p. 369).

Os editores *freelancers*, assim como as editoras independentes, também fomentam o mercado editorial com o auxílio da inserção da tecnologia, e com as diversas formas de financiamento para a publicação. Ainda sobre essa inserção da tecnologia, é importante recuperarmos um dado do Censo do Livro Digital de 2016 onde apresenta a demanda das editoras. Nesse caso, elas produzem materiais digitais, mas a participação das editoras nessa demanda ainda é pouca, principalmente no subsetor dos didáticos, que é considerado a maior fatia do mercado quando pensamos no impresso. Conforme mostra o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Produção, comercialização e participação no mercado de conteúdos digitais.



Fonte: Censo do Livro Digital de 2016.

Outra prática que está se estabelecendo no mercado editorial didático é a produção colaborativa envolvendo autoria e coautoria. Hallewell (2012) explica que essa publicação colaborativa entre editoras e instituições, já era exercida em 1963. Na época, buscar a parceria de uma instituição era requisito para ser publicado.

[...] é o costume das coedições entre editoras e instituições educacionais. O primeiro esquema desse tipo foi estabelecido por Mário Guimarães Ferri, em 1963, quando se tornou presidente da Edusp (Editora da Universidade de São Paulo). Qualquer autor ou editor que precisasse de apoio na comercialização de um livro sobre qualquer assunto especializado de possível interesse para a Universidade era estimulado a submetê-lo à Comissão Editorial da Edusp. (HALLEWELL, 2012, p. 619).

Ainda conforme o autor, o mais importante desses programas (com base no esquema de Ferri), “foi o do Instituto Nacional do Livro (INL)<sup>16</sup>, cuja quota de exemplares em qualquer coedição destinava-se a distribuição gratuita às bibliotecas públicas. Muitas dessas, localizadas nas regiões mais pobres do país e destituídas de recursos para compras dos livros”. (HALLEWELL, 2012, p. 620).

Hallewell (2012, p. 622) destaca que esse princípio de coedição foi estendido ao campo do livro didático em 1971 pelo INL. Naquela época, só pelo programa “eram sete milhões de livros por meio do Fundo do Livro Didático<sup>17</sup>, a cerca de dois milhões de alunos pobres, e possibilitando que os restantes treze milhões de alunos das escolas primárias adquirissem seus livros a preços reduzidos em 40%”.

Importante destacar que o Governo Federal é o maior cliente das editoras. Através do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD)<sup>18</sup>, editais são lançados para a compra dos livros didáticos que serão distribuídos nas escolas públicas.

---

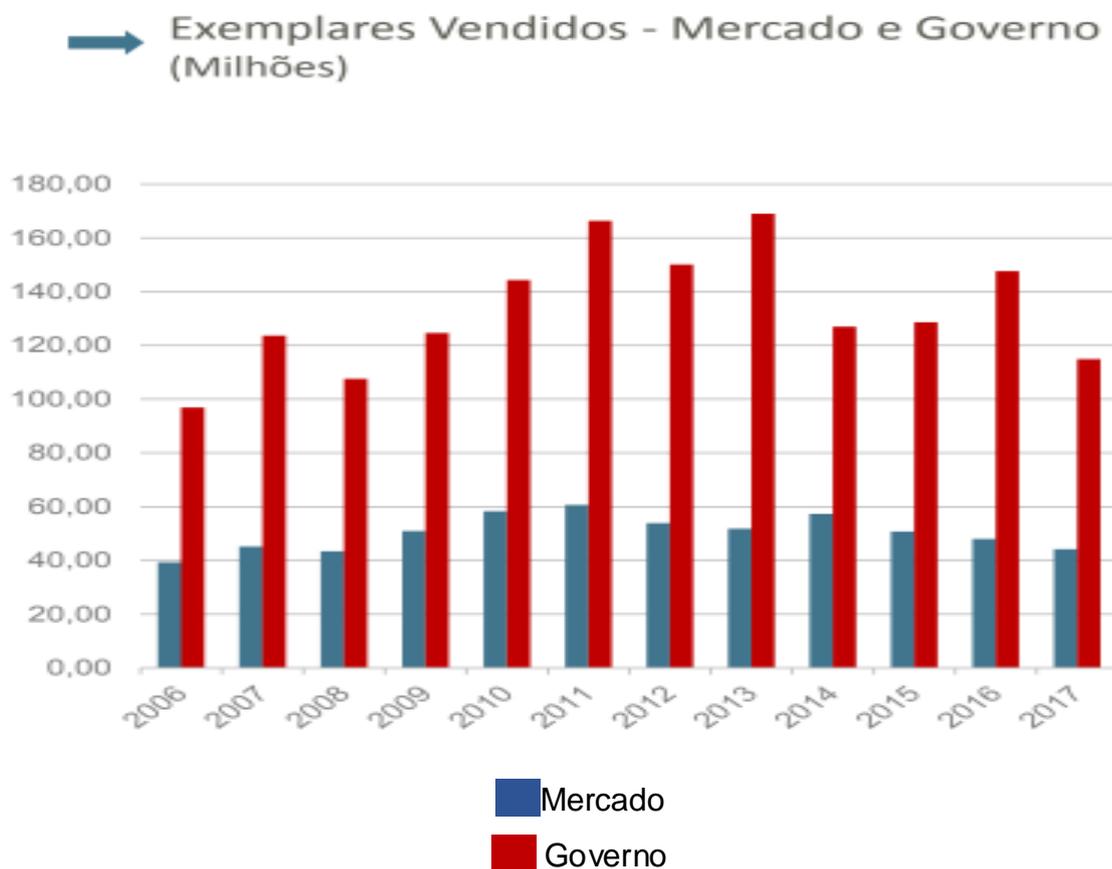
<sup>16</sup> Encerrado com a abolição do órgão pelo presidente Fernando Collor de Mello em 1991.

<sup>17</sup> Órgão representativo das autoridades educacionais federais e estaduais.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2S0UPix>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Conforme Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro ano base 2017, apresentados no Gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Faturamento e Exemplares vendidos Mercado e Comércio



Fonte: Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (2017).

O PNLD foi criado em 1985, tendo como objetivo a aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos, para os alunos da rede pública do ensino fundamental. Nesse caso, a política de planejamento, compra, avaliação e distribuição do livro escolar é centralizada no Governo Federal. Realiza-se por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a autarquia federal vinculada ao MEC (Ministério da Educação) e responsável pela captação de recursos para o financiamento de programas voltados ao ensino.

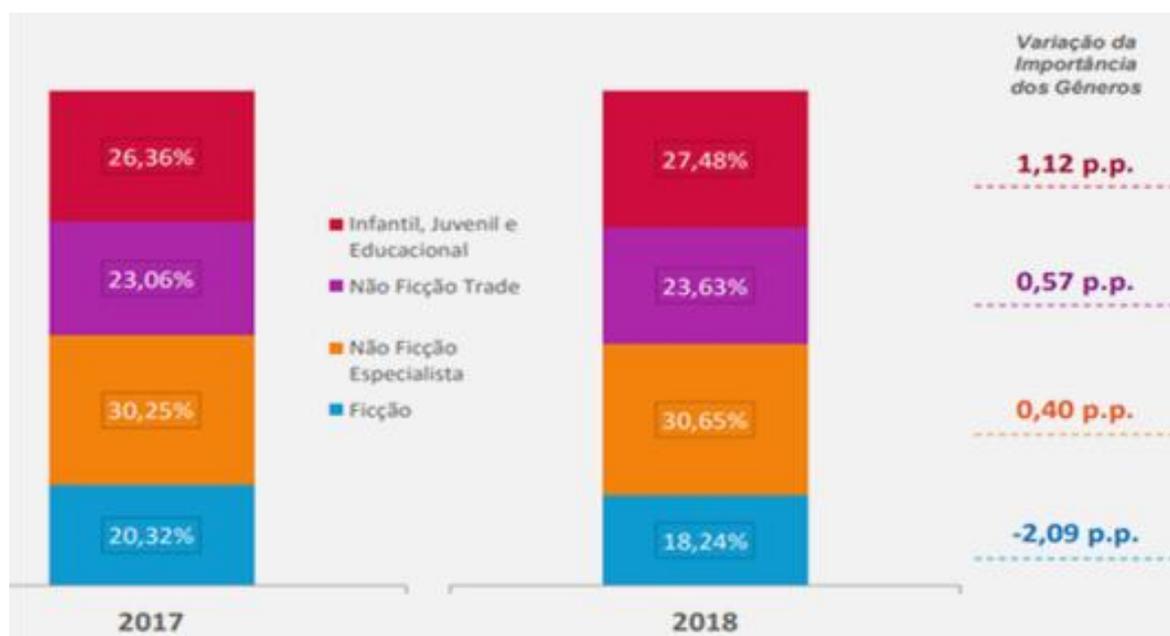
O FNDE tem um canal na plataforma do Youtube, que de acordo com as estatísticas, iniciou a publicação de vídeos em 19 de julho de 2011 e possui 450.019 visualizações, dado retirado das estatísticas do Youtube no dia 08 de fevereiro de 2019. É importante salientar esses dados, porque são iniciativas do governo para trazer as tecnologias e os processos educativos mais próximos da

população. O canal conta com tutoriais e vídeos sobre os programas apoiados pelo FNDE. E foi no canal que encontramos um vídeo que explica o processo do livro didático<sup>19</sup>, com linguagem fácil de entender. O vídeo foi publicado em 13 de novembro de 2017 e possui 10.856 visualizações, e isso nos mostra o quanto essas iniciativas ainda carecem de divulgação.

O PNLD é executado por meio de ciclos trienais alternados, em que é liberado um edital pelo governo, que especifica todos os conteúdos e características que os livros de Matemática, Português, Literatura, Ciências, dentre outras disciplinas devem conter. Os valores destinados para a compra de livros didáticos são tão elevados, que as receitas dessas editoras são separadas entre as vendas para o varejo e as vendas para o governo.

De acordo com a pesquisa “Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro”, realizada anualmente pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) a pedido do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o segmento editorial didático é o líder em vendas, e o governo é apresentado como o maior financiador devido aos programas, conforme apresenta a Figura 3:

Figura 3 – Importância dos gêneros em relação ao faturamento

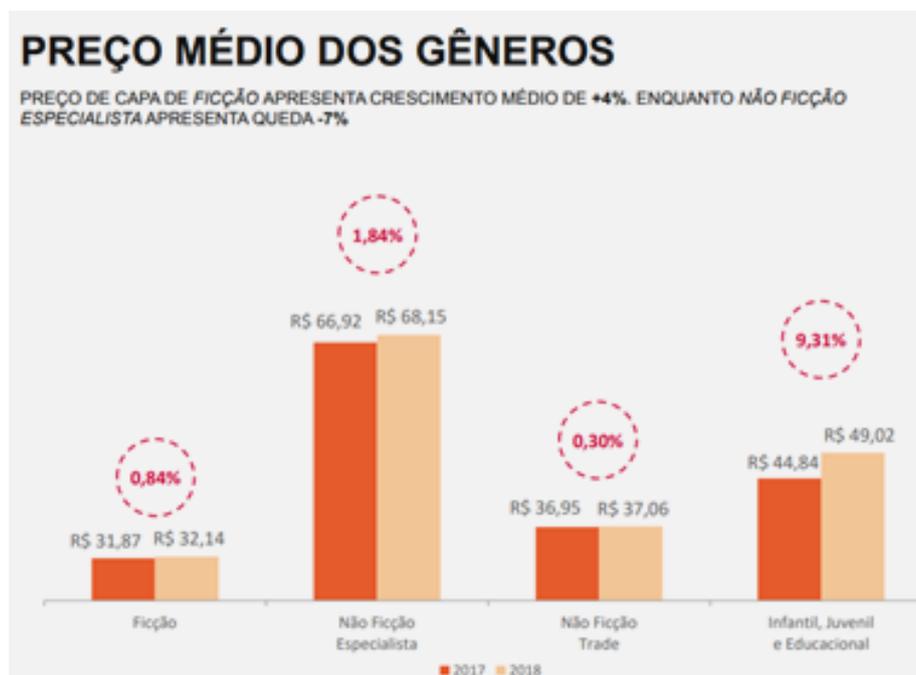


Fonte: Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (2017).

<sup>19</sup> A Fantástica História dos Livros Didáticos - PNLD (Programas do Livro - 80 anos). Disponível em: <https://bit.ly/2WZ9G0v>. Acesso em 08 fev. 2019.

Ainda segundo a pesquisa, outro dado relevante é a valorização do preço de capa dos livros relacionados ao mercado educacional, conforme apresenta um crescimento na Figura 4:

Figura 4 – Preço médio do valor de capa por gênero



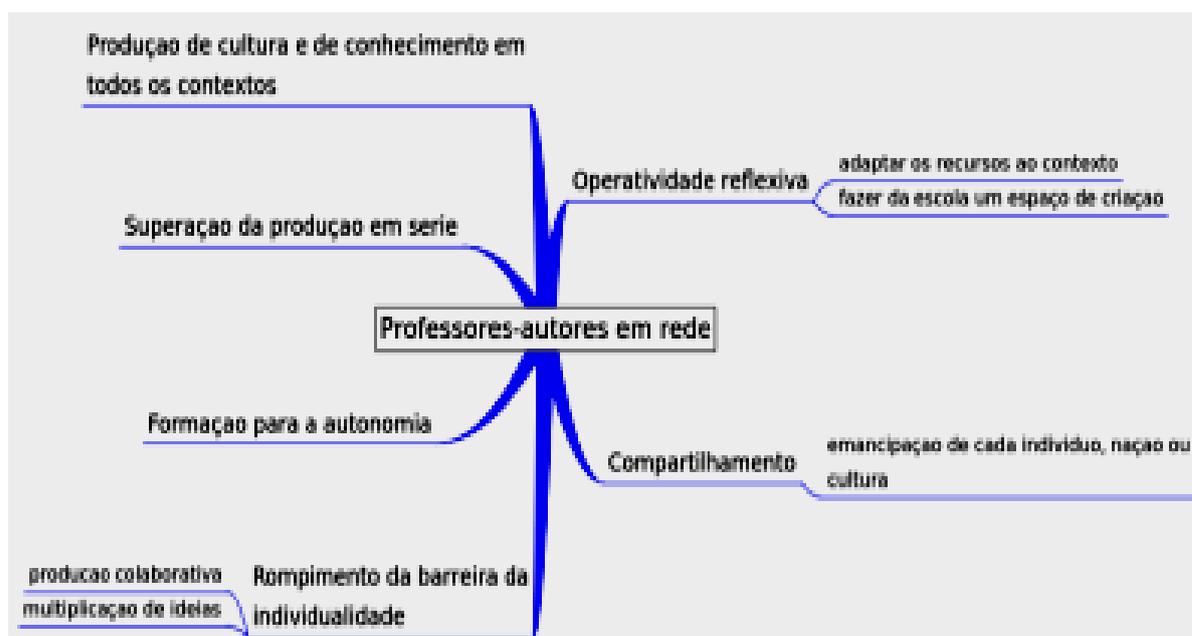
Fonte: Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (2017).

Essa presença se justifica pelo fato de o principal cliente desses grandes grupos editoriais, ser o próprio Governo Federal, a partir de programas que visam subsidiar o trabalho pedagógico dos professores ao adquirir materiais que auxiliem os alunos de educação básica. Consultamos o Guia PNLD 2019<sup>20</sup>, para verificar se o mesmo contempla ou não esse apelo dos professores, como também do mercado editorial por conteúdos inovadores e por recursos a serem trabalhados na educação aberta. O guia digital disponível no site do programa contempla “a inclusão do componente curricular Arte, e às coleções de obras integradas”. Isso demonstra a real importância tanto das vivências estarem relacionadas ao conhecimento, quanto às disciplinas convergindo e se integrando numa perspectiva interdisciplinar. Diferente da versão anterior, a de 2019 apresenta uma página para os Recursos Educacionais Abertos.

<sup>20</sup> Disponível em: [http://pnld.nees.com.br/pnld\\_2019/inicio](http://pnld.nees.com.br/pnld_2019/inicio). Acesso em: 13 fev. 2019.

O PNLD 2019 incentiva a produção colaborativa, autoria e coautoria dos professores por meio dos REAs, e traz duas plataformas do MEC como suporte, que são a RELiA e a Plataforma MEC-RED. Nesse sentido, nos reportamos a Pretto (2012) apud Jacques, (2014, f. 82) que apresenta, na figura abaixo, possibilidades dos Professores atuarem em rede.

Figura 5 – Professores-autores em rede



Fonte: Jacques (2014, f. 82) com base em Pretto 2012.

Essas possibilidades de atuação em rede também poderiam ser inseridas no material didático, como um conjunto de textos, imagens e de recursos, ao ser concebido com a finalidade educativa. Implicaria também na escolha de um suporte ou na aliança entre o impresso e o digital. De acordo com Bandeira (2009, p. 10), a utilização e combinação de diferentes meios e tecnologias de informação e comunicação, para o desenvolvimento de processos educacionais permite, “[...] atender as necessidades especiais e desenvolver produtos customizados para as diversas demandas”.

Espera-se, sobretudo, que o livro didático viabilize o acesso de professores, alunos e famílias a fatos, conceitos, saberes, práticas, valores e possibilidades de compreender, transformar e ampliar o modo de ver e fazer a ciência, a sociedade e a educação. Assim, iniciativas editoriais que associem correção conceitual, adequação de atividades e procedimentos, atualização pedagógica e reflexão sobre

as interações entre ciência, tecnologia e sociedade, constituem importantes instrumentos de apoio e qualificação do ensino.

Em relação a essas iniciativas o Grupo A que é referência no segmento de CTPs, em 2010 iniciou uma nova fase nos negócios voltada para a educação e TICs ao pensar no desenvolvimento dos estudantes e não só no conteúdo. Conforme é apresentado na página do site:

O Grupo A está preparado para ajudar pessoas e instituições a encontrarem respostas para os desafios da educação. Estudantes, professores, médicos, engenheiros, psicólogos. Profissionais das carreiras que ainda não têm nome. Universidades, escolas, hospitais e empresas das mais diferentes áreas. O Grupo A está ao lado de cada um. E também está nas suas mãos. Nos seus conteúdos virtuais. E no lugar mais importante: nas suas mentes<sup>21</sup>.

Além dos selos Artmed Editora, Bookman Editora, Penso Editora, Artes Médicas e McGraw-Hill, o grupo representa a *Blackboard*<sup>22</sup> no Brasil.

E também aquisições voltadas à tecnologia para a educação e educação a distância, portais de conteúdo e educação corporativa e plataformas de conteúdo.

Essas aquisições buscam atender a necessidade de soluções inovadoras para o mercado, como é afirmado na página "quem somos" do site<sup>23</sup> da SAGAH ao abordar sobre como eles veem a educação.

O futuro da Educação já chegou! Aprender é não apenas uma jornada única e pessoal, mas também uma sequência de descobertas. As novas tecnologias estão revolucionando a forma como as pessoas ensinam e aprendem, porém, mesmo com uma tecnologia de ponta, isso não é tudo. É preciso que as novas plataformas ofereçam conteúdos altamente qualificados, e que especialistas nessa nova realidade consigam conectar esse conteúdo à realidade do aluno. Mais ainda, é necessário que todo esse sistema esteja ao alcance do estudante, onde, como e quando ele precisar. (SAGAH, 2018 s.p)

Nos últimos anos, com o avanço tecnológico, processos de financiamento coletivo, editais de fomento da produção de recursos didáticos e a demanda de produzir materiais interativos e inovadores, são grandes os desafios do mercado.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www.grupoa.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

<sup>22</sup> Líder mundial no setor de soluções tecnológicas para a Educação.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://sagah.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Surge assim à possibilidade de pensar a apropriação da educomunicação como uma filosofia de trabalho pelo produtor editorial, voltado à produção de material didático e mais especificamente de REA como visto acima. Para Antunes (2002, p. 8):

Negar a evidência dessa nova educação seria fechar os olhos para a Internet, seria esquecer que o novo professor precisa antes transformar a informação que ministrá-la, (...) e seria fazer de conta que a presença do computador na sala de aula representa apenas um acréscimo de recurso, mais ou menos a mesma coisa que as salas de antigamente, com ou sem o mimeógrafo tradicional.

Para elucidar melhor essa demanda trazemos alguns resultados do que foi observado pela pesquisadora em uma viagem de estudo feita pelo curso de Pedagogia da UFSM, na disciplina de Seminários Pedagógicos, no período de 10 a 14 de dezembro de 2018. Tudo começou com a proposta da disciplina em aliar a teoria com a vivência de experiências pedagógicas. Trabalhamos em sala de aula com debates e dinâmicas ricas e criativas dialogando com pedagogias e métodos que se diferenciam dos tradicionais, tais como: Montessori, Réggio Emilia, Escola da Ponte, Waldorf, Casinha Amarela, Malaguzzi, Metodologias Ativas, entre outros. Após o período da abordagem teórica, fomos a campo para conhecer experiências inovadoras em diferentes níveis de ensino, e em espaços públicos e privados.

Para detalhar esse contexto trazemos a seguir, um pouco do que conhecemos da experiência de cada escola com base na observação direta e na apresentação feita de cada espaço. Além disso, fizemos a mesma pergunta norteadora em todos os locais visitados, cujo resultado apresentaremos no final da apresentação das Escolas: Com a apropriação dessas pedagogias e métodos diferenciados do tradicional, onde e como é utilizado o livro didático?

Os espaços visitados foram: Cidade Escola Ayni – Fundação Ayni<sup>24</sup> em Guaporé, RS; Escola Despertar<sup>25</sup> – Porto Alegre, RS; Colégio Sesi<sup>26</sup> – São José dos Pinhais, PR; Faculdade da indústria<sup>27</sup> – São José dos Pinhais, PR; Casinha Amarela – Curitiba, PR; Escola da Toca – Fazenda da Toca – Itirapina – SP; CIEJA – Campo Limpo, SP; Associação Comunitária Monte Azul – São Paulo Capital, SP; Centro Educacional Menino Jesus – Florianópolis, SC.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.fundacaoayni.org/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.escoladespertar.com.br/site/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.colegiosesi.org.br/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2RVQYTO>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Foi possível perceber, por meio da apresentação da coordenação e da observação direta, que na maioria dos lugares por onde passamos, utilizam-se da observação, da avaliação processual, e o livro didático acaba sendo um apoio para o professor ou utilizado como atividade de fixação. Essas informações geram para a editora um trabalho maior e uma demanda de materiais para além do livro didático. Daí a importância da formação do produtor editorial para compreender esse mercado e essa demanda. Papert (2001) faz referência às condições dos cidadãos do futuro e das habilidades dos profissionais:

Os cidadãos do futuro precisam saber como lidar com desafios. Precisam saber como enfrentar um problema inesperado para o qual não há uma explicação preestabelecida. Precisam adquirir habilidades necessárias para a construção do novo ou então resignar-se a uma vida de dependência. A verdadeira habilidade competitiva é a habilidade de aprender. Não deve-se aprender a dar respostas certas ou erradas, tem-se que aprender a solucionar problemas (PAPERT, 2001, p. 59).

Vemos o livro didático ligado à escola tradicional, e ele está perdendo seu espaço com as demandas propostas pelos estudantes. Dos programas e editais como o do PNLD, surge espaço para novos pensamentos e alternativas para a educação. O próprio livro didático, os entrevistados não descartam, o que se vê nesses locais é a atenção individual e em grupo. O que é produzido são os materiais e não as aulas. Esses gestores, com novas ideias para a educação, pensam o livro didático como um apoio ou roteiro e não um livro mestre com todo o conteúdo da disciplina. Silva (2011), da mesma maneira, reforça o discurso em relação à dominância da utilização do material didático na escola:

Além de consagrado em nossa cultura escolar, o livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. (SILVA, 2011, p. 806).

No próximo capítulo veremos a Educomunicação como uma possibilidade de contribuição na gestão da comunicação nos espaços educativos, e também na gestão do processo de produção do livro didático. Percebemos que não basta apenas ter o acesso às tecnologias, mas manter o uso pedagógico para que os professores e gestores utilizem os recursos tecnológicos, reconhecendo o potencial criativo, participativo e inovador. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCN), “Aprender a conhecer garante o aprender a aprender e constitui o passaporte para a educação permanente, na medida em que fornece as bases para continuar aprendendo ao longo da vida”. (PCN, 2000a, p. 16).

A interação social que provoca a aprendizagem deve ocorrer dentro da “zona de desenvolvimento proximal”. A zona de desenvolvimento proximal é definida por Vigotsky (1988) como:

A distância entre o nível de desenvolvimento cognitivo real do indivíduo, tal como medido por sua capacidade de resolver problemas independentemente e o seu nível de desenvolvimento potencial, tal como medido através da solução de problemas sob orientação ou em colaboração com outros companheiros. (VIGOTSKY, 1988, p. 97).

Diante desse cenário, o PCN contempla o aspecto da colaboração e da interação social. E como já abordamos esse aprendizado tem resultados em escolas que utilizam desse ensino:

É necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo. Isso implica o estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados. (PCN, 2000, p. 35).

É baseado nesses princípios, que os profissionais ligados a educação devem preocupar-se em buscar formas de promover o aperfeiçoamento e as adequações necessárias no processo de ensino- aprendizagem, fornecendo subsídios para criar, inovar, encontrar soluções e tomar decisões com autonomia. “Cabe à escola, em parceria com o mercado, o Estado e a sociedade, fazer do jovem um cidadão e um trabalhador mais flexível, e adaptá-lo às rápidas mudanças que a tecnologia vem impondo à vida moderna”. (PCN, 2000a, p. 118).

Abordaremos no próximo capítulo o paradigma da educomunicação que pode corroborar com as demandas desses profissionais, além de contribuir para uma pedagogia mais dialógica com foco no processo de ensino-aprendizagem e não apenas nos resultados.



### 3 O PARADIGMA DA EDUCOMUNICAÇÃO

Inseridos em um contexto que demanda uma educação cada vez mais aberta, comunicativa e inovadora, nesse capítulo abordaremos as possíveis contribuições da educomunicação para a gestão da comunicação em espaços educativos. Entende-se que na produção de materiais didáticos encontramos vários desafios nessa gestão.

O termo educomunicação surgiu nos anos 70 a partir do comunicador popular Mário Kaplún que, a partir de Freire, afirmava que “todo proceso educativo es un proceso de comunicación”. (KAPLÚN, 1976, p. 9). Paulo Freire (1979) pensava a educação de forma dialógica. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1979, p. 69).

O conceito foi sendo ampliado e ganhando novos sentidos sendo legitimado como “um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da educação escolar quanto da comunicação social”. (SOARES, 2006, p. 1). Segundo o autor, a educomunicação é um conceito autônomo que considera as experiências de vida, promove os educandos como produtores de conhecimento, “o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais”. (SOARES, 2014, p. 17).

Nessa interface entre a comunicação e a educação (educomunicação), Soares (2011, p. 47-48) identifica seis áreas de intervenção social que não são excludentes, mas complementares: educação para a comunicação, mediação tecnológica, gestão comunicativa e reflexão epistemológica:

A área da *educação para a comunicação*, já referendada no capítulo introdutório, tem como objeto a compreensão do fenômeno da comunicação, tanto no nível interpessoal e grupal quanto no nível organizacional e massivo. Volta-se, em consequência, para o estudo do lugar dos meios de comunicação na sociedade e seu impacto. Faz-se presente, entre outros modos, pela implementação de programas de recepção pedagogicamente organizados (media education, educación em médios), fundamentados na contribuição das ciências humanas.

A área da *expressão comunicativa* através das artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Todo estudo da história e da estética das artes - que representa um valor em si mesmo - está a serviço da descoberta da multiplicidade das formas de expressão, para além da racionalidade abstrata. Esta área aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que

voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística, concebida como uma produção coletiva, mas como performance individual.

A área da *mediação tecnológica* na educação preocupa-se com os procedimentos e as reflexões sobre a presença das tecnologias de informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa, garantido, além da sensibilidade, as formas democráticas de sua gestão. Trata-se de um espaço de vivência pedagógica muito próxima ao imaginário da criança e do adolescente, propiciando que não apenas dominem o manejo dos novos aparelhos, mas que criem projetos para o uso social das invenções que caracterizam a Era da Informação. Esta área aproxima-se das práticas relacionadas ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), sempre que entendidas como uma forma solidária e democrática de apropriação dos recursos técnicos.

A área da *pedagogia da comunicação* referenda-se na educação formal (o ensino escolar), pensando-a como um todo. Mantém-se atenta ao cotidiano da didática, prevendo a multiplicação da ação dos agentes educativos (o professor e o aluno trabalhando junto), optando, quando conveniente, pela ação através de projetos.

A área da *gestão da comunicação* volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção, apontando em, inclusive, indicadores para avaliação de ecossistemas comunicacionais. Converte-se, nesse sentido, numa área central e indispensável, exigindo o aporte de um especialista, de um coordenador, de um "gestor", enfim. Cabe a este não apenas incentivar os educadores para que façam a melhor opção em termos das áreas de intervenção, mas também suprir as necessidades do ambiente no que diz respeito aos espaços de convivência e as tecnologias necessárias.

A área da *reflexão epistemológica* dedica-se a sistematização de experiências e ao estudo do próprio fenômeno constituído pela inter-relação entre educação e comunicação, mantendo a atenção especial à coerência entre teoria e prática. (SOARES, 2011, p. 47-48)

Pensamos que no contexto de nosso estudo, a educomunicação pode contribuir na atuação do produtor editorial voltado a educação, e também dos professores para aprimoramento de processos participativos e de gestão comunicativa. Nas palavras de Soares (1999, p. 4):

A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas e educação a distância, nos centros culturais, entre outros.

Em relação à conexão dessa gestão comunicativa com o aprendizado, Kaplún (2011) cita às tramas de interações, para desenvolver a competência comunicativa dos sujeitos educandos e interlocutores:

Educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e pôr a disposição dos educandos. Uma Comunicação Educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução e intercomunicação. (KAPLÚN, 2011, p. 183).

Assim, a educomunicação vai além do uso das tecnologias, e não se resume em educação ou comunicação, ela inter-relaciona os dois campos em uma comunicação educativa e uma educação comunicativa. Para tanto, utiliza-se dos processos comunicacionais e múltiplas linguagens, assim como as filosofias da educação na transformação do ser social em um ser comunicante, crítico, participativo e político:

Educomunicação inclui, sem reduzir-se, o conhecimento das múltiplas linguagens e meios através dos quais se realiza a comunicação pessoal, grupal e social. Abrange também a formação do senso crítico, inteligente, diante dos processos comunicativos e de suas mensagens, para descobrir os valores culturais próprios e a verdade. (CENECA. UNICEF. UNESCO, 1992 apud APARICI, 2014, p. 29).

A introdução da educomunicação busca desencadear a formação de ecossistemas comunicativos no ambiente de aprendizagem, que segundo Soares (2014, p. 17), são “abertos e participativos, garantidos por uma gestão democrática dos processos de comunicação nos diferentes ambientes de relacionamento humano”. Por sua vez, Martín-Barbero aborda que “a escola deve pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos ecossistemas comunicativos, que são formados pelos conjuntos de linguagens, escritas, representações, e narrativas que alteram a percepção”.

Soares faz uma releitura do conceito ecossistema comunicativo como uma figura de linguagem:

Para nomear um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive as potencialidades dos meios de comunicação e suas tecnologias. (SOARES, 2011, p.44)

Um ambiente dialógico que fomenta o debate, a produção colaborativa e a possibilidade do exercício da co\utoria. Sob esse aspecto, a educomunicação volta-se para a valorização do processo de aprendizagem, o que estimula o empoderamento dos participantes. A partir de Soares (2014, p. 156), assim “garantem-se o acesso, a participação [...]; valoriza-se o saber local, comunitário, e a representatividade de todos os membros do grupo”. Kaplún (1998, p. 210) colabora com essa ideia:

Una educación —sea ella presencial o a través de medios— capaz de responder a los desafíos formativos contemporáneos habrá de proponerse activar las potencialidades de autoaprendizaje y coaprendizaje que se encuentran latentes en sus destinatarios y estimular la gestión autónoma de los educandos en su «aprender-a-aprender», en su propio camino hacia el conocimiento: la observación personal, la confrontación y el intercambio, el cotejo de alternativas, el razonamiento crítico, la elaboración creativa. Así concebida, más que de una enseñanza a distancia sería propio hablar de una autoeducación orientada.

Sobre essa possibilidade de uma aprendizagem mais participativa e dialógica, Tapscott (1999, p. 141) salienta que “[...] o professor é igualmente importante e valorizado [...] e é essencial para criar e estruturar a experiência do aprendiz, [...] os alunos debatendo, pesquisando e colaborando em projetos”. Também dialoga com Kaplún (1998), que afirma a importância da sensibilidade do professor para aprender com o estudante quando ele se comunica, e que o aprendiz também se dá pela interação de estudante com estudante. “Los educadores lo sabemos por experiencia: la mejor forma de aprender algo es tener que enseñarlo (es decir, comunicarlo) de un modo organizado y comprensible”. (KAPLÚN, 1998, p. 234). O autor também argumenta a importância da mediação nessa relação “sino para acompañar al otro, para estimular ese proceso de análisis y reflexión, para facilitárselo; para aprender junto a él y de él; para construir juntos”. (KAPLÚN, 2002, p. 45).

Nesse sentido, temos que admitir que o material didático disponibilizado pode potencializar ou obstruir esse processo que deve ser aberto, crítico e dialógico. Freire e Shor (1986, p. 64) defendem:

[...] o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...] Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos.

Para que isso ocorra, além de um material didático adequado e qualificado e da formação do produtor editorial, é importante que o professor receba uma formação que dê conta do desenvolvimento de competências comunicativas. Com essa aproximação do cotidiano midiático dos alunos o processo educativo se torna mais atrativo. Além de competências comunicativas, o desenvolvimento da autoria e coautoria, de acordo com Orlandi (2009, p. 76), o autor é o sujeito que, “tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa pela linguagem uma posição na ordem em que está inscrito, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc”.

Diante desse cenário e do paradigma educomunicativo, nos reportamos a pedagogia de projetos pela qual os estudantes não entram em contato com os conteúdos de maneira abstrata ou de modo teórico, mas na busca das soluções de questões propostas. Segundo Querino (2003, p. 22-23) a pedagogia de projetos:

Deve conduzir o aluno a compreender, a dar significado e a fazer a conexão da disciplina com todas as áreas do conhecimento, levando o conhecimento não sistematizado ao encontro do conhecimento acadêmico, isto é, o que o aluno já conhece se une às investigações para novos conhecimentos. [...] um projeto caracteriza-se por ser uma proposta que favorece a aprendizagem significativa, pois sua estrutura de funcionamento cria grande motivação nos alunos e oportunidade de trabalho com autonomia.

Aliado a pedagogia de projetos, Kaplún (2002, p.47, tradução nossa) nos apresenta uma educação problematizadora e processual ao afirmar sobre a aprendizagem e as atitudes dos sujeitos que “tem que ser participativo, porque só participando, investigando, fazendo perguntas e buscando respostas, problematizando e problematizando-se se chega ao conhecimento”.

E que a educação que coloca ênfase no processo:

Destaca la importancia del proceso de transformación de la persona y las comunidades. No se preocupa tanto de los contenidos que van a ser comunicados, ni de los efectos en término de comportamiento, sino de la interacción dialéctica entre las personas y su realidad; del desarrollo de sus capacidades intelectuales y de su conciencia social ( KAPLÚN, 2002 p. 17).

Nessa “Geração Net” denominada por Tapscott (1999, p. 3), “querem ser usuários – não apenas espectadores ou ouvintes.” Já, na perspectiva de Amarante (2012, p. 96), os jovens desejam ser protagonistas, ou seja, “enquanto pessoas em formação, os jovens poderão agir como atores sociais dentro de um processo transformador.”.

Nesse formato de educação, os temas geradores,<sup>28</sup> propostos por Freire em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1987, p. 53), são um dos potencializadores e isso cabe também ao livro didático trazer um roteiro de atividades baseadas em experiências. Nesse sentido, dialoga com Nogueira (2001):

Um projeto é antecedido de fatores impulsionantes como a necessidade e o interesse em investigar mais sobre um tema ou assunto, e são esses fatores que motivarão o sujeito a iniciar sua busca e sua pesquisa, dando espaço para o surgimento do novo, permeando ações que levarão à efetiva realização desse projeto. (NOGUEIRA, 2001, p. 90).

Outro fator importante que devemos levar em conta, é que essa aprendizagem não pode se limitar ao espaço da escola conforme ressalta Nied (2003):

As discussões, as pesquisas e os resultados obtidos não devem ser limitados ao espaço da Instituição, pois consideramos a interação com a Comunidade importante não só por levar as reflexões para além do grupo que participa do Projeto mas, principalmente, porque é na comunidade que encontramos condições reais sobre as quais as discussões são realizadas.

Sobre a possibilidade de o estudante ser protagonista no processo de aprendizagem, Kaplún (1998) explica como se dá essa transformação, e o rompimento da cultura do silêncio por meio do direito a expressão com diferentes linguagens e formas de aprendizagem:

---

<sup>28</sup> “Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como a ação por eles provocada, contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas”. (FREIRE, 1987, p. 53). Disponível em: <https://bit.ly/1YLhheK>. Acesso em: 07 fev. 2019.

En todas las experiencias de educación popular, esta práctica de La expresión se ha revelado siempre como un motor del crecimiento y la transformación de los educandos. El participante que, rompiendo esa dilatada cultura del silencio que le ha sido impuesta, pasa a «decir su palabra» y construir su propio mensaje —sea un texto escrito, una canción, un dibujo, una obra de teatro, un títere, un mensaje de audio, un vídeo, etc.— em ese acto de producción expresiva se encuentra consigo mismo, adquiere (o recobra) su autoestima y da un salto cualitativo en su proceso de formación. (KAPLÚN, 1998, p. 212).

Mediante esse processo, que envolve sujeitos interlocutores e não mais produtor-receptor, professor-aluno, a comunicação educativa potencializa o processo de ensino-aprendizagem, conforme explica Amarante (2012, p. 162):

Em seu contato diário com o aluno, o professor pode incorporar o trabalho de comunicação aos processos educativos, em função dos temas abordados na escola, bem como da idade, classe social e especificidades culturais, econômicas e políticas da comunidade onde ela se insere. E para que obtenha uma resposta participativa, adaptar os conteúdos, métodos, ferramentas, formas de expressão etc., à reflexão sobre os valores fundamentais de cidadania.

A autora aponta, inclusive, que uma das formas de se aproximar desse jovem emissor é justamente através da compreensão de seu universo cultural, revelado pela linguagem que utiliza em suas mensagens e a partir da qual transmite suas opiniões e idealizações. Trata-se da importância e necessidade de criar espaços e possibilidades tanto no material didático, quanto na sala de aula para o estudante sentir-se pertencente e participante do próprio processo de aprendizagem. Amarante (2012, p. 155) destaca:

Ao realizar um trabalho criativo no ambiente escolar, este aluno estaria sendo valorizado e reconhecido pelo grupo ao qual pertence, a partir de suas potencialidades, obtendo como retorno uma “reconstituição” pessoal necessária ao reforço de seus próprios vínculos sociais.

Percebe-se o potencial emancipatório da apropriação da comunicação, não apenas de forma instrumental, mas principalmente cultural que interfere nas formas de produção e interação do conhecimento.

Conforme recomenda Kaplún na sua obra *Una Pedagogía de la Comunicación* (2002) essa participação/processos deve se dar de forma radical, ou seja, deve ser desenvolvidos com os sujeitos e não para nem sobre os mesmos.

Es ver a la educación como un proceso permanente, en que el sujeto va descubriendo, elaborando, reinventando, haciendo suyo el conocimiento. Un proceso de acción-reflexión-acción que él hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, **junto con los demás**. (KAPLÚN, 2002 p.45 grifo nosso)

Essa perspectiva educomunicativa, dialógica, criativa, crítica e colaborativa, capaz de deflagrar a formação de ecossistemas comunicativos conectando diferentes saberes e sujeitos, dialoga com a ideia de Sousa Santos (2007). O autor propõe pensarmos a formação de uma “ecologia de saberes”, uma vez que um conhecimento que pretende ser emancipatório não se constrói unicamente pelo saber científico, mas tem que dialogar com a diversidade de saberes presentes na sociedade. Importantíssimo potencializar esses saberes porque conforme Kaplún (2011):

À medida que o ensino foi se massificando, restou cada vez menos espaço para a comunicação e os intercâmbios entre os educandos. Mas não só menos espaço: também menos interesse e menos vontade para propiciá-lo, menos consciência do alcance do diálogo como componente necessário da ação educativa. Dissimuladamente, sem apregoá-lo, foi sendo deslocado e substituído pelo paradigma informacional. (KAPLÚN, 2011, p. 178).

Nesse contexto, a educomunicação pode contribuir para evitar o desperdício de saberes e experiências a que se refere Sousa Santos (2007), uma vez que caracteriza-se por uma gestão participativa, problematizadora e democrática, voltada a formação de consciência crítica para emancipação dos sujeitos. Na perspectiva de Kaplún (1998), esses saberes e competências são fundamentais para o corpo social democrático:

[...] tiene que ser así, participativo, no sólo por una razón de coherencia con la nueva sociedad democrática que busca construir, sino también por una razón de eficacia: porque sólo participando, involucrándose, investigando, haciéndose preguntas y buscando respuestas, problematizando y problematizándose, se llega realmente al conocimiento. (KAPLÚN, 1998, p. 52).

Ao tentar responder a essas necessidades a partir de Freire (1971), tanto Soares (2014) quanto Kaplún (2014) partem do princípio que a escola pode

proporcionar esses espaços de construção do conhecimento, em que os alunos possam utilizar-se de suas experiências para compor o conhecimento, mediante uma produção colaborativa que incentive a autonomia. Kaplún (2014, p. 67) alerta que “uma educação [...] capaz de responder aos desafios formativos contemporâneos deverá ativar potencialidades de autoaprendizagem e coaprendizagem [...] estimular a gestão autônoma dos educandos em seu aprender a aprender”. Subjacente a ideia de Kaplún, Soares (2014, p. 22) complementa que “quanto à produção comunicativa, no caso da educomunicação o que mais importa é aquela que a própria criança e adolescente produzem colaborativamente”.

A partir desses conceitos de autoaprendizagem e coaprendizagem, aprender a aprender, autonomia e produção colaborativa, o sujeito envolve-se no processo como coautor, e é incentivado a colocar suas ideias em pauta e a debater. Isso o leva ao rompimento do silêncio, que na visão de Sousa Santos (2007, p. 55) representa um dos mais fortes desafios: “como fazer o silêncio falar de uma maneira que produza autonomia e não a reprodução do silenciamento”. E nesse sentido, Kaplún (2014, p.69) argumenta que “o participante, ao romper, essa cultura dilatada do silêncio que lhe foi imposta, passa a “dizer sua palavra” e a construir sua própria mensagem, seja ela em um texto escrito, uma canção, [...], um vídeo etc.”.

Em seu texto intitulado “Uma pedagogia da comunicação”, Kaplún (2014) resume duas premissas para a construção de uma comunicação educativa:

A apropriação do conhecimento pelos alunos se catalisa quando eles são instituídos e potencializados como emissores. Seu processo de aprendizagem é favorecido e incrementado pela realização de produtos comunicáveis e efetivamente comunicados. (II) Se educar for envolver em um processo de múltiplas interações um sistema será mais educativo quanto maior for a trama de fluxos comunicacionais que souber abrir e pôr a disposição dos educandos. (KAPLÚN, 2014, p. 78).

A oferta desses “produtos comunicáveis” está cada vez mais presente na formação dos educandos e na comunidade escolar, seja na ambiência digital como nas mídias tradicionais. O contato com a informação está cada vez mais rápido e fragmentado, influenciando as vivências e a formação do conhecimento. Para dar conta dessa demanda, Sartori et al. (2014, p. 70) alertam sobre a importância da comunidade escolar estabelecer um diálogo entre os seus conteúdos e as vivências de seus alunos fora dos muros da escola. Caso contrário, “a ampliação dos ‘índices

comunicativos' entre professores e alunos tem grandes chances de não ocorrer ou ocorrer de modo superficial e sem grandes significados para ambos".

Já Sousa Santos (2007, p. 57) evidencia que "todo saber é local", não podemos nos distanciar da natureza do nosso saber porque ele é contextualizado pela nossa cultura. O autor ressalta que "é preciso conversar muito mais, dialogar muito mais, buscar outra metodologia de saber, ensinar e aprender".

Diante desse contexto, Baccega (1994) nos lembra de que temos acesso a um "mundo editado", que oferta uma gama de informações que contribuem para formação do conhecimento, e que chega até nós por meio de "filtros":

O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que "apareça" no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. (BACEGA, 1994, p. 7).

Ainda conforme a autora, os meios de comunicação "são a fonte primeira que educa", e entender como se dá o seu processo faz com que seja possível trabalhar os meios em atividades educacionais. Nas suas palavras:

[...] torna-se fundamental conhecer como funcionam os meios, para que tenhamos condições de conhecer melhor o mundo, buscando desvendar os mecanismos usados na sua edição. Só desse modo poderemos trabalhar adequadamente esses meios em nossas atividades educacionais. (BACEGA. 1994, p. 8).

A partir da definição acima, entendemos a apropriação dos conhecimentos gerados a partir da educomunicação como fator fundamental para que os educandos e educadores possam criar e modificar a sua realidade. Em função disso, é necessário compreender que o material didático, a exemplo dos meios de comunicação, também são editados. A educomunicação é o que impulsiona que cada professor/estudante possa fazer suas reedições. Kaplún (2011, p. 182) reitera que:

Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino/aprendizagem deve, então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência linguística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo.

Para Gómez (2002, p. 68), a escola precisa ser “capaz de orientar os diversos aprendizados dos seus estudantes”. Segundo o autor, ela tem que compreender que esses aprendizados acontecem dentro e fora de seus muros.

Aprendizados que têm lugar dentro e fora dela, sobretudo e cada vez em maior proporção, estimulados pelos novos meios e tecnologias de informação existentes, tanto dentro dos sistemas educativos, quanto por aqueles que estão fora e são os meios e tecnologias com os quais cotidianamente interagem os sujeitos sociais. (GÓMEZ, 2002, p. 68).

De acordo com Losso e Sartori (2014, p. 103), “será preciso rever posições da comunidade escolar sobre as relações de comunicação no ambiente educativo bem como incluir diferentes mídias no planejamento das aulas”. A partir da apropriação da pedagogia da comunicação, é possível provocar essas mudanças na comunidade, justamente porque o potencial da mediação tecnológica no contexto escolar provoca um novo olhar para a práxis de sala de aula. A aula é planejada pelo professor, mas o aluno encontra espaço para rompimento do silêncio e a participação. É um processo mais aberto e democrático que envolve exercício de coautoria. Para que isso ocorra, Soares (2011, p. 18) alerta que “o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos”.

Essa perspectiva abre também a possibilidade de participação de outros atores da comunidade, como por exemplo, parceria com as universidades, onde a troca de conhecimentos entre os acadêmicos e a comunidade escolar gera novas experiências. É nessas trocas que se cria um ecossistema comunicativo expandido nos seus tempos, espaços e sujeitos.

Na concepção de Soares (2011), a relação da educomunicação com a escola deve ser pensada em três âmbitos distintos, a saber: gestão escolar, disciplinar e transdisciplinar.

Quadro 1 – Relação da educomunicação com a escola em três âmbitos

Gestão Escolar	Disciplinar	Transdisciplinar
Identificar e, se necessário, rever as práticas comunicativas que caracterizam e norteiam as relações entre a direção, os professores e os alunos no ambiente educativo.	Transformar a comunicação enquanto linguagem, processo e produto cultural em conteúdo disciplinar, isto é, em objetivo específico do currículo no âmbito da área denominada “Linguagens, códigos e suas Tecnologias”.	Propor que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para transformar as condições de vida a sua volta, mediante projetos educacionais legitimados por criatividade e coerência epistemológica. Também estão incluídas atividades extraclasses realizadas no “contraturno” escolar.

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Soares (2011, p. 19).

Seguindo essa perspectiva, Soares (2011), aborda que a educomunicação, enquanto eixo transversal ao currículo, proporciona um conhecimento conectado a valores para a vida:

A perspectiva da educação para a vida, do sabor da convivência, da construção da democracia, da valorização dos sujeitos, da criatividade, da capacidade de identificar para que serve o conjunto dos conhecimentos compartilhados através da grade curricular. (SOARES, 2011, p. 45).

Para construção de um conhecimento para a vida, Orozco (2002) também salienta a importância dessa relação de complementaridade entre a comunicação e a educação, e a dinâmica dali decorrente que afeta a ambos os campos bem como a sociedade.

A educação cada vez mais estará vinculada aos meios e tecnologias de informação e que, tarde ou cedo, isto vai modificar de maneira substancial os processos educativos e comunicativos. O cenário do futuro não é estático, muito pelo contrário. Por isso é importante antecipar o papel que tanto educadores quanto comunicadores devemos tomar nele, para que o sentido e a direção das inevitáveis transformações sejam as mais relevantes para nossas sociedades. (OROZCO, 2002, p. 69).

A educomunicação apresenta-se, assim, como uma possibilidade de dar conta dessas transformações voltadas a emancipação dos sujeitos, em processo de desenvolvimento e inseridos em um cotidiano midiático. Essa atitude proporciona o empoderamento comunicativo dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Na opinião de Kaplún (2011, p. 185) “[...] o que definirá em boa medida a concepção de Comunicação Educativa pela qual se opte nos próximos anos, será o valor que esta atribua à formação da competência comunicativa dos educandos”.

No entanto, na maioria dos cursos de Pedagogia, a tecnologia é considerada apenas uma ferramenta auxiliar. Soares (2002) sugere algumas questões que podem problematizar tal resistência também nas escolas:

receio de permitir que os alunos se percam em meio a tanta informação, impossível de ser controlada pelos professores e pais? Ou receio de que os alunos passem a navegar num mundo de informação que reduzirá a importância dos mestres como fonte de informação? Ou mesmo simples comodismo e dificuldade em conviver com o novo? (SOARES, 2002, p. 124).

Existe uma cobrança para que os docentes do ensino básico deem conta do uso e apropriação das tecnologias, para mediação dos processos de ensino aprendizagem. Contudo, são poucas as capacitações para o desenvolvimento dessas habilidades.

Kaplún (2012) alerta para a importância de superar a racionalidade tecnológica visando potencializar o diálogo, a participação e a interlocução:

No que diz respeito ao emprego de meios na educação, bem-vindos sejam, desde que sejam aplicados crítica e criativamente, a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica; como meios de comunicação e não de simples transmissão; como promotores do diálogo e da participação; para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos. Enfim, não meios que falam e sim meios para falar. (KAPLÚN, 2012 p. 184).

A citação acima resume o paradigma da educomunicação no que se refere as áreas da mediação tecnológica e da gestão comunicativa, voltadas a potencializar o direito de expressão e a participação ao exercício da coautoria, e a ampliar o ecossistema comunicativo nos ambientes educativos.

No capítulo a seguir, abordaremos as especificidades dos recursos educacionais abertos, cuja filosofia de trabalho dialoga com a educomunicação e fundamentam a prática da EduMIX - Editora Aberta, aqui estudada.



## 4 RECURSOS EDUCACIONAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ABERTA

A educação aberta surge para acelerar o processo de democratização da educação. A implantação da Universidade Aberta do Brasil- UAB<sup>29</sup> em 2005 foi um dos importantes movimentos que proporcionou acesso livre às pesquisas e produções dos alunos e professores, por meio dos Recursos Educacionais Abertos (REA) e dos respectivos repositórios.

Os REA são definidos pela UNESCO (2011) como:

materiais de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. [...] podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, software e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento.

O Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>30</sup>, aprovado pela Lei nº 13.005 em 26 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), é composto de 10 diretrizes e 20 metas que contemplam todos os níveis de educação. Nestas, há um destaque especial para a estratégia 7.12, que inclui os Recursos Educacionais Abertos:

Incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, com preferência para softwares livres e recursos educacionais abertos, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas. (BRASIL, 2014).

Conforme Amiel e Soares (2015, p. 116), “pode-se afirmar que o movimento OER obteve êxito ao estimular e renovar o interesse acerca da abertura em educação, configurando o estopim para inúmeros movimentos que hoje usam o termo ‘aberto’”.

---

<sup>29</sup> O Sistema UAB foi criado pelo Ministério da Educação no ano de 2005, em parceria com a ANDIFES e Empresas Estatais, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação com foco nas Políticas e a Gestão da Educação Superior. Trata-se de uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/CAPES com vistas à expansão da educação superior, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação-PDE. Disponível em: <https://bit.ly/2WYQMXA>. Acesso em: 01 ago. 2018.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://bit.ly/1NE7LSH>. Acesso em: 13 fev. 2019

Os sistemas abertos são mais do que uma forma de aprendizagem, são uma forma de educação. A educação aberta, portanto, engloba as práticas de aprender e ensinar. É mais abrangente do que somente um enfoque na aprendizagem; diz respeito a um sistema educacional que envolve o professor, o aluno, a instituição e o contexto. (SANTOS, 2009, p. 290).

Para tanto, o professor precisa conhecer o contexto escolar e os estudantes, isso beneficiará a dinâmica da aula. Conforme Okada (2007, p. 1) “uma filosofia educacional cujo objetivo é quebrar as barreiras que limitam o acesso à educação [sobretudo] superior, proporcionando maiores oportunidades de aprendizagem”. Outro importante passo é incentivar tanto o estudante quanto o professor, a fim de proporcionar um processo de ensino-aprendizagem mais flexível, cooperativo e criativo, conforme declaração abaixo:

Estamos à beira de uma revolução global no ensino e na aprendizagem. Educadores em todo o mundo estão desenvolvendo um vasto conjunto de recursos educacionais na Internet, que são abertos e livres para todos usarem. Esses educadores estão criando um mundo onde cada uma e todas as pessoas podem acessar e contribuir para a soma de todo o conhecimento humano. Eles também estão plantando as sementes de uma nova pedagogia, onde educadores e estudantes criam, moldam e desenvolvem conhecimento de forma conjunta, aprofundando seus conhecimentos e habilidades e melhorando sua compreensão durante o processo. (DECLARAÇÃO DE CIDADE DO CABO, 2007, p.1).

Essa filosofia de trabalho está presente na produção dos REAs que é representada em um ciclo. Na perspectiva de um professor, começa com uma atividade cotidiana: o desejo e a necessidade de aprender e ensinar algo e da continuidade com o processo que envolve encontrar, criar, adaptar, usar e compartilhar (Figura 6).

Figura 6 – Passos do ciclo dos REAs e suas possibilidades



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de educaçãoaberta.org.

Esses passos são fundamentais para que o professor e os estudantes possam se comprometer com um processo compartilhado de construção de conhecimentos, pois “assim, a mediação pedagógica do professor, ao considerar os saberes e as visões de mundo dos estudantes, transpõe o saber a ser ensinado por meio do diálogo-problematizador”. (BAGETTI, 2015, p. 85).

Os REAs possuem princípios fundamentais de publicação aberta, que também são popularmente conhecidos como as cinco liberdades mínimas para que os objetos educacionais sejam definidos como REA.

Tais princípios dialogam com os passos apresentados na Figura 6. Wiley (2014) define os princípios como os 5Rs<sup>31</sup>, a citar: Reusar; Revisa/Rever; Recombinar/Remixar; Redistribuir; Reter.

**Reusar** apresenta a liberdade de uso do objeto, ou seja, outras pessoas, além do autor, estão autorizadas a usar parcialmente ou totalmente o material de acordo com seus objetivos, estratégias e interesses;  
**Revisar** permite adaptar e adequar o material às suas necessidades;  
**Recombinar** permite combinações entre REAs e com outros conteúdos;  
**Redistribuir** permite o compartilhamento do REA original e as versões modificadas a partir dele;  
**Reter**, tem o significado de guardar o conteúdo, manter para si, seja autor, instrutor ou estudante.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2X3mN0q>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Esses princípios propostos por Wiley (2014) evidenciam um fator na filosofia dos REAs que muitas vezes passa despercebido. É a questão da autoria, porque antes de tudo, é necessário que o REA tenha sido intencionalmente construído com esse objetivo educacional e não como algo que surge na rede. Esse é o primeiro ponto: criar um sistema de autoria que produza esse REA original, necessário para dar partida a outros REAs. E também, a importância de compreender esses princípios para produzir o recurso desde o início e não como uma alternativa. Nesse sentido, reportamo-nos a definição de Morin (2011, p. 116), para o qual, “ser autor é assumir suas ideias no melhor e no pior”; e a Orlandi (2008) que define o autor como “produtor de linguagem”:

O autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico) ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares. (ORLANDI, 2008, p. 77).

A portaria do MEC Nº 451<sup>32</sup>, de 16 de Maio de 2018, demonstra a preocupação em fomentar o exercício da autoria e da coautoria. Define critérios e procedimentos para a produção, recepção, avaliação e distribuição de recursos educacionais abertos ou gratuitos voltados para a educação básica, em programas e plataformas oficiais do Ministério da Educação. Salientamos o artigo Art. 7º que define os recursos educacionais voltados para a educação básica, produzidos com recursos financeiros do MEC, deverão ser sempre recursos educacionais abertos e, quando digitais, serão disponibilizados obrigatoriamente em sítios eletrônicos públicos. E em Parágrafo único, a Secretária de Educação Básica (SEB-MEC) poderá incentivar e promover ações de fomento, formação e apoio, dentre outras, para estimular a produção e disseminação de recursos educacionais abertos.

O Art. 9º apresenta os critérios de avaliação e o que deve ser levado em conta no processo de produção desses recursos, a serem disponibilizados na Plataforma Integrada de Recursos Educacionais Digitais do Ministério da Educação - MEC RED, a critério da SEB-MEC. Deverão ser avaliados alternativamente por:

I - comissão técnica de especialistas, constituída para esse fim, quando necessário;

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2SucPa5>. Acesso em: 13 jan. 2019.

II - processo de curadoria, realizado pelo parceiro responsável pela indicação do recurso;

III - processo de curadoria, realizado pela SEB-MEC, quando o recurso for encaminhado por usuário da Plataforma MEC RED que não esteja cadastrado como professor no Censo Escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep;

IV - processo automatizado, realizado pela Plataforma MEC RED, quando o recurso for encaminhado por usuário da Plataforma que esteja cadastrado como professor no Censo Escolar realizado pelo Inep; ou

V - meio de mecanismos de redes sociais que levem em conta o comportamento dos usuários e a sua avaliação, quando a SEB-MEC julgar necessário, inclusive permitindo o ranqueamento dos recursos.

Parágrafo único. Não serão recepcionados recursos educacionais que contenham publicidade, propaganda ou outras formas de divulgação de produtos ou serviços, ou que induzam ou encaminhem o usuário a produtos ou serviços comerciais, com exceção da divulgação da marca do proponente. (BRASIL, 2018).

A portaria vem corroborar a importância do produtor editorial na criação desses recursos, e a importância de contemplar na sua formação esse processo de produção, principalmente pelo Governo ser o maior cliente do mercado editorial como visto anteriormente. Outro fator importante é que devido a sua formação, o Produtor Editorial é considerado apto a se adequar as demandas do mercado, e uma das suas contribuições são a qualidade e a diversidade dos recursos produzidos. Nesse cenário, pensamos que, a formação do produtor editorial também deve contemplar a “mediação pedagógica”. Na opinião de Bagetti (2015), “passa a exercer um efeito potencializador, tendo sua essência centrada na dialogicidade” (BAGETTI, 2015, p. 60).

O fato de propor que o professor produza o REA, não quer dizer necessariamente mais trabalho, pois como afirma (AMIÉL, 2012, p.27), “fotos, vídeos, poesias, histórias ou outros elementos de qualidade criados por estudantes podem ter outro destino que não a lixeira ou a prateleira ao final de um curso”. Isso remete a cultura de compartilhamento, pois não se sabe o que pode surgir a partir de uma ideia. A possibilidade de compartilhar faz com que outras pessoas tenham acesso e possam modificar o produto de acordo com suas necessidades, e muitas vezes, resulta em um novo recurso. Essa reação em rede é uma alternativa para evoluir no processo de uma educação aberta e dialógica. Freire (1983, p.43) afirma que “ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. O diálogo é um encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam. Isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam.

Ao encontro desses entendimentos, Mallmann e Jacques (2014) chamam atenção para as potencialidades hipermidiáticas que podem ser exploradas pelos professores. De acordo com as autoras:

O acesso a recursos (conteúdos) integrados a diferentes mídias, a leitura não linear desses recursos juntamente com a interação em rede constituem-se em ações requeridas nas atividades de estudo. Os meios ofertados, ou seja, a organização didático-metodológica dos recursos (conteúdos), a qualidade (técnica e teórica) das mídias integradas, a linguagem adotada no material didático (aspectos de relevância: clareza, objetividade, concisão) e o enunciado das atividades de estudo consistem nas condições para realização das ações que resultam na produção escolar discente (atividade de estudo). (MALLMANN; JACQUES, 2014, p. 52).

É necessário salientar a importância de esses recursos estarem disponíveis em acesso livre, e para isso contamos com repositórios digitais. No site de REA são apresentadas iniciativas REAs classificadas como:

- a) REA no Brasil<sup>33</sup>;
- b) REA no Mundo<sup>34</sup>;
- c) Projetos Mistos<sup>35</sup>.

A seguir, destacamos alguns repositórios entre os mais conhecidos. Os portais que disponibilizam dados de acessos, downloads, tipos de recursos e o link de acesso que se encontra no nome de cada repositório.

#### 4.1 PORTAL DO PROFESSOR

Este portal é um espaço onde o professor pode acessar sugestões de planos de aula, baixar mídias de apoio, ter notícias sobre educação e iniciativas do MEC, ou até mesmo compartilhar um plano de aula, participar de uma discussão ou fazer um curso. Lançado em 2008 em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, tem como objetivo apoiar os processos de formação dos professores brasileiros e enriquecer a sua prática pedagógica. Conforme dados apresentados no site<sup>36</sup> no dia da consulta (20 dez. 2018), havia 15171 sugestões de aulas e 840 coleções disponíveis.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2HqFPoJ>. Acesso em: 13 jan. 2019.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2HqFPoJ>. Acesso em: 13 jan. 2019.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2GpksYF>. Acesso em: 13 jan. 2019.

<sup>36</sup> Disponível em: [www.portaldoprofessor.mec.gov](http://www.portaldoprofessor.mec.gov). Acesso em: 13 jan. 2019.

## 4.2 BANCO INTERNACIONAL DE OBJETOS EDUCACIONAIS

O Banco Internacional de Objetos Educacionais é um repositório criado em 2008, pelo Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, Rede Latinoamericana de Portais Educacionais - RELPE, Organização dos Estados Ibero-americanos - OEI e outros. Tem por objetivo manter e compartilhar recursos educacionais digitais de livre acesso, mais elaborados e em diferentes formatos - como áudio, vídeo, animação, simulação, software educacional - além de imagem, mapa, hipertexto. São considerados relevantes e adequados à realidade da comunidade educacional local, respeitando-se as diferenças de língua e culturas regionais. Esse repositório está integrado ao Portal do Professor, também do Ministério da Educação.

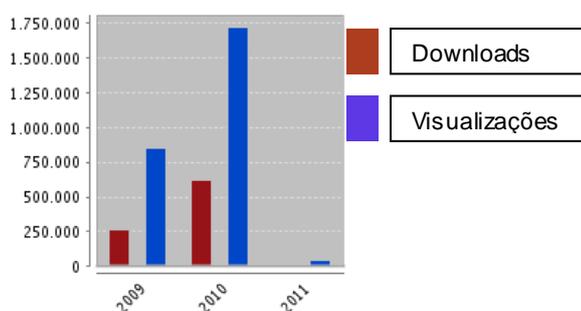
Um dos princípios é a colaboração internacional conforme apresentam na página institucional do site:

Espera-se ainda com este repositório estimular e apoiar experiências individuais dos diversos países, ao mesmo tempo que se promove um nivelamento de forma democrática e participativa. Assim, países que já avançaram significativamente no campo do uso das tecnologias na educação poderão ajudar outros a atingirem o seu nível. (Portal do Professor, 2015, s.p).

Este Repositório possui objetos educacionais de acesso público em vários formatos\linguagens e para todos os níveis de ensino. É possível acessar os objetos isoladamente ou em coleções. Os dados são apresentados no Gráfico 4, que foram coletados em 20 de janeiro de 2019:

Gráfico 4 – Download e Visualizações por ano e quantitativo de recursos

Downloads e Visualizações por ano



Quantitativo de recursos

Animação/simulação	5929
Vídeo	4376
Imagem	3631
Áudio	3081
Experimento prático	1768
Software Educacional	794
Hipertexto	242
Mapa	21

Fonte: Banco Internacional de Objetos Educacionais.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2DxrlU4>. Acesso em: 20 jan. 2019.

### 4.3 PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO

O "Portal Domínio Público", lançado pelo governo Brasileiro em novembro de 2004 (com um acervo inicial de 500 obras), propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime, colocando à disposição de todos os usuários da rede mundial de computadores - Internet - uma biblioteca virtual que pode se constituir em referência para professores, estudantes, pesquisadores e população em geral.

Segundo os dados retirados do site, o portal se constitui em um ambiente virtual que permite à coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, que constituem o patrimônio cultural brasileiro e universal.

Nas figuras 7 e 8 estão representados os dados computados no Portal até o dia 20 de janeiro dia da consulta:

Figura 7 – Total de downloads por mídia desde novembro de 2004

Mídia	Total
Textos	86.157.718
Imagens	6.346.956
Sons	6.070.783
Vídeos	6.038.179
Total	104.613.636

Fonte: Portal Domínio Público.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2UUo0p2>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Figura 8 – Quantitativo total de cadastros por tipo de mídia

Mídia	Total
Textos	182.448
Imagens	11.905
Sons	2.576
Vídeos	1.190
Total	198.119

Fonte: Portal Domínio Público.<sup>39</sup>

Dentre os recursos disponíveis no portal, vemos por esses dados que a mídia textual desponta com o maior quantitativo de cadastros e de downloads. E os recursos de imagens como segunda opção. Tanto os textuais quanto as imagens são recursos muito utilizados em sala de aula. Vemos também a importância do ensino e de profissionais multimidiáticos, considerando que os estudantes têm perfis únicos e diferentes formas de aprender, o uso de apenas essas duas mídias limita a ação do educador diante de uma demanda de um ensino personalizado.

#### 4.4 PORTAL EDUCACIONAL DO ESTADO DO PARANÁ

O Portal Dia a Dia Educação é uma ferramenta tecnológica integrada ao site institucional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed-PR). Lançado em 2004 e reestruturado em 2011, essa ferramenta tem o intuito de disponibilizar serviços, informações, recursos didáticos e de apoio para toda a comunidade escolar.

Ele é dividido em ambientes voltados para educadores, Estudantes, Gestores e Comunidade, e possui conteúdos específicos para cada um deles. A equipe é composta exclusivamente de professores da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, das diversas disciplinas e áreas do conhecimento, que tem como funções: pesquisar e selecionar materiais/objetos na *web*, adequando e disponibilizando-os no Portal; apresentar indicações de uso pedagógico nos recursos publicados; e prestar serviço à comunidade, divulgando informações de seu interesse.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2UUo0p2>. Acesso em: 20 jan. 2019.

## 4.5 PLATAFORMA MEC-RED

Nesta área, você tem acesso a Recursos Educacionais Digitais como vídeos, animações e outros. São Recursos de portais parceiros do MEC e de professores que atuam na Educação Básica. A plataforma proporciona várias funcionalidades, conforme a Figura 9.

Figura 9 – Opções apresentadas na plataforma



Fonte: Plataforma MEC RED<sup>40</sup>.

A plataforma disponibiliza dados sobre o total de recursos publicados e o número mensal de downloads, como pode ser observado na Figura 10, referente ao mês de janeiro de 2019.

Figura 10 – Dados sobre os recursos da plataforma MEC RED



Fonte: Plataforma MEC RED.<sup>41</sup>

Na figura 10 é possível perceber que existem recursos disponíveis, mesmo a plataforma sendo nova, no mês pesquisado houve mais recursos baixados do que publicados. Dado importante para percebermos que a socialização do conhecimento

<sup>40</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2ObRuex>. Acesso em: 20 jan. 2019.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2ObRuex>. Acesso em: 20 jan. 2019.

e dos REAs está presente, mas precisa ganhar mais força e a produção ser ainda mais incentivada.

#### 4.6 RELIA

O projeto RELiA é parte da Iniciativa Educação Aberta e reúne em um único ambiente de busca recursos educacionais com licenças abertas, também conhecidos por REA (recursos educacionais abertos) disponíveis no Brasil e no mundo. São vídeos, plataformas, games, animações, videoaulas, infográficos, mapas etc.– que podem ser utilizados como ferramenta pedagógica dentro e fora da sala de aula. É o resultado de um levantamento que vem sendo realizado por diversas instituições, educadores e especialistas acadêmicos. É um remix da primeira versão do projeto Escola Digital, desenvolvida pela empresa Digimag, e foi adaptada com recursos obtidos de financiamento coletivo no site Catarse. Conforme Gonsales e Sebriam afirmam as coordenadoras do projeto no site do repositório “Como premissa inicial, concordamos que recursos indicados na RELiA são ferramentas que podem ou não enriquecer um processo de ensino e de aprendizagem, e que tudo vai depender, de fato, da proposta pedagógica do educador”.<sup>42</sup>

#### 4.7 PORTAL REL - UVA

Trata-se de uma iniciativa da Universidade Virtual Africana (UVA<sup>43</sup>) lançada em 2011, com mais de 288 Recursos Educativos Livres (RELs<sup>44</sup>). Em julho de 2018, o repositório já registrava um total de 1.623 recursos. Em 2018 foram adicionados 1335 novos RELs. Os recursos são publicados sob a licença *Creative Commons* (CC) BY 2.5. Os novos recursos incluem 234 módulos, 83 vídeos e 945 objetos de aprendizagem extraídos dos módulos.

A UVA desenvolveu esse conjunto de RELs em parceria com 27 instituições localizadas em 21 países africanos no âmbito do Projeto Multinacional II, financiado pelo Banco Africano de Desenvolvimento. Todos os RELs da UVA foram

---

<sup>42</sup> Disponível em: <https://oer.avu.org/page/about> Acesso em: 20 jan. 2019.

<sup>43</sup> É uma organização intergovernamental Pan-Africana, que foi fundada em 1997 com o objetivo de potencializar o acesso à educação e formação superior de qualidade, através do uso inovador das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

<sup>44</sup> Também chamados nessa dissertação de REAs.

desenvolvidos em países africanos e os acessos são provenientes de 225 países do mundo inteiro.

O repositório de REL da UVA tem 3 comunidades (Inglês, Francês e Português) e 4 coleções (Formação de Professores, Informática Aplicada, Resumos de Políticas, e artigos da revista de acesso aberto com revisão de pares da AVU). As coleções de Formação de Professores e Informática têm módulos revistos por pares, que são livros e objetos de aprendizagem. Os temas no repositório incluem matemática, física, química, biologia, ciência da computação, informática, administração, linguística, cursos profissionalizantes de formação de professores, e TDICs na educação.

Desde o seu lançamento em 2011, em 2018 o portal possui 2,8 milhões de acessos de 225 países. A UVA já recebeu cinco prêmios internacionais que incluem o Prêmio de Liderança Individual 2017 do Open Education Consortium (OEC)<sup>45</sup>, o Prêmio Institucional 2015 do Conselho Internacional de Educação à Distância (ICDE)<sup>46</sup> e três outros prêmios do OEC relacionados com RELs em 2013, 2012 e 2011.

#### 4.8 EDUMIX - EDITORA ABERTA

A EduMIX, objeto deste estudo, é uma editora aberta, ligada ao Curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM. Foi criada em março de 2014 na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação. A editora segue a perspectiva da Educomunicação, dos Recursos Educacionais Abertos (REA) e o princípio da indissociabilidade em ensino-pesquisa-extensão. O diferencial dessa editora é tornar o processo colaborativo e aberto a coautorias desde a concepção. Volta-se a produção de materiais de ensino, aprendizado e pesquisa, sobre temáticas curriculares e transversais em diferentes suportes tecnológicos, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados e remixados. É importante ressaltar que é um espaço de formação e experimento para os acadêmicos do Curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM. (ROSA, 2018). Entre as

---

<sup>45</sup> Disponível em: [www.oecconsortium.org](http://www.oecconsortium.org). Acesso em: 20 jan. 2019.

<sup>46</sup> Disponível em: [www.icde.org](http://www.icde.org). Acesso em: 20 jan. 2019.

produções da EduMIX destacam-se: manuais, vídeos, jogos, áudios book e sites sobre temáticas curriculares e transversais conforme Figura 11:

Figura 11 – Página inicial do site



Fonte: Site da EduMIX.<sup>47</sup>

O termo REA, conforme já apresentado, denota material de ensino/aprendizagem em domínio público ou sob licença aberta ou com poucas restrições. Porém, Zanin (2017) em sua pesquisa constatou incoerências que são recorrentes na filosofia da educação aberta e que dificultam o uso dos recursos:

O fato de logo na página inicial não haver nenhuma informação a respeito da licença de uso ou ser “Todos os direitos reservados” no mínimo demonstra falta de conhecimento dos princípios do movimento acesso aberto por parte dos organizadores dos repositórios e da necessidade de haver uma licença para proteção tanto do usuário quanto do autor. [...] Como exemplo dessa falha na informação, pode-se utilizar o site Escola Digital, que apresenta na página inicial, na parte inferior, a licença CC BY, ou seja, “atribuição”, porém, ao se clicar no símbolo dessa licença, o usuário é remetido a uma página do Creative Commons, em inglês, que explica a licença CC BY NC ND, ou seja, “atribuição”, “não comercial” e “não derivada”. (ZANIN, 2017, p. 17).

Nesse cenário, Amiel e Santos (2013, p. 129) alertam que “na lógica do movimento REA, a clareza quanto aos termos de uso dos recursos é uma condição básica para que recursos sejam aproveitados em sua totalidade por usuários finais com respeito aos autores e detentores dos direitos”.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2GHYP SH>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Importante destacar o trabalho de Asconavieta (2009) que, em sua pesquisa, elaborou um *checklist* com características dos repositórios na educação aberta, com a finalidade de comparar os portais identificados como repositórios de recursos educacionais digitais. A autora estudou os seguintes portais do Governo Federal apoiados pelo Ministério da Educação: Portal Domínio Público, Portal do Professor, Banco Internacional de Objetos Educacionais e a Rede Interativa Virtual da Educação. As características identificadas estão sistematizadas no Quadro 2:

Quadro 2 – Checklist Comparativo de Repositórios Educacionais Públicos

Características	Portal DP <sup>27</sup>	Portal do Professor	BIOE <sup>28</sup>	RIVED <sup>29</sup>
Baseado na Filosofia de <i>Software Livre</i>	Não	Não	Não	Não
Baseado em Objetos de Aprendizagem	Não	Não	Sim	Sim
Arquitetura Distribuída	Não	Não	Sim	Não
Gerência de Acesso	Não	Sim	Não	Não
Indexação e recuperação de OAs	Sim	Sim	Sim	Sim
Valorização de Autoria	Não	Sim	Não	Sim
Contabilização da utilização	Sim	Sim	Não	Não
Edição e composição de módulos	Não	Sim	Não	Não
Autoria Coletiva	Não	Sim	Não	Não
Documentação e Suporte	Não	Não	Não	Sim
<b>Número de características atendidas</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

Fonte: Asconavieta (2009, f. 97).

Além dessas incoerências, a partir dos dados apresentados em cada repositório, é visível que o número de recursos baixados é maior do que os cadastrados nas plataformas, como já mencionado nas considerações iniciais, dados evidenciados também pela Plataforma MEC RED. Isso sinaliza para a necessidade de estimular o exercício da coautoria por meio da produção de recursos educacionais abertos. Medeiros (2009) reitera sobre a importância da abordagem da autoria e a coautoria como “estratégias pedagógicas”:

A autoria e a co-autoria como estratégias pedagógicas, o uso de variadas linguagens midiáticas e os recursos de criação e publicação da produção resultante, propiciados pelo uso das TIC, podem gerar significativas alterações nos resultados da aprendizagem. (MEDEIROS, 2009, p. 12).

Diante da importância desses espaços de compartilhamento, Leffa (2016) destaca a ideia desses repositórios com um exemplo cotidiano para facilitar a compreensão da sua flexibilidade de uso e apropriação. Segundo ele, o repositório é

composto por peças que podem ser usadas por um sistema de *self-service*<sup>48</sup>, como também acontece nos *players* de áudio com serviço de *streaming* de música. “Que permite ao usuário selecionar as músicas que deseja ouvir e criar suas próprias trilhas sonoras: músicas para correr, para dirigir, para momentos de tristeza, etc”. (LEFFA, 2016, p. 366) .

Outro exemplo de repositório de REAs é o OpenStax que permite a troca de conteúdos em diversos formatos de fácil acesso conforme consta na aba “sobre” do site<sup>49</sup>.

Frustrado pelas limitações de livros didáticos tradicionais e cursos, Dr. Richard Baraniuk fundou a OpenStax (então Connexions) em 1999 na Universidade Rice para fornecer autores e alunos com um espaço aberto onde eles podem compartilhar e adaptar livremente materiais educativos, tais como cursos, livros e relatórios. Hoje, OpenStax CNX é um ecossistema digital sem fins lucrativos dinâmica que serve milhões de usuários por mês na entrega de conteúdo educacional para melhorar os resultados de aprendizagem. Há dezenas de milhares de objetos de aprendizagem, chamados de páginas, que são organizados em milhares de estilo livro de texto livros em uma série de disciplinas, facilmente acessíveis on-line e para download para praticamente qualquer dispositivo, em qualquer lugar, a qualquer hora. (OPENSTAX, 2015, s/p).

Os objetos educacionais são desenvolvidos em diversos formatos e suportes, conforme termo cunhado no Fórum de 2002 da UNESCO sobre Softwares Didáticos Abertos que designa:

Os materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra. (UNESCO apud BRASIL, 2012).

Pretto, (2012, p. 105) exemplifica os REAs como ferramenta a partir da música com o tecnobrega, que utiliza da remixagem para compor o estilo musical. O autor ressalta que “o que importa nesse movimento, assim como deve ser nos movimentos dos recursos educacionais abertos, é a possibilidade de uma intensa circulação e recriação desses bens culturais e científicos”.

---

<sup>48</sup> Traduzido como autosserviço.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://openstax.org/> Acesso em: 10 ago. 2018.

Uma das características que Santos (2012, p. 83) apresenta como diferencial dos REA em relação a outros materiais é o uso da licença aberta. O fato de estarem com o acesso livre e presentes nas redes, “representam um enorme potencial de compartilhamento de conhecimento entre autores e usuários, de uma forma global, sem a preocupação em infringir direitos autorais”. Pretto (2012, p.106), de outra forma, pensa os recursos educacionais abertos como uma possibilidade de emancipação “de cada indivíduo, nação ou cultura”, e como representantes das transformações que a sociedade exige para a educação. Essa possibilidade de emancipação individual e coletiva se dá também pela oportunidade do exercício de autoria e coautoria.

Por outro lado, quando se trata de educação aberta, vem a preocupação financeira de quem atua no mercado editorial. Rossini e Gonzalez (2012) colocam um debate entre política pública e as oportunidades para o mercado.

Apresentam as diferenças entre as características dos recursos educacionais convencionais e a filosofia dos REAs:

A principal característica dos recursos educacionais convencionais está ligada ao fato de que o acesso a estes está limitado a vínculos institucionais formais, como matrícula em cursos, ou atividades específicas vinculadas ao trabalho profissional. Como tais, muitos materiais educacionais enfrentam altos custos de acesso e, no caso de o acesso ser gratuito, por exemplo, no caso dos livros didáticos fornecidos pelo governo às escolas da rede pública no Brasil, ainda assim são bloqueadas sua reutilização criativa, sua cópia e sua adequação a contextos locais.[...] a filosofia dos recursos educacionais abertos coloca os materiais educacionais na posição de bens comuns e públicos, voltados para o benefício de todos, especialmente daqueles que hoje ainda recebem pouco ou nenhum apoio do sistema educacional, como adultos e pessoas portadoras de deficiência. [...] Outra característica dos REA é que, [...] eles fortalecem o sujeito que produz o conteúdo, colocando o autor no centro das atenções, já que a escolha de quando e como compartilhar as obras que cria é uma decisão que dispensa a mediação das editoras. Abre-se, assim, um mundo de oportunidades, de satisfação pessoal e de negócios, como a autopublicação, aproximando o autor do público. (ROSSINI; GONZALEZ, 2012 p. 38-40).

Outro fator importante é a qualidade dos recursos disponíveis na educação aberta. Na opinião de Hylén (2007), os materiais parecem ter boa reputação, levando em conta as avaliações dos utilizadores na rede:

Por vezes, esgrime-se o argumento de que os materiais grátis não podem ser de qualidade. Mas as instituições envolvidas até agora nas várias iniciativas de criação de REA parecem ter boa reputação internacional ou nos países de origem; e não constam instituições que não sejam conhecidas ou que tenham má reputação. Além do que, a crer na experiência do movimento de software livre e de edição de publicações de acesso livre, existem agora novas formas de gestão da qualidade que convivem com os métodos tradicionais. Os sistemas meritocráticos de publicação e de revisão de pares aliam-se aos comentários dos utilizadores e às avaliações dos utilizadores na Rede. Nos ambientes digitais, a reputação é fulcral. (HYLÉN, 2007, p. 6).

Outra característica relevante é a possibilidade de abertura para a diversidade de linguagens e aproximação com o contexto local, ou seja, o material sendo REA pode incluir traços, exemplos da cultura local com o sujeito no centro do processo de aprendizagem. Rossini e Gonzalez (2012, p. 56) explicam que:

Os REA são um instrumento com grande potencial de libertar o indivíduo das barreiras geradas pela artificial escassez do mercado de recursos educacionais, colocando o sujeito no centro do processo produtivo do conhecimento.

Segundo as autoras, “no campo dos REA, modelos de negócio abertos significam que o conteúdo central de um recurso educacional está disponibilizado gratuitamente e licenciado abertamente para o usuário”. (ROSSINI; GONZALEZ, 2012, p. 65). Um dos exemplos apresentados é a *Flat World Knowledge*<sup>50</sup>, uma editora que disponibiliza seu acervo no site de forma aberta, e obtém recursos por meio da comercialização de formatos diferenciados para celular, tablets e audiobook. De acordo com Rossini e Gonzales (2012, p. 65), “os autores dos livros didáticos [...] recebem royalties vindos das vendas dos livros nesses diferentes formatos em valores superiores ao praticado no mercado”. Assim, a editora apresenta números significativos de economia graças as faculdades que aderiram aos livros didáticos abertos.

Os objetos educacionais fomentam a cultura colaborativa, e essa produção em rede promove também a prática do financiamento coletivo, como apresenta Pretto (2012):

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2St1bMx>. Acesso em: 05 ago. 2018.

Um livro escrito por muitas pessoas, que participaram dos debates e das discussões que antecederam a sua publicação, tudo por conta da enorme e ágil possibilidade trazida pela internet. Estamos falando em rede, em produção colaborativa e, também, em software livre, software de código aberto, em crowdfunding (financiamento coletivo), em formas de licenciamento das produções culturais e científicas que avancem para muito além das restritivas leis de direito autoral (copyright) em vigor em praticamente todo mundo. (PRETTO, 2012, p.91-92).

Na perspectiva da produção colaborativa, não se pode ignorar os mediadores desse processo de produção de conhecimento, ou seja, os professores e seu papel na formação dos sujeitos. Pretto (2012, p. 97) destaca que “professores fortalecidos enaltecem a produção de diferenças dentro da escola, transformando-a, essencialmente, em um espaço de criação e não de mera reprodução do conhecimento estabelecido”.

Para Rossini (2010, p. 225) a produção colaborativa é incentivada pelos REAs e é considerada, um “bem social valioso”. Redes que possibilitam uma melhor e inovadora aprendizagem por meio de novas produções, como destaca Pretto (2012, p. 100):

Essas articulações precisam compreender que a educação, a cultura, a ciência, a tecnologia, o digital, entretanto outros campos e áreas são, essencialmente, elementos históricos e, como tal, ao mesmo tempo em que vêm para facilitar alguns processos, criam novos obstáculos, especialmente quando trazidos como elementos vivos para a sala de aula.

Rossini (2010) fala sobre o processo ser enriquecedor para o indivíduo, porém com essa mudança nas formas e licenças de publicação criam-se obrigações e diretrizes por parte das instituições e governos: “em países muito desenvolvidos, mandatos para acesso aberto e políticas públicas que incentivem recursos educacionais abertos fazem parte da nova gama de deveres do estado e de direitos do cidadão”. Os REAs são apoiados pela noção que considera o próprio conhecimento como um produto social coletivo, que forma um “*commons*” que deve estar acessível a todos, como explica Rossini (2010 p. 217):

O digital commons é o resultado do uso de ferramentas abertas e voluntárias, como as licenças do Creative Commons e do software livre, quando da criação, da publicação e da distribuição de conteúdo educacional e científico. Ou seja, é o resultado dessa atitude de abertura.

As licenças são uma forma de valorizar a autoria e proporcionar facilidade na criação e distribuição de conteúdos. Ao pensar em disponibilizar o conteúdo na

internet, deve-se levar em conta o que se pretende com essa difusão, e a partir daí definir dentre os diferentes tipos de licença e possibilidades de apropriações.

Um movimento de mercado, que ocorre há um tempo, é o comércio de licença de *softwares* que possuem permissões conforme a opção que se escolhe. Por exemplo, a versão grátis proporciona menos recursos do que a versão paga.

Também pode ser considerado um exemplo de renda e que vemos desenvolvedores que se utilizam das Licenças *Creative Commons* para disponibilizar os recursos<sup>51</sup>. Ou como esse grupo de desenvolvedores, que pede doações e que trabalha disponibilizando os materiais licenciados de forma aberta conforme a Figura 12:

Figura 12 – Exemplo de desenvolvedores que trabalham com financiamentos



Fonte: Rainbox Productions (2016, não paginado).

É necessário saber como pesquisar e onde pesquisar esses recursos e suas licenças, pois há muitos sites que disponibilizam conteúdos gratuitos, e nos termos de contrato constam os direitos autorais e limitações de uso. Por isso é fundamental que se acesse esses termos antes de fazer download de qualquer material disponível na internet. Isso demanda tempo, mas caso o sujeito trabalhe muito com um tipo de conteúdo, por exemplo, trilha sonora, é possível fazer um documento

<sup>51</sup> Exemplo disponível em: <https://bit.ly/2BAjTHt>. Acesso em: 20 jan. 2019.

relacionando onde pode ser baixado e o que pode se fazer com a trilha. Assim só tem esse trabalho uma vez.

Outro fator que já abordamos aqui, mas é preciso detalhar é o *Creative Commons* que disponibiliza diferentes licenças, conforme as especificidades na Figura 13:

Figura 13 – Tipos de licenças e suas atribuições

<p><b>Atribuição CC BY</b></p> <p>Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.</p> 	<p><b>Atribuição CC BY-NC-SA</b></p>  <p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.</p>
<p><b>Atribuição CC BY-NC</b></p> <p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.</p> 	<p><b>Atribuição CC BY-NC-ND</b></p>  <p>Esta é a mais restritiva das nossas seis licenças principais, só permitindo que outros façam download dos seus trabalhos e os compartilhem desde que atribuam crédito a você, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.</p>
<p><b>Atribuição CC BY-ND</b></p> <p>Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, com crédito atribuído a você.</p> 	<p><b>Atribuição CC BY-SA</b></p> <p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Esta licença costuma ser comparada com as licenças de software livre e de código aberto "copyleft". Todos os trabalhos novos baseados no seu terão a mesma licença.</p> 

Fonte: Elaborada pela autora (2015) a partir da definição do site [creativecommons.org](http://creativecommons.org).

Segundo Rossini (2010), “abertura” e “conectividade” eram conceitos estranhos aos editores tradicionais, que se moveram para restringir o acesso ao conhecimento digitalizado por meio dos aumentos radicais de preços e controle da propriedade intelectual por uma série de ações.

Com a política do compartilhamento, o acesso livre a informação facilita o ensino e a aprendizagem, utilizando-se dos REAs como ferramenta. A autora aborda sobre a necessidade de ampliar os materiais disponíveis em acesso aberto para outros níveis de escolaridade:

O Acesso Aberto lida com materiais que são mais adequados aos níveis de graduação e pós-graduação, os quais embora sejam importantes não são os únicos materiais nem os únicos segmentos educacionais a que devemos prestar atenção. Em países como o Brasil, com altos níveis de analfabetismo e baixos índices de pessoas frequentando graduação e pós-graduação, há uma grande necessidade de ampliar os materiais disponibilizados preocupando-se também com aqueles que apoiam uma aprendizagem mais democrática e inclusiva desde os estágios iniciais de escolarização. (ROSSINI, 2010 p. 223).

Os REAs podem ser potencializadores da *práxis*, ou seja, da importância da estreita relação entre teoria e a prática no processo de ensino-aprendizagem, bem como na produção de material didático. Trazemos essa aliança a partir da Fluência Tecnológica Pedagógica (FTP), que é conceituada como:

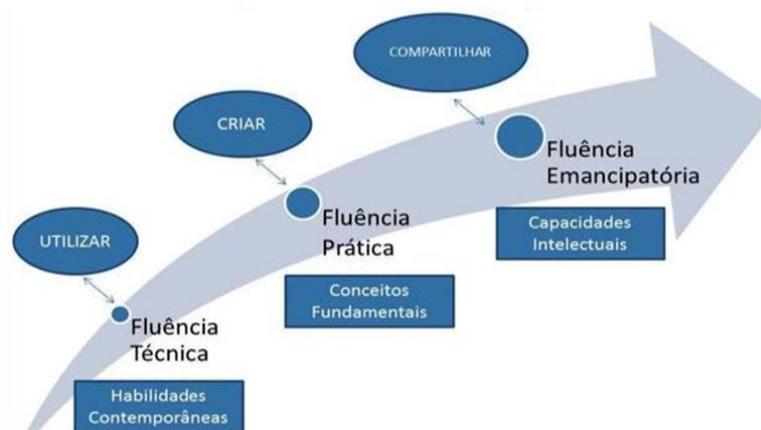
[...] desenvolvimento de habilidades que potencializem a integração das tecnologias e sua aplicação na apropriação de potencialidades para (re)criar situações de ensino-aprendizagem colaborativas em rede. Nessa abordagem, os sujeitos continuamente aplicam o que sabem, adaptam-se às mudanças e adquirem mais conhecimento, aprendendo a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. (MALLMANN; JACQUES; SCHNEIDER, 2015, p. 544).

As autoras trazem (Figura 14<sup>52</sup>) um gráfico onde apresentam os níveis da FTP, e a importância de se compreender a ferramenta tecnológica para que possa ser adaptado seu uso para fins pedagógicos.

---

<sup>52</sup> Figura Retirada do texto “Design da Mediação Pedagógica em ambientes virtuais de ensino-aprendizagem colaborativo: fluência tecnológico-pedagógica” de Sabrina Bagnette e Elena Maria Mallmann em Revista Educação em Foco, ano 21 - n. 34 - mai/ago. 2018 - p. 219-241.

Figura 14 – Níveis da Fluência Tecnológica Pedagógica



Fonte: Mallmann; Jacques; Schneider, 2015, p. 544, apoiadas nos princípios de Kafai (1999) e Scheneider (2012).

O gráfico evidencia a importância de se trabalhar com ferramentas de fácil acesso por meio dos *softwares* livres. Porém, outro fator importante é trabalhar com ferramentas que os sujeitos já possuem, porque facilita o fato de estar no seu cotidiano. Contudo, as ferramentas que são pagas, geralmente são utilizadas de acordo com o que o mercado traz de funções, e acabam por se perder as potencialidades educativas.

Diante desse contexto, um exemplo que podemos recuperar é o *Google Drive* que possui ferramentas que facilitam a colaboração, e que permite salvar em diversos formatos e até mesmo o compartilhamento do link editável. Apesar dessa potencialidade, muitos professores utilizam apenas o e-mail por desconhecer ou não saber adaptar o uso ao seu contexto. Bagetti e Mallmann (2018, p. 227), alertam sobre a necessidade de atrelar a fluência tecnológica à fluência pedagógica “não basta apenas saber operacionalizar a tecnologia, é preciso ir além: operacionalizar sustentando-se em ações com teor didático-pedagógico”.

Diante do conceito da FTP, temos também “o ser fluente”, e Schneider (2012) nos apresenta as características e competências:

[...] ser fluente tecnologicamente significa conhecer e apropriar-se das ferramentas educacionais, seus princípios e aplicabilidade em diferentes situações. Criar, corrigir, modificar interativamente diferentes ferramentas e artefatos, compartilhando novos conceitos, funções, programas e ideias. Aplicar de forma sistemática e cientificamente os conhecimentos, adaptando-os as próprias necessidades de cada contexto. (SCHNEIDER, 2012, f. 80).

Gonsales (2012, p. 151) salienta os desafios para que o Brasil possa trabalhar de forma mais efetiva com REAs, como obter recursos para difundir a informação e o conhecimento sobre o tema. Ao mesmo tempo, “abrir um canal permanente de diálogos com grupos editoriais, tradicionais representantes do copyright (todos os direitos reservados)”. Segundo a autora “os grupos que forem mais estratégicos e, principalmente, abertos ao novo, sairão ganhando”.

Nesse sentido, a colaboração (interação entre rede de pessoas e em ambientes virtuais) é vista como ato de criação da própria inteligência dos sujeitos, como explica Jenkins (2009, p. 30):

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático.

A EduMIX - Editora Aberta pode ser considerada como um esforço para formar editores de material didático, que deem conta dos desafios de produção para uma educação comunicativa e aberta (ROSA, 2018). Assim, no próximo capítulo apresentaremos a experiência da editora desde a sua criação.



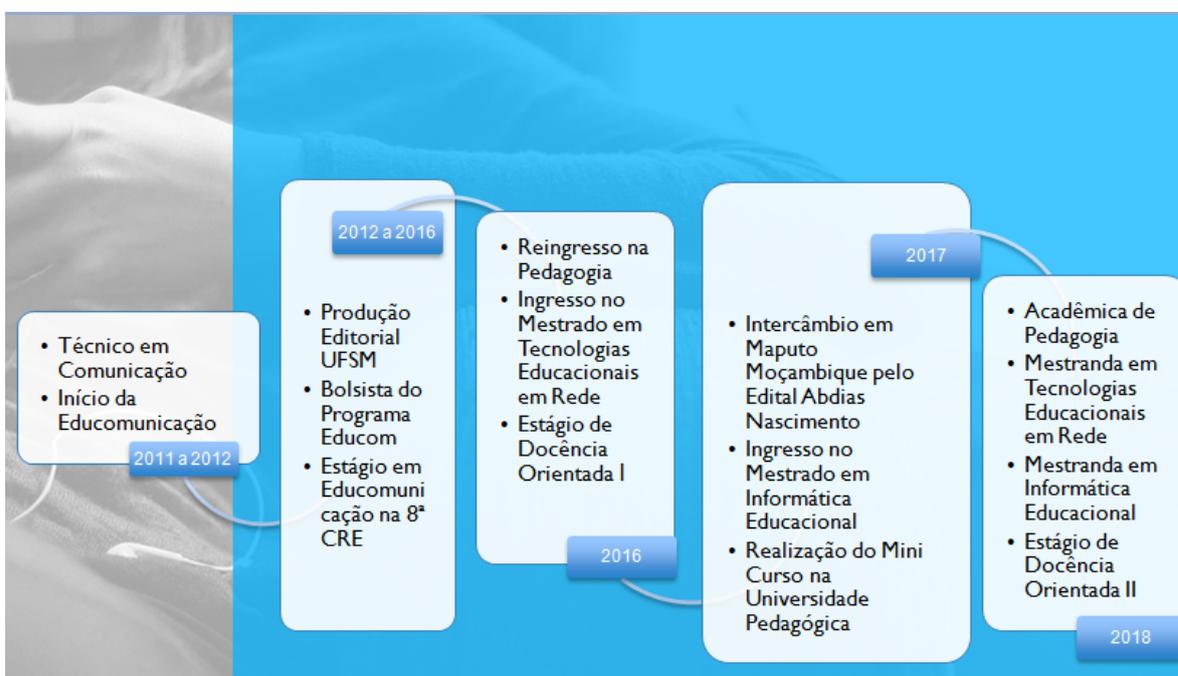
## 5 EDUMIX – UMA EXPERIÊNCIA DE EDITORA ABERTA

Este capítulo está organizado em quatro partes. Na primeira, apresentamos uma breve retrospectiva da trajetória profissional da pesquisadora, com ênfase em etapas que, conforme percebemos, contribuíram de forma mais intensa para o desenvolvimento desse estudo. Na segunda, trazemos as opções metodológicas que nortearam a pesquisa. A terceira parte fica reservada para a apresentação do objeto de estudo, dos dados e a análise. E por fim, apresentamos na quarta parte os produtos resultantes da pesquisa.

### 5.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DA PESQUISADORA

A apresentação desse processo é importante para que possa ficar claro o lugar de fala da pesquisadora. Outro aspecto importante a ser destacado aqui é que esse texto farei na primeira pessoa porque acredito não ter outra forma de me colocar nessa pesquisa, tendo em vista a trajetória abaixo apresentada.

Figura 15 – Trajetória Profissional e Acadêmica da Pesquisadora



Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme apresentado na figura 15, iniciei com o Técnico em Comunicação em 2011 e pude vislumbrar na prática as diferentes possibilidades da área da

Comunicação. Logo me envolvi em projetos apresentados pelo curso e um deles foi à rádio escola onde atuei como oficinaira pelo programa Mais Educação e como produtora e locutora na rádio da instituição. Considero essa etapa o meu início na educomunicação, mesmo não intitulando assim.

No período de 2012 a 2016 iniciei meus estudos na UFSM, onde cursei a graduação em Comunicação Social - Produção Editorial. Por influência da formação técnica, logo me identifiquei com a parte prática de produção e edição de conteúdos. Por já ter experiência com a radioescola fui me aproximando do Programa Educom UFSM, coordenado pela Dra. Rosane Rosa, onde fui bolsista e atuei na Escola de Educação Básica Augusto Ruschi implantando a Rádio Ruschi com formação dos alunos e professores e da rádio em sua estrutura e programação. Na sequência, assumi um estágio na 8ª Coordenadoria Regional de Educação de Santa Maria (8ªCRE) onde pude atuar como oficinaira e apoio técnico e pedagógico no projeto de Educomunicação - Rádio Escola que na época atendia 36 rádios em escolas de Santa Maria. Esse projeto contou com a parceria do Programa de Educomunicação da UFSM, coordenado, desde 2008, pela Dra. Rosane Rosa.

Essas experiências educacionais me instigaram a ampliar minha formação ingressando, em 2016, no curso de graduação em Pedagogia Licenciatura e no Mestrado em Tecnologias Educacionais em Rede, ambos na UFSM. Como mestranda, nesse mesmo ano, fiz docência orientada na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial para Educação que se pauta nos princípios da educomunicação e dos REA. É nessa disciplina que está inserida a EduMIX - Editora Aberta, objeto dessa pesquisa.

Em 2017 surge a oportunidade de intercâmbio na Universidade Pedagógica de Moçambique, em Maputo, pelo Projeto Educomunicação Intercultural do Programa Abdias Nascimento (CAPES), coordenador pela Profa. Dra. Rosane Rosa. Lá permaneci pelo período de um ano e aproveitei para ministrar oficinas e cursar disciplinas no Mestrado de Informática Educacional que dialoga e complementa minha formação transdisciplinar. A experiência foi riquíssima e também resultou na oferta de um minicurso sobre educomunicação e REA que é um dos produtos apresentados nessa pesquisa.

Ao retornar ao Brasil, em 2018, fiz novo estágio docente na disciplina onde esta inserida a EduMIX - Editora Aberta, para fins de observação participante.

Esse relato me faz crer ainda mais na afirmação de “Pensar globalmente e agir localmente” (Ulrich Beck) e torna-se relevante para os que entrarem em contato com o meu texto, possam entender que o mesmo faz sentido a partir de meu lugar de fala, da posição de sujeito que assumi ao longo de minha trajetória profissional e acadêmica.

## 5.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como opção metodológica, optamos pelo estudo de caso etnográfico de cunho qualitativo, sua técnica compreende a observação participante. Utilizamos também a análise documental em que trabalhamos com o programa da disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial para Educação, e também os relatórios de produção dos recursos escritos pelos acadêmicos. Para aprofundamento das temáticas abordadas (produção editorial, educomunicação e REA), nos apropriamos também da pesquisa bibliográfica, pois compreendemos que é uma fase primordial para subsidiar a análise.

O campo de pesquisa é a disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM. A observação participante ocorreu duas vezes na semana (terça-feira e quinta-feira), com 4 horas por dia, totalizando 120 horas de observação, no segundo semestre de 2018. Os sujeitos que integram a pesquisa são 24 estudantes, a professora responsável e o apoio pedagógico da disciplina, que conta com dois orientandos da pós-graduação em regime de docência orientada. A coleta de dados foi feita por meio de anotações em caderno de campo, análise documental dos relatórios de produção e do programa da disciplina.

Essa combinação de técnicas favorece a validação das informações obtidas e conforme André (2005, p. 16), “não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém”. Na Figura 16 apresentamos a sistematização das opções metodológicas.

Figura 16 – Aspectos Metodológicos



Fonte: Elaborada pela autora.

## 5.3 OBJETO DE ESTUDO

### 5.3.1 A Editora

Como objeto de estudo optamos pelo Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão EduMIX – Editora Aberta (Figura 17), criada em março de 2014 na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação, e segue a perspectiva da Educomunicação e dos Recursos Educacionais Abertos (REAs). Volta-se a produção de materiais de ensino, aprendizado e pesquisa sobre temáticas curriculares ou transversais em diferentes suportes tecnológicos, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados e remixados.

Entre as produções da EduMIX, destacam-se: manuais, vídeos, jogos, audiobook e site sobre temáticas curriculares e transversais.

Figura 17 – Logo da editora



Fonte: Arquivos EduMIX-Editora Aberta.

A partir dos arquivos da editora, a logomarca foi construída por um bolsista da Editora Pe.Com, que além de dar vida ao nome e a educação remixada, acrescentou outro elemento que é o quebra-cabeça para remeter a ideia de montar e combinar as peças, uma ideia de construção. O nome EduMIX foi criado pela primeira turma em 2014, a partir da técnica de tempestade de ideias de onde surgiram três propostas. A turma escolheu EduMIX (Figura 18) que remete a:

Figura 18 – Construção do nome da Editora



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado dos arquivos da EduMIX.

O Projeto busca atender essa lacuna voltada à preparação de Produtores Editoriais que deem conta da produção de materiais didáticos para uma educação aberta. Os recursos publicados pela editora são planejados, executados e testados durante um semestre, período em que ocorre a disciplina (120h), por acadêmicos de Comunicação Social - Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A EduMIX-Editora Aberta já se encontra inserida no Mapa Global dos REAs (Figura 8), a partir da pesquisa e mapeamento do projeto Mira (Mapa de Iniciativas de Recursos Abertos). Segundo informações do Mira (2014), o mesmo busca “identificar e mapear iniciativas relacionadas à REA em uma área pouco reconhecida”.

Figura 19 – Página do Mapa REA Global



Fonte: Projeto Mira.

### 5.3.2 Disciplina Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação

Além de ser experimental, fomenta a extensão e a pesquisa, pois os acadêmicos buscam parcerias na comunidade educativa para a produção do trabalho de forma colaborativa. Quanto à pesquisa, o relatório final se apresenta, basicamente, em formato de artigo, como estímulo aos acadêmicos para apresentarem os resultados na JAI – Jornadas Acadêmicas Integradas da UFSM – e/ou no INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, principalmente no GT de Produção Editorial. Essa produção também possibilita a continuidade do estudo como trabalho de conclusão de curso.

Como informado anteriormente, tanto a disciplina quanto a EDUMIX iniciaram em 2014 computando um total de seis turmas envolvidas. Assim, este trabalho focou nas produções de 2014 a 2018 e na observação participante da turma de 2018, em que a pesquisadora atuou como apoio pedagógico por meio do estágio de docência orientada. Cada equipe de trabalho, com média de quatro integrantes cada, produziu

o REA em parceria com escolas e ou outras instituições. Os trabalhos produzidos são publicados no repositório da EduMIX<sup>53</sup>, sendo que para os mais qualificados, estimula-se as equipes produtoras para encaminhar para inserção em repositórios externos como os do MEC.

Para a inserção nos repositórios as equipes preenchem a ficha catalográfica dos produtos, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Ficha Catalográfica do REA para envio á repositórios externos e EduMIX

Título	
Tipo de recurso: Objetivos: Descrição do REA:	
Observação:	
Componente Curricular:	
Tema:	
Autor (es):	
Idioma:	
País:	
Fonte do Recurso:	
Endereço Eletrônico:	
Detentor de direito autoral:	
Licença	
Submetido por:	
URI:	
Disponível em (link):	

Fonte: Arquivos da Edumix -Editora Aberta.

<sup>53</sup> Repositório da EduMIX- Editora Aberta. Disponível em: <https://bit.ly/2GHYP5H>. Acesso em: 10 set. 2018.

Até 2017 os REAs produzidos eram avaliados a partir dos critérios apresentados no Quadro 4, adaptados do Instrumento para a avaliação da qualidade de objetos de aprendizagem perspectiva do aluno/perspectiva do usuário<sup>54</sup>.

Quadro 4 – Critérios para avaliação dos Recursos Educacionais Abertos

Critérios de Avaliação dos REAs	
1.	Qualidade e originalidade do Projeto Proposto
2.	Clareza na proposta, de acordo com o público para o qual se destina (contexto sociocultural, faixa etária, etc).
3.	Adequação do vocabulário e recursos multimídia ao público para o qual se destina.
4.	Exploração lúdica, desafiadora e criativa de recursos motivacionais. Estímulo ao interesse do usuário.
5.	Usabilidade- facilidade de apropriação, compreensão e memorização das regras, recursos de ajuda (instruções, guias, menus, manuais, tutoriais).
6.	Recursos Visuais- uso criativo e harmônico das cores, ilustrações, fotografias e/ou vídeos/animações.
7.	Recursos Sonoros – uso criativo e harmônico de músicas, efeitos sonoros, formatos radiofônicos.
8.	Recursos Textuais – uso criativo e harmônico de texto (fontes tipográficas, quantidade, equilíbrio com os demais recursos).
9.	Criatividade, pertinência e profundidade do conteúdo; rigor científico na exploração das temáticas.
10.	Estímulo a interdisciplinariedade
11.	Adequação da proposta ao suporte físico e/ou virtual. (escolha pertinente de materiais, softwares, navegadores, plataformas, possibilidade de atualizações).
12.	Acessibilidade – possibilidade de adaptação/tradução a usuários com deficiência.
13.	Clareza quanto a perspectiva dos REA (licenças, autoria, uso de softwares livres e/ou de código, orientação ao usuário).
14.	Estímulo às possibilidades de apropriação, remixagem, obras derivadas e redistribuição por parte do usuário.
15.	Estratégia de divulgação do Recurso Educacional (submissão a repositórios, manutenção de site/rede social ou meio de contato para o público encontrar o REA, reportar erros, sugestões, republicações).

Fonte: Arquivos da Edumix – Editora Aberta.

A partir de 2018, como um dos feedbacks das observações, foi feita à atualização desses critérios com base na adaptação de João Maria Gomes Henriques, Catálogo de características para análise e avaliação de Recursos Educacionais Abertos (REA): ferramenta de avaliação no formato checklist<sup>55</sup> (Anexo B).

<sup>54</sup> Campos, Gilda Helena et al. Instrumento para a avaliação da qualidade de objetos de aprendizagem: perspectiva do aluno/perspectiva do usuário. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CCEAD, 2008.

<sup>55</sup> Dissertação (Mestrado em Pedagogia do E-Learning) – Universidade Aberta. Portugal, p. 262. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2StMCIs>. Acesso em: 06 nov. 2018.

Durante o processo colaborativo de planejamento, desenvolvimento e avaliação dos recursos educacionais os acadêmicos utilizam de um conjunto de princípios que norteiam a disciplina, como mostra a Figura 20. No programa da disciplina de 2018 de onde foram retirados os princípios, o *Design Thinking*<sup>56</sup> não consta, porém, é preciso salientar que ele foi utilizado em três edições da disciplina com a participação do Prof. Dr. Leandro Stevens, e a partir de 2019 será retomado e efetivado.

Figura 20 – Princípios da disciplina Projeto Experimental em Educação



Fonte: Elaborada pela autora, baseado no programa da disciplina (Anexo A).

A partir de 2016, a EDUMIX passou a contar com a parceria no NTE\UFSM para fins de qualificação e socialização de suas produções. A avaliação ocorre de forma processual com acompanhamento pedagógico pelos professores da disciplina, apoiados por pós-graduandos em estágio de docência orientada, e também pela assessoria técnica das escolas participantes ou de outras instituições, conforme a escolha de cada equipe.

<sup>56</sup> Importante registrar que, a partir da participação do Prof. Leandro Stevens na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial para Educação, essa abordagem foi utilizada em três edições para o planejamento dos recursos educacionais abertos desenvolvidos na EduMIX. A partir de 2019 será retomada e efetivada como alternativa para o planejamento dos REA.

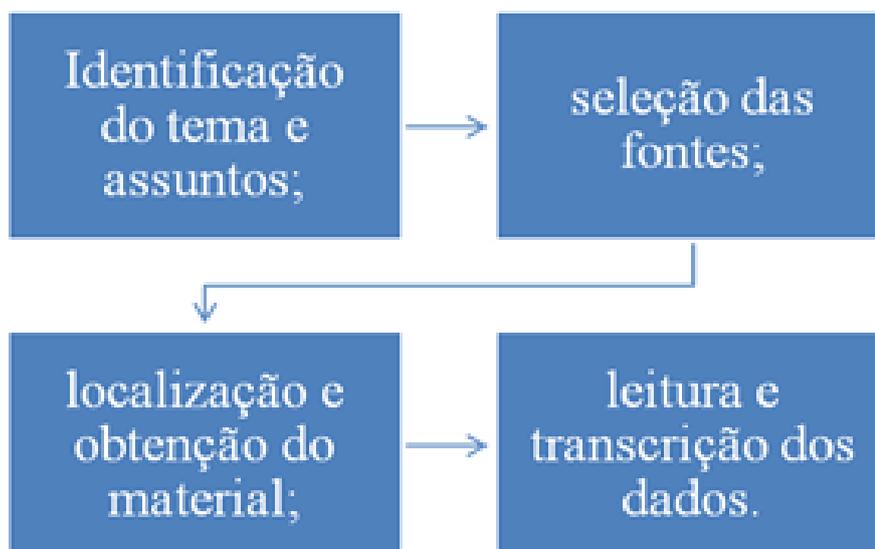
## 5.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para compreender melhor o tema estudado, ou melhor a relação entre produção editorial, educomunicação e Recursos Educacionais Abertos, foram consultadas bases de dados, repositórios, livros, artigos e outras publicações acadêmicas de autores considerados referência nessas áreas.

Conforme Stumpf (2009, p. 51), a pesquisa bibliográfica norteia a produção dos capítulos teóricos, é “um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema e proceder à respectiva anotação para posterior utilização”. Segundo a autora, a revisão de literatura é onde apresenta tudo que “o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões”.

Stumpf (2009, p. 55-59) elenca os principais passos para a realização da pesquisa bibliográfica, a citar: identificação do tema e assuntos; seleção das fontes; localização e obtenção do material; leitura e transcrição dos dados. Conforme sistematizado na Figura 21:

Figura 21 – Como realizar a pesquisa bibliográfica

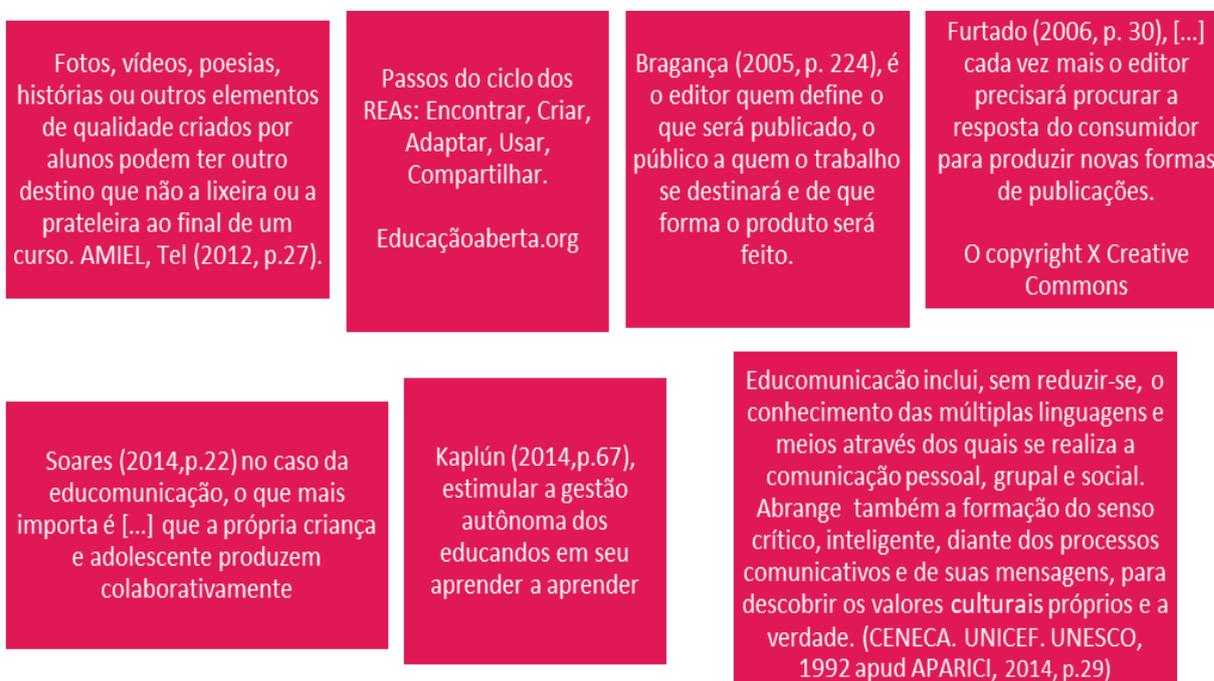


Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Stumpf, (2006, p. 55-59).

Após a localização e obtenção do material bibliográfico, fizemos a leitura e transcrição dos dados, e a partir dos fichamentos compomos a revisão de literatura e

a escrita dos capítulos teóricos. Na Figura 22 apresentamos citações-resumo de algumas das principais ideias e conceitos trabalhados.

Figura 22 – Conceitos destaques resultado do aporte teórico



Fonte: Elaborada pela autora.

### 5.4.1 Observações Teóricas

No decorrer da pesquisa bibliográfica para a revisão teórica nos deparamos com múltiplos estudos sobre o campo da produção editorial (editoração), porém nosso objetivo é compreender as práticas de produção dos recursos educacionais abertos da EduMIX-Editora Aberta, optamos focar apenas no papel do produtor editorial e, mais especificamente, no mercado de material didático. Para explicitar as etapas de trabalho do produtor editorial, utilizamos como referência a cadeia do livro pensada por Thompson (2013), pois mesmo que ocorreram alterações com a inserção das tecnologias, a atuação é semelhante no processo de produção dos recursos educacionais em outros formatos. E devido ao objeto de estudo ser atual, buscamos contextualizar os campos com referências a partir do séc XX e salientar que o curso de Comunicação Social- Produção Editorial da UFSM, criado em 2012, busca capacitar um profissional apto a trabalhar múltiplas linguagens (impressa, audiovisual e digital), ou seja, voltado à convergência midiática.

## 5.5 ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO

Devido ao fato da produção de recursos abertos na educação ser um campo de atuação para o produtor editorial pouco explorado, e que vem transformando as formas de educação e de produção de material didático para o mercado editorial, o método escolhido foi o estudo de caso. O mesmo pode “revelar a descoberta de novos significados, estender a experiência do leitor ou confirmar o já conhecido”. (ANDRÉ, 2005, p. 18). Ainda conforme o autor o estudo de caso é reunido em quatro grandes grupos:

Etnográfico (um caso é estudado em profundidade pela observação participante); avaliativo (um caso ou um conjunto de casos é estudado de forma profunda com o objetivo de fornecer aos atores educacionais informações que os auxiliem a julgar méritos e valores de políticas, programas ou instituições); educacional (quando o pesquisador está preocupado com a compreensão da ação educativa); e ação (busca contribuir para o desenvolvimento do caso por meio de feedback). (ANDRÉ, 2005, p. 18).

Dentro desses grupos, vale salientar que esta pesquisa utiliza o estudo de caso etnográfico. Assim como André (2005), Duarte (2006), também enfatiza que “há várias definições de estudo de caso”. Outra definição que sustenta nossa escolha é a de Yin (2001, p. 32) onde “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real”. Ainda conforme Yin (2001, p. 27), o que diferencia o estudo de caso é a “capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências”. O que fez com que optássemos por trabalhar com o estudo de caso etnográfico.

### 5.5.1 Coleta de evidências

Partindo das primeiras aproximações realizadas na disciplina, em que a EduMIX-Editora Aberta foi criada, o estudo exploratório permitiu que déssemos mais atenção ao que o campo nos indica, nos aproximando da experiência dos acadêmicos e da produção dos REAs. O estudo exploratório foi responsável pela construção da amostra do estudo.

Com a amostra contruída, partimos para a coleta das evidências. Entendemos que a construção do conhecimento se dá com, e na docência orientada em interação com os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, a técnica de observação

participante se desenvolveu durante a disciplina que ocorre duas vezes por semana (terça-feira e quinta-feira) totalizando 120 horas de observação. As observações serão sistematizadas e utilizadas para aprofundarmos a compreensão dos contextos em que são produzidos os recursos educacionais abertos, e com isso aprimorar as questões relacionadas ao desenvolvimento dos produtos. Como instrumento utilizamos o diário de campo, em que anotamos as observações e ideias, conceitos abordados nos debates, para poder sistematizar.

Conforme Peruzzo (2009, p. 133-134), “o pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades [...]. O pesquisador é autônomo”. Ainda segundo a autora (2009, p. 143), o tempo de permanência será conforme demanda e, “o retorno do conhecimento aos pesquisados é algo esperado”. Nessa pesquisa o feedback aos sujeitos envolvidos foi constante.

Como próxima etapa, a análise documental “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para um determinado fim”. (MOREIRA, 2009, p. 271). Os documentos utilizados foram o repositório da EduMIX, as produções ali inseridas, o programa da disciplina e os relatórios finais de cada equipe. Para atingir os objetivos de análise e apresentação do corpus, a análise ocorreu em três etapas: a localização dos documentos, a seleção das produções e, por fim, seleção das variáveis para o mapeamento das produções. A seleção foi utilizada como base a ficha catalográfica, que é preenchida por cada equipe e entregue junto com o relatório final. Além do mapeamento, será feita a análise das produções disponíveis no repositório da EduMIX-Editora Aberta e a atualização do repositório

Essa combinação de técnicas favorece a validação das informações obtidas, e conforme André (2008, p.16) “não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém”.

## 5.6 MAPEAMENTO ANUAL DAS PRODUÇÕES DA EDUMIX – EDITORA ABERTA (2014-2018)

A seguir apresentamos o mapeamento anual das produções da Editora Aberta EDUMIX, bem como, uma breve análise com base nos seguintes aspectos: Título do Produto, Suporte, Temática, Parcerias.

### 5.6.1 Mapeamento das Produções do 1º e 2º Semestre de 2014.

Quadro 5 – Mapeamento das Produções de 2014

Título do Produto	Autores	Suporte	Temática	Parcerias
Infomix	Luana Binotto Vivian Jorge Vinicius de Souza	Manual	Radio Escola	Escola Cilon Rosa Professora Simone Matiuzzi
Descola: Guia prático de REA em língua portuguesa	Andressa Spencer Loren Carvalho Monica Peripolli Renata Borba	Guia Digital	Ensino da língua portuguesa	Escola Edson Figueiredo Professora TirzaPozzobon
Cartilha do Alcoolismo: do aluno para a família	Cássio Aguiar, Camila Jaeger, Carolina Giacomini, Fernando Mesquita e Isadora Stefanello	Cartilha	Alcoolismo	Escola Cilon Rosa Professora Maribel Dal Bem
Índigenas: A Fantástica História dos Kaingangs	Bruna Costa Camargo Indira Tatsch Maronez Pedro Barcellos Ferreira Vinicius de Souza Rodrigues	Jogo de tabuleiro	Cultura indígena	GAPIM, Escola José Otão
Conte Comigo – Os problemas de Júnior	Rayanne Senna Tania Avila	Audiovisual	Cultura Afro e o combate ao preconceito	Escola Xavier da Rocha Professora Eliane Barbosa
Manual de reciclagem e leitura.	Andrei Lopes Izabelli Oliveira Marina Machiavelli	Manual	Educação ambiental	Escola Cilon Rosa Professora Maribel Dal Bem Pais dos Alunos
Contando o Conto	Carine Martins Marina Mainardi Marina Lima Thuylla Azambuja	Cartilha/ Jogo	Relações cotidianas	Não consta parceria
HQTV - O uso das Histórias em Quadrinhos no ensino do desenho	Alessandra Noal, Caroline Santos, Henrique Denis Lucas e Juliana Farias	Audiovisual	Histórias em quadrinhos	Escola Augusto Ruschi Produtora Puw aba Filmes
Crescer com segurança – prevenção de acidentes com crianças.	Camila Nunes, Maiara Lima, Juliana Segalla, Luis Filipi Machado, Tania Nunes	Manual	Prevenção de acidentes	Escola Manoel Abreu Professora Tânia Nunes
Quase Ministro: audiodrama	Bruno Mello, Felipe Aguiar., Israel Orlandi e Mauricio Fanfa	Audiobook	Dramatização de conto	Técnicos do Laboratorio Audiovisual: Rafael Bald, Felipe Dagort e Otacilio Neto Acadêmicos: Emanuely Vargas, e Huélington Rodrigues

Processos Editoriais na Escola	André Polga Carolina Xavier Denys Schmitt Maura da Costa Raquel Scremin Suelen Ribeiro Thayze Fagundes.	Kit do Professor	Autoria e produção editorial	Escola Augusto Ruschi Direção e coordenação pedagógica
Conte sua história	Rafael Vierolop Fabio Brust Inari Jardani Fraton Luiza Betat Corrêa Jaimeson Machado Garcia	Aplicativo	Bullying	Escola Vicente Farenzena. Professoras Fatima Marlei Chielle e Francisca Lima Rodrigues Graduado Rafael Vierolop
Super mito	Andressa do Amaral Flavio Teixeira Laiz Battisti Laura Garcia	Jogo de cartas	Mitologia Grega	Escola CAIC – Luizinho de Grandi Professora Adriana do Amaral

Fonte: Elaborado pela autora.

O mapeamento das produções das duas turmas de 2014 indica que o suporte que predomina é o manual, mas chamou a atenção um trabalho que é um aplicativo offline sobre a problemática do *Bullying*. As temáticas são bem diferentes e a maioria relacionada a temas transversais, e muitos deles, raramente trabalhados na escola. Outro fator importante para observar, são que a maioria das parcerias foram com escolas públicas de educação básica, um grupo não registrou parceria e outro considerou parceria os técnicos de apoio.

## 5.6.2 Mapeamento das Produções de 2015.

Quadro 6 – Mapeamento das produções de 2015

Título do Produto	Autores	Suporte	Temática	Parcerias
Guardiões da Natureza	Carolina Motter Jamille Coletto Pablo Mello Sara Gonzalez	Jogo de tabuleiro	Biomias brasileiros	Não registraram
Nazismo e preconceito - Uma abordagem em RPG ao estudo de regimes totalitários	Julia Rebellato Leticia Sperotto Luísa Splimbergo Raphaella Pontelli	Jogo RPG	Nazismo	Não registraram
Era uma vez outra vez: Estórias do século XXI - Os audiobooks promovendo acessibilidade de deficientes visuais a obras literárias infantis	Edimar Oliveira Patrick Hundertmarck	Audiobooks	Adaptação de histórias clássicas	Projeto "Ateliê de textos – Curso de Letras da UFSM"
Mapa musical brasileiro	Francieli Jordão Fantoni Gabrielle Adolfo Rafael Saggin Alves Rogério Gomez de Oliveira	Jogo de tabuleiro	Regiões brasileiras e ritmos musicais	Curso de Música da UFSM
O que tem no livro?	Cristina Pietczak Leandro Mörschbacher Sílvia Leticia dos Reis Rengel.	Jogo de tabuleiro	Interdisciplinariedade entre História, Língua portuguesa e Literatura.	Professores de História, Literatura e Língua Portuguesa: Celma Pietczak, José Emanuel Martins da Silva, Claudia Medianeira da Costa Gomes Athayde e Juliane Quevedo Simonetto
Projeto Pensar Semiótica	Emanuelle Rosa Emiliano Kelm Duet Chagas Felippe Richardt, Raphael Costa Rodrigo Nenê Tales Richter	Material impresso e audiovisual	Semiótica	Prof. de Semiótica da UFSM Adair Caetano Peruzzolo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa turma o suporte que predominou foi o jogo, foram quatro, sendo que dois de caráter disciplinar (história e biologia) e dois interdisciplinar. Quanto as parcerias, dos seis recursos, dois não registram, três buscaram parcerias internas a UFSM.

### 5.6.3 Mapeamento das Produções de 2016

Quadro 7 – Mapeamento das Produções de 2016

Título do Produto	Autores	Suporte	Temática	Parcerias
QInSino	Alana Zavareze Anillo, Francielle Fanaya Requia Julia Brum Sacchett e Rogério Pomorski	Quiz no software Pow er Point	Interdisciplinariedade entre artes, física e matemática	Rúbia Brum, professora de artes Thomaz Anillo, professor de física e matemática.
Passa ou Não Passa	Leandra Cohen; Amanda Cruz; Luciana Minuzzi	jogo com cartas e desafios em equipe	Revisão interdisciplinar	Pré-Universitário Alternativa.
Produzindo um Curta	Bianca Garcia; Bruna Dotto, Jade Casagrande Mariana Rezer; Maritcheli Vieira e Paola Bittencourt.	vídeos-aulas e manual	produção de curta metragem	Não registrado
Cubo de interação	Kassia Silva Linassi	Cubos construídos com Papel Kraft com 80cm de volume cada, o jogo conta com um livro de armazenamento de figuras feito com folhas de EVA e com velcros e devidamente encadernado, e mais 104 cartas de figuras plastificadas e com velcro na parte de traz.	Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Pedagoga da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo da UFSM,
Educação com criatividade	Tamiles Nunes Krüger Gabriela Barreto	Vídeos; site; jogos;	Criatividade Infantil	Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo
Jogo da Memória - Libras	Daiane Teresa Bedin Natália Beck Rafaela Chagas	Manual, Cartas	Acessibilidade – conversação básica	Núcleo de Acessibilidade da UFSM.
O Caminho do Chef: Culinária para crianças.	Carlos Vieiro, Emanuelly Vargas, João Moro.	Jogo online animação em flash	Alimentação infantil saudável	Núcleo de Tecnologias Educacionais da UFSM

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro mostra que das sete equipes, quatro optaram trabalhar com a linguagem de jogos, sendo um deles online. Chama atenção pelo fato de dois dos trabalhos contemplar a temática da acessibilidade, sendo que um deles teve continuidade como trabalho de conclusão de curso. Além desses, dois abordaram a interdisciplinariedade, um a criatividade infantil e outro sobre alimentação saudável. Apenas uma equipe não registrou parceria para assessoria técnica.

### 5.6.4 Mapeamento das Produções de 2017

Quadro 8 – Mapeamento das Produções de 2017

Título do Produto	Autores	Suporte	Temática	Parcerias
Anima 5	José Marcos G. Marin	MANUAL EM PDF	Audiovisual como recurso pedagógico para abordar temas transversais	Aluno de Graduação em História da UFSM, Calison Pacheco e professor estagiário na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha Thómas Townsend, servidor da UFSM, técnico em audiovisual na TV CAMPUS. Professora Rosicler Fagundes, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria Turma do 3º ano do ensino médio do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria
Direitos Fundamentais no Ensino Básico	Alan Orlando, Anita Vasconcelos Félix, Geórgia Teixeira Morais, Luiza Zwetsch e Marina Chagas	Experimento Prático / Livreto Digital / Manual	Direitos Humanos	Alunos do nono ano da Escola Municipal Miguel Beltrame Eric Mayer, estudante do sétimo semestre Direito na Faculdade de Direito de Santa Maria; Lucas Gracioli Parcianelo, estudante do oitavo semestre de direito no Centro Universitário Franciscano; Doutor Adair Machado de Machado, advogado na empresa Machado Advogado - Garopaba e Floripa, OAB/RS 67106; Izabel Cristina dos Santos Boeira - Professora de Educação Artística da escola Miguel Beltrame. Valmir Beltrame - Coordenador Pedagógico da escola Miguel Beltrame
Educação em Sexualidade	Giulia Ocaña Jean Rossi Kátia Leonor Alves	Material Paradidático – Livreto	Educação Sexual	Alunos do 2º ano do Ensino Médio e professores de biologia do Colégio Politécnico da UFSM Alunos da 7ª série ao 3º ano do ensino médio e professores de escolas públicas e privadas.
Literatura nas Redes	Beatriz Moreira Cesar lasmin Almeida João Mateus Cardoso	Paradidático – Livreto	Literatura	Professores e estudantes do primeiro e segundo ano do Ensino Médio da Escola Silon Rosa
Falando através da lente.	Márcia Zanin Feliciani	Manual	Escola e escolha profissional	Equipe pedagógica E.E de Ensino Médio Ijuapirama, localizada no interior de Jaguari, RS e Professor e alunos do 3º ano
Recriando	Laura Sena Valéria Luzardo	Manual	Reciclagem	Professora Mauris Dantas e os alunos da turma do 1º ano da Escola Municipal João da Maia Braga.

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa turma intercalou entre livreto (2) e manual (4), ou seja, as linguagens foram poucas, mas as temáticas bem diversificadas e abrangentes, sendo apenas uma disciplinar e as demais transversais. Constata-se que todas as equipes

preocuparam-se em buscar assessoria técnica para o recurso desenvolvido. Um dos recursos foi produzido em escola pública no interior, indo além de Santa Maria para a produção.

### 5.6.5 Mapeamento das Produções de 2018.

Quadro 9 – Mapeamento das Produções de 2018

Título do Produto	Autores	Suporte	Temática	Parcerias
Catálogo Cinema Brasileiro na Educação: impulsionando o processo de ensino-aprendizagem	Andreas Ross Ana Della Mea Marcos Oliveira	Manual/ Sire	Temáticas transversais (direitos humanos, gênero, meio ambiente, diversidade...).	Crítica de cinema externa a UFSM
<i>Jogo Imagem &amp; Ação para fortalecimento da aprendizagem da Língua Inglesa</i>	Edilaine de Avila	Jogo a partir do original Imagem & Ação	Inglês	Professora de Inglês de um Cursinho de Santa Maria
Jogo do sol e da lua - a ludicidade dos jogos na aprendizagem da cultura kaingang	Alexandra Martins, João Vítor Bittencourt, Mariana Amaral e Marina Freitas	Jogo de Cartas	Cultura indígena Kaingang	Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Augusto Ope da Silva. Direção e alunas (o).
Revista	Andressa Ferrão Alan Cargnelutti Lais Carafini Lavinia Neres Liandra Rodrigues	Revista e Site	Mulheres na Ciência	Professor e alunos de história do terceiro ano do colégio Cilon Rosa
Vamos falar sobre saúde mental?	Achley Junges, Katiéli Soares e Sabrina Vargas	Site interativo	Saúde Mental	Psicólogas dos cursos pre-vestibular popular Alternativa e Práxis,
Metacast: o uso do podcast como ferramenta de ensino-aprendizagem	Camila Veloso, Isabela Balduino, Júlia Gomes, Laura Marques Reginaldo Júnior.	Podcast	Podcast como ferramenta pedagógica	Grupo de Professores e acadêmicos do curso de artes visuais da UFSM

Fonte: Elaborado pela autora.

Identificamos a diversidade de mídias/suporte utilizadas pelas equipes de 2018: jogos, *podcast*, site, revista, manual. Diversas também são as temáticas abordadas, sendo apenas uma disciplinar, as demais transversais. Todas as equipes buscaram parceria e assessoria técnica para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de seus recursos. Nessa turma, foi apresentado o primeiro recurso produzido com o ensino superior com a equipe que produziu o Metacast. As

temáticas trabalhadas também, por serem transversais, trabalham a formação dos sujeitos além dos conteúdos disciplinares.

A seguir, apresentaremos os dados da observação participante feita na disciplina onde está inserida a EDUMIX- Editora Aberta.

## 5.7 RESULTADO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COM INTERLOCUÇÃO DAS EQUIPES

Apresentamos a seguir o resultado da observação participante na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial para Educação, da análise documental dos relatórios finais das equipes, com base nos critérios: panorama geral da disciplina, processo de produção; desafios, dificuldades e aprendizagens. É um desafio conseguir contemplar todos os aspectos e eventos importantes vislumbrados em 120 horas de observação na disciplina. Nesse sentido, é necessário reafirmar que serão apontadas, aqui, apenas algumas das impressões da pesquisadora, bem como percepções dos acadêmicos, que podem contribuir para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem e de produção dos recursos educacionais abertos.

### **5.7.1 Panorama geral da disciplina e do processo de produção com a percepção dos acadêmicos**

Constatou-se, no início do processo de trabalho, a dificuldade dos acadêmicos em superar o desafio de trabalhar com questões como acessibilidade, recursos abertos e o princípio da indissociabilidade, sendo que alguns revelaram que foi a primeira disciplina do curso que exigiu a unidade desses aspectos. A seguir, coerente com uma pesquisa desenvolvida com, e não para os sujeitos envolvidos, daremos voz à alguns relatos dos acadêmicos e a percepções quanto aos desafios, dificuldades e aprendizagens individuais e coletivas, retirados dos relatórios das equipes.

A acadêmica A fala de sua experiência:

*No início, foi difícil entender os princípios de um REA, porém, com as leituras dos conteúdos disponibilizados na disciplina, ficaram mais claros o seu significado e a sua importância. Com certeza, trabalhar com produtos editoriais nessas condições é um desafio, pois a internet possibilita uma infinidade de recursos que, muitas vezes, não têm conexões estabelecidas entre si. Desta forma, observa-se que unir essas ações que estão isoladas é a grande missão das editoras abertas e também das universidades. (ACADÊMICA A).*

O acadêmico B relata seus desafios e sua impressão sobre a importância das assessorias técnicas e pedagógicas, para a produção de conteúdos junto aos diferentes Núcleos e Cursos da Universidade (Acessibilidade, NTE, Curso de Música, de Artes Visuais).

*O principal desafio foi pensar na criação desse produto, porque foi muito diferente de tudo que havíamos criado no curso até então. A extensão foi fundamental na criação desse projeto, sem o apoio dos alunos do Colégio Cilon Rosa, do professor Romanus Dantas e da professora Nikelen Witter esse trabalho não teria a profundidade que acabou tendo. (ACADÊMICO B).*

A acadêmica C também destaca a importância da construção do conhecimento COM (ao invés de PARA) os sujeitos em processo de aprendizagem.

*O processo inicial de conversa com os estudantes foi essencial, pois, além de propiciar um debate sobre saúde mental, permitiu uma troca de experiências entre os alunos sobre o que estavam sentindo ou já sentiram na etapa dos vestibulares. Assim, o grupo conseguiu identificar as principais tensões sofridas, bem como coletar ideias e informações, para, posteriormente, iniciar a criação do produto. Contamos com a assessoria das psicólogas Bianca Gonçalves Textor e Gabriela Vieira dos dois Cursos Pré-vestibular popular. Assim, conseguimos direcionar melhor os encontros com os estudantes e a abordagem de nosso produto. (ACADÊMICA C).*

O acadêmico D ressalta o desafio de compreender e desenvolver produtos que contemplam a abertura técnica, pouco explorado nas demais disciplinas do Curso:

*O REA desenvolvido, apesar de não ter saído da maneira que imaginávamos, foi fundamental para aprendermos a complexidade e ao mesmo tempo simplicidade do que é criar um material como este. Não adiantou ficarmos pensando tanto em conceitos de cor, grid e imagem se no final o produto não fosse viável aos usuários em questão de mixagem. (ACADÊMICO D).*

O relatório da equipe que desenvolveu um recurso na linguagem de jogos sobre a cultura indígena dos Kaingangs, demonstra a satisfação com a experiência bem-sucedida de uma produção, cujo processo se mostrou diferenciada:

*Foi uma grande oportunidade para desenvolver - a partir do zero- um produto alternativo voltado à educação, de maneira mais subjetiva e transversal, uma vez que em outras disciplinas geralmente desenvolvemos apenas o planejamento e protótipos, os quais permanecem no “papel” e não são levados além do âmbito acadêmico. (EQUIPE A).*

Já, a acadêmica E, dessa mesma equipe que contou com assessoria técnica e pedagógica do Núcleo de Acessibilidade da UFSM e da direção da Escola Indígena Kaingangs de Santa Maria, bem como de seus estudantes, ressalta a importância da coesão e da responsabilidade de cada integrante do grupo de trabalho para superar os desafios enfrentados:

*O bom relacionamento da equipe respeitou cada integrante, suas ideias, limitações e potencialidades [...]. No que resultou em um projeto bem estruturado e finalizado dentro do prazo pretendido de acordo com o cronograma estabelecido pela disciplina. [...] A tribo também sentiu contemplada sua cultura no jogo produzido. (ACADÊMICA E).*

Uma integrante da equipe que trabalhou a linguagem do *podcast*, em parceria com o Curso de Artes Visuais e Pedagogia da UFSM, também salientou a importância da integração da equipe para o desenvolvimento dos trabalhos:

*Quanto à interação, todos os membros da equipe participaram ativamente do projeto e não tivemos conflitos durante o processo. Isso se deve ao fato de que: o grupo já trabalhou em conjunto em outras disciplinas, e por*

*isso já sabe como alinhar as ideias; comprometimento de cada membro com sua formação profissional. (EQUIPE B).*

Já outra equipe, relata que o desafio foi maior foi lidar com a dificuldade de organização e comunicação entre os integrantes:

*A elaboração desta cartilha foi desafiadora, passamos por inúmeras dificuldades, não só na elaboração do produto, mas também frente a questões como organização e comunicação entre os membros da equipe. Apesar disso, é visível no mercado editorial, a importância de se adaptar e tentar outras formas de produção. (EQUIPE C).*

No relatório da equipe que produziu o recurso sobre o cinema brasileiro na escola, os integrantes revelam-se surpreendidos pelos rumos do processo e pela relevância do projeto desenvolvido:

*Ao iniciar este projeto, talvez não tínhamos ideia do potencial que ele poderia alcançar. Vimos que já rendeu frutos, uma vez que foram várias as colaborações surgidas para o campo do ensino, tais como: a questão dos temas transversais abordados por meio do cinema brasileiro, a própria divulgação do cinema brasileiro no contexto educacional, a apropriação de professores do recurso desenvolvido por nós, a possibilidade de cumprimento da legislação sobre a exigência do cinema brasileiro na escola. (EQUIPE D).*

Na sequência do relatório, a mesma equipe confessa a dificuldade de romper a cultura acadêmica e social do fechamento técnico e do descaso com a acessibilidade:

*A concepção de um REA traz dificuldade para produtores que como nós estão acostumados a trabalhar com conteúdos em formatos fechados e sem pensar em acessibilidade. Talvez este seja um ponto a ser melhorado no nosso material, por essa dificuldade encontrada por nós algumas questões de acessibilidade não foram abordadas de maneira tão eficaz no trabalho desenvolvido. (EQUIPE D).*

O relatório da equipe que trabalhou com a linguagem do podcast em parceria com o Curso de Artes Visuais e da Pedagogia da UFSM, relata os desafios de trabalhar de forma colaborativa e a necessidade de vencer os obstáculos por meio da argumentação e do diálogo com as diferentes percepções:

*O primeiro contato com a turma de artes visuais foi feito sem nenhum problema e os alunos pareciam extremamente interessados. Já, com a turma de pedagogia foi um pouco mais complicado, já que tivemos de buscar justificativas do por que seria interessante aprender sobre o podcast e como ele poderia ser aplicado em sala de aula como um recurso educacional. Encontramos um pouco de resistência vindo da professora que achava que estávamos tentando substituir o ensino tradicional e o papel do professor, porém essa barreira foi rapidamente desfeita através do diálogo. (EQUIPE B).*

Os integrantes compreenderam a importância de desenvolver o recurso com os usuários no decorrer do processo. Além disso, identificaram o potencial de inclusão/participação da linguagem escolhida pela equipe:

*De início, as colaborações daquela oficina que promovemos sobre podcast parecia um empecilho para a realização do projeto, mas ao final se mostrou útil para a criação do recurso - tornando-o compatível com a realidade do professor e dos alunos do ensino básico. (...) A professora ficou totalmente surpresa ao ver uma aluna falar no podcast, pois nunca tinha participado em sala de aula, por ser extremamente tímida. Após a avaliação das oficinas ficou claro os benefícios que o podcast poderia trazer para a sala de aula e a viabilidade do nosso projeto. (EQUIPE B).*

A Equipe B também registrou a preocupação com o fácil acesso e a dificuldade, como também a importância de interligar os muitos arquivos produzidos em diferentes formatos:

*A parte mais desafiadora foi pensar em como disponibilizar esse conteúdo criado para os professores de uma maneira simples e fácil de achar. (...) Decidimos disponibilizar o conteúdo em uma pasta no drive. (...) Disponibilizamos no canal do Youtube não só os tutoriais, mas também os podcasts, com o link para o manual e a pasta no drive nas descrições de cada vídeo e no “sobre” do canal. (EQUIPE B).*

Outras duas equipes registraram a falta de conhecimento, a resistência e a consequente dificuldade em desenvolver os recursos em formato técnico aberto,

envolvendo um desgastante processo de retrabalho. A equipe do recurso na linguagem de revista sobre A Mulher na Ciência relata:

*Nesta nova diagramação optamos pelo uso do software livre Scribus, semelhante ao Adobe Indesign usado na primeira diagramação, mas apesar de ficar visualmente atraente e no conceito que desejávamos, ficou difícil para remixar. O grupo decidiu refazer a diagramação disponibilizando no site o link para o professor baixar o aplicativo e editar. (EQUIPE E).*

A equipe E que trabalhou em parceria com o Curso Pré-Vestibular Popular na produção de um site sobre saúde mental dos vestibulandos, explicam o desafiador processo que enfrentaram para definir a linguagem e a plataforma mais adequada:

*Uma das nossas principais dificuldades foi encontrar a plataforma adequada para desenvolver nosso produto, uma vez que a, por ser um REA, era necessário estar em uma base de acesso livre e gratuito. A ideia inicial era criar uma espécie de aplicativo que o aluno tivesse acesso a qualquer momento, no entanto, não foi possível realizá-la. Então decidimos usar a plataforma Wix.com a qual apresentava todas as ferramentas que precisávamos para a criação de um novo modelo de site, isto é, possuir uma navegabilidade diferenciada de um modelo de padrão, que costuma ser linear. (EQUIPE E).*

A acadêmica F, que, por problemas de saúde, cursou a disciplina na modalidade de atividade domiciliar, e, por isso, desenvolveu sozinha um recurso com a linguagem de jogos voltado ao aprendizado do inglês, chama a atenção para a relevância de trabalhos aplicados, voltados a intervenção social:

*Conclui-se ressaltando a necessidade de se trabalhar nas salas de aula da Graduação com soluções práticas que possam ser aplicadas nos mais diversos contextos, não somente com ambientes simulados. Eis a grande contribuição dessa disciplina experimental para a formação de profissionais capacitados, capazes de praticar a empatia nos processos editoriais. (ACADÊMICA F).*

Constata-se por meio da fala dos acadêmicos, dos relatórios das equipes e da observação participante, que os desafios e dificuldades para o desenvolvimento de recursos educacionais abertos, seguindo a perspectiva da educomunicação e o princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão enfrentam diferentes desafios e dificuldades. Contudo, podendo ser superados, o que resulta

em múltiplas aprendizagens pessoais e profissionais, humanas e tecnológicas a todos os sujeitos envolvidos. Há uma aprendizagem também no processo que poderão enfrentar no mercado de trabalho ao estarem inseridos em equipes multidisciplinares.

Outro fator que chama atenção é o potencial dialógico e interdisciplinar que a disciplina proporciona em todas as esferas e relações que ela propõe. Durante o processo pode-se constatar alguns exemplos de como trabalhar essas questões na educação. Sobre o aspecto transdisciplinar trazemos um exemplo com a equipe que trabalhou com a Revista “A Mulher na Ciência”, desenvolvendo o produto de forma integrada com duas disciplinas: Edição de revistas e Projeto Experimental para Educação. Assim, cada disciplina avaliou diferentes critérios no mesmo produto resultando em melhor qualidade e na troca de conhecimentos. Em relação ao diálogo, esteve presente durante todo o processo entre os integrantes da equipe de forma presencial e pelas redes sociais, com a comunidade escolar parceira e com a professora e pós-graduandos em docência orientada.

## 5.8 PRODUÇÕES DA PESQUISADORA

Como resultado desse estudo de caso etnográfico, além da dissertação, por estar inserido em um Mestrado Profissional, contemplaremos também outros produtos. Conforme o regulamento do Programa de Pós-Graduação Tecnologias Educacionais em Rede (PPGTER), o estudo de caso já é considerado um produto. No entanto, diante do que o campo nos propõe, sentimos a necessidade de contribuir um pouco mais no contexto pesquisado por meio do desenvolvimento de outros produtos, como: a participação na criação e atualização do repositório da EduMIX-Editora Aberta; o planejamento e execução de ações de formação em formato de oficina e minicurso, cujas propostas apresentaremos a seguir.

Para auxiliar na construção da oficina e do minicurso nos baseamos na abordagem do *Design Thinking* que conforme Ambrose e Harris (2010, p. 12, tradução nossa) contribui nos aspectos criativos e econômicos,

Embora a criatividade no design seja importante, o design é uma atividade que serve objetivos econômicos e criativos. O processo de design ajuda a garantir que um design satisfaz todas essas considerações. O processo procura gerar várias soluções possíveis e utiliza várias técnicas ou

mecanismos que incentivam os participantes a pensar fora da caixa na busca de soluções criativas ou inovadoras.

Esse pensar fora da caixa ocorre em etapas onde os sujeitos participam de forma colaborativa como afirma Brown (2010, p.6) quando aborda o *Design Thinking* “[...] um conjunto de princípios que podem ser aplicados por diversas pessoas a uma ampla variedade de problemas”. Ambrose e Harris (2010, p. 12 tradução nossa) apresentam um esquema dessas etapas e salientam que apesar do processo parecer linear, o mesmo envolve e revisita “segmentos anteriores para retrabalhar à medida que evoluem”.

1º **Definir** - Define o problema e o público-alvo. Uma precisa compreensão do problema e suas restrições permitem soluções mais exatas a serem desenvolvidas. Esta etapa determina o que é necessário para o projeto ser bem sucedido.

2º **Pesquisar** - revisa informações como a história do problema de projeto, pesquisa com usuários finais e entrevistas conduzidas por opinião, e identifica obstáculos potenciais.

3º **Idealizar** - é o estágio em que as motivações e necessidades do usuário final são identificadas e ideias são geradas para atendê-las.

4º **Prototipar** - vê a resolução ou o desenvolvimento dessas ideias, que são apresentadas para análise de grupos de usuários e partes interessadas, antes de serem apresentados ao cliente.

5º **Selecionar** - vê as soluções propostas analisadas em relação ao breve design objetivo. Algumas soluções podem ser práticas, mas podem não ser as melhores.

6º **Implementar** - considera o desenvolvimento do design e sua entrega final ao cliente.

7º **Aprender** - ajuda os projetistas a melhorar seu desempenho e, por esse motivo, designers devem buscar feedback do público-alvo e do cliente e determinar se a solução atendeu aos objetivos do briefing. Isso pode identificar melhorias que pode ser feito no futuro. (AMBROSE; HARRIS, 2010, p. 12, tradução nossa).

Para os produtos desenvolvidos nesse estudo, utilizamos as etapas do design thinking com base nos dados coletados e na revisão de literatura. O objetivo é explicar como ocorreu o desenvolvimento e a aplicação dos produtos sustentados pela contribuição teórica de alguns autores.

Na etapa definir, selecionamos os sujeitos participantes e o problema a ser abordado. Em pesquisar, procedemos à revisão teórica, selecionando os conceitos e as informações relevantes para o estudo, bem como identificamos a necessidade dos produtos. Na etapa de idealizar, o interesse maior foi à questão dos direitos autorais, como e onde pesquisar e a produção de recursos educacionais abertos. Após identificar as necessidades dos grupos, surgiu a ideia de se fazer um minicurso e uma oficina, dois formatos diferentes para atender as demandas. Em prototipar

montamos a estrutura dos dois produtos para termos algumas soluções antes de aplicar. Para o minicurso foi solicitado além do conteúdo, um espaço de debate para tirar dúvidas; na oficina tivemos uma dinâmica de como aplicar na prática. Na etapa de selecionar, construímos as duas metodologias baseadas nas demandas e de forma objetiva. Para a etapa implementar, produzimos o material a ser utilizado, bem como, disponibilizado aos participantes. A última etapa que é aprender ocorreu por meio da união dos resultados apresentados na roda de conversas onde identificamos os objetivos alcançados, montamos um grupo de discussão sobre a temática em uma rede social o que pode resultar em outros futuros estudos e melhorias.

### **5.8.1 Produto: Repositório da EduMIX - Editora Aberta**

Na educação aberta os repositórios têm fundamental importância, pois além de armazenar os recursos, servem de divulgação para ampliar o acesso. O fato de estar online também facilita para ampliar esse alcance.

O Repositório da EduMIX<sup>57</sup> conta com as produções feitas na disciplina, como já mencionamos na apresentação da Editora, e está inserido no site do Programa Educom UFSM (Figura 23).

O repositório contou com a coprodução da pesquisadora, que também assumiu a responsabilidade de atualizá-lo a partir do mapeamento feito para a pesquisa.

---

<sup>57</sup> O repositório se encontra na página do Programa Educom UFSM. Disponível em: <https://bit.ly/2GHYP SH>. Acesso em: 01 out. 2018.

Para essa etapa, utilizamos três critérios: título do produto, descrição e link, baseados na ficha catalográfica que cada equipe de trabalho preenche no relatório final.

Figura 23 – Página do site do repositório da editora



Fonte: Repositório da EduMIX – Editora Aberta.

Na Figura 23 observamos a organização do repositório que traz informações sobre a editora, os REAs, os critérios de produção e avaliação, e o suporte de criação dos respectivos recursos. Cada REA conta com uma legenda icônica: jogo digital e/ou analógico, áudio, manual didático, aplicativo e/ou e-book e vídeo. Essa legenda é baseada nos recursos que já foram produzidos pela editora. A atualização é anual, conforme periodicidade da disciplina onde o projeto está inserido.

### 5.8.2 Produto: Minicurso intitulado REA e Educomunicação

**Público:** a) Discentes, Docentes e Gestores da Escola Superior Técnica (ESTEC)<sup>58</sup>; b) Acadêmicos de Comunicação Social - Produção Editorial da Disciplina Projeto Experimental para Educação;

**Duração:** 4 horas

**Local:** UFSM e Universidade Pedagógica (UP)

**Metodologia didática:** Utilizamos o recurso de slides para abordar os conceitos principais, logo após foram apresentados exemplos sobre a temática. E um guia de repositórios para orientar as pesquisas futuras. Antes de finalizar foi feito um debate e as questões que mais surgiram foram: em relação aos direitos autorais; como se apropriar das obras e dos livros didáticos e onde e como pesquisar. Um resultado importante e que veio também com influência do minicurso foi à criação do repositório da ESTEC que ainda está sendo produzido, mas que já ganhou espaço no site da instituição<sup>59</sup>. Já na UFSM com os discentes de Comunicação Social – Produção Editorial, os questionamentos foram quanto ao processo de produção e também os direitos autorais dos recursos.

**Conteúdo abordado:** Recursos Educacionais Abertos; Educomunicação; Autoria\coautoria; Produção Colaborativa; Repositórios; Editora Aberta.

**Referências:** Aporte teórico da dissertação.

---

<sup>58</sup> A Escola Superior Técnica situa-se no Campus Universitário de Lhanguene da Universidade Pedagógica em Maputo-Moçambique.

<sup>59</sup> Ver mais em: <https://www.estec.up.ac.mz/> Acesso em 15 de fev. de 2019.

### 5.8.3 Produto: Oficina Educom e REA

**Público:** Professores de Educação Básica<sup>60</sup>

**Duração:** 4 horas

**Local:** II Congresso Internacional de Comunicação e Educação e VIII Encontro Brasileiro de Educomunicação, USP – São Paulo.

**Data:** 12 e 13 de novembro de 2018.

**No. De participantes:** 34 participantes nos dois dias

**Conteúdo abordado:** Recursos Educacionais Abertos; Educomunicação; Autoria\coautoria; Produção Colaborativa; Repositórios; Editora Aberta; Avaliação processual, Direitos Autorais e Licenças.

**Referências:** Aporte teórico da dissertação.

**Metodologia, didática:** A oficina foi realizada em dois dias do evento<sup>61</sup> com duração de 4 horas cada uma. Nos dois dias foi utilizada a mesma metodologia, porém com grupos diferentes. Iniciou-se com uma breve apresentação e orientações para os grupos. Foi desenvolvida uma atividade envolvendo as ferramentas do *Google Drive* para a produção de um REA, aliando a teoria com a prática. A atividade foi realizada em grupo, cada equipe foi dividida em um mediador e os outros estudantes. O mediador recebeu a orientação da atividade e assim trabalhou com o restante do grupo de forma horizontal, integrada e colaborativa. A cada fase que os participantes foram avançando, foi sendo incorporada a compreensão dos conceitos que fundamentam a atividade. Essa fase envolveu dispositivos móveis como o uso de computador portátil, tablet e/ou celular, com a exploração da ferramenta *Google Docs* ou *Google Documentos*.

Após a dinâmica, avaliamos o impacto social da oficina por meio de uma roda de conversa para troca de experiências. Na construção do conhecimento com, e não para, tivemos retornos que evidenciaram aspectos relacionados à prática da oficina e também a temática relacionada ao contexto dos participantes. Apresentamos a seguir alguns desses relatos.

<sup>60</sup> Participantes do Evento II Congresso Internacional de Comunicação e Educação que ocorreu nos dias 12, 13 e 14 de novembro na Universidade Federal de São Paulo em São Paulo de 2018.

<sup>61</sup> II Congresso Internacional de Comunicação e Educação e VIII Encontro Brasileiro de Educomunicação, USP – São Paulo.

Falamos sobre como foi à oficina e sobre aliar mais ferramentas para trabalhar na prática. Uma das participantes citou um exemplo de como faz em seu cotidiano. Fala da Participante A:

*Eu posso dar um exemplo quando eu tô fazendo uma tabela com uma colega e a agente utiliza o WhatsApp, daí no WhatsApp a gente comunica que colocou um comentário novo ou que acrescentou alguma informação. (PARTICIPANTE A).*

Em diálogo com a utilização das ferramentas surge outra questão relacionada ao uso pelos professores, onde a participante B salienta:

*O que eu percebo é que os professores não têm muito tempo para fazer essa pesquisa e aprender essas ferramentas E aí ele acaba baixando aplicativo usando e quando aparece a primeira dificuldade ele já desiste. Então é preciso esse suporte para o professor. Porque eu acho que assim seriam mais efetivas essas tecnologias dentro das escolas. (PARTICIPANTE B).*

Foi comentado sobre a dificuldade de não ter internet ou de não estar presente para fazer atividade, e aí trazemos a questão de poder trabalhar offline com as ferramentas do Google. Inclusive, uma das dúvidas foi sobre o Google sala de aula, e se essa ferramenta também é possível se trabalhar offline. A dúvida foi respondida na roda de conversa por uma das participantes, sendo a resposta positiva, é possível. Vemos a construção do conhecimento acontecer por meio de todos os participantes, independente de quem está ministrando a oficina.

Outro aspecto que surgiu foi à questão de se trabalhar com vídeo. Aqui nesse ponto falamos da questão do remix e das licenças, então passamos a tratar desse tópico na oficina. Foi falado das licenças do YouTube, como exemplo. E a participante relatou sobre algo que lhe aconteceu e que ilustra a questão do direito autoral na prática.

*A gente trabalha com educação à distância no estado do RJ e ai minha chefe estava montando um curso de extensão e queria colocar um link com uma legenda só que o vídeo original tinha sido fornecido sem legenda. Ai a gente baixo o vídeo e subiu no canal dela com a legenda e no dia seguinte ela falo que não estava conseguindo assistir e que tinha uma mensagem la de violação dos direitos autorais reclamado pela National Geographic sendo que o link original (onde ela baixou) nem estava na National Geographic national geographic estava em um canal*

*de um fulano que a gente nem faz ideia de quem seja. E aí a gente justifico dizendo que não era pra uso comercial e que era para contribuir com o vídeo com uma legenda em português e eles não aceitaram. (PARTICIPANTE A).*

A participante C deu seu depoimento sobre colaboração relacionado ao seu contexto de formação de professores de Inglês:

*Bom eu vou falar no contexto que eu estou com a formação de professores Mais especificamente na formação de professores de inglês então quando a gente fala em trabalho colaborativo a gente imagina o professor trabalhando aluno em sala e a gente também imagina o professor trabalhando com o professor como, por exemplo, eu tenho uma plataforma que se chama elo<sup>62</sup> [...]. Então vem lá as atividades como vídeo música e as professoras estão usando os recursos abertos tem várias sugestões de atividade como professor ensinar. E aí o professor pega essa atividade faz adaptação ou não e ele utiliza e leva para sala de aula e trabalha daquela forma ou de outras. Então são duas formas de pensar o colaborativo uma eu e você com seu aluno em sala de aula e outra é você com outros professores compartilhando material uma tá botando material do outro disponibilizando a matéria. [...] é bom pensar em outras formas de colaboração. (PARTICIPANTE C).*

Abordamos também a questão da resistência à tecnologia em sala de aula, e a participante D trouxe um exemplo:

*Eu gostaria de compartilhar uma experiência, eu trabalho com o berçário 2 faixa etária de 2 anos e fazendo o curso de fotografia, eu fui desenvolver um projeto para trabalhar com eles, aí uma das etapas seria os pais mandarem uma foto da convivência deles dentro de casa ou um momento da família, ou um brinquedo que a criança goste e que mandasse por e-mail e de 18 crianças eu recebi 3. (PARTICIPANTE D).*

Outra participante comentou a respeito, ao trazer a questão da rapidez da tecnologia e da facilidade do uso. Conforme a fala dela:

*a resistência pode vir por ela ter solicitado arquivo por e-mail porque hoje em dia a informação é muito mais rápida. Então os pais poderiam achar mais fácil se tivesse sido enviado a foto por WhatsApp ou por ser mais fácil e rápido para eles responderem também. Se fosse utilizado o whatsapp teria tido mais sucesso a atividade. (PARTICIPANTE B).*

---

<sup>62</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2lcHhAR>. Acesso em: 20 jan. 2019

Sobre a questão de se adaptar o uso de algo que os professores e pais já costumam usar no dia a dia, foi abordado no exemplo da participante E:

*Faço parte de um projeto onde tinha um jornal impresso e que os professores trabalhavam nele e que eles viram a necessidade de migrar para o digital fazer um jornal digital e que eles criaram até um login para acessar o jornal e que isso ainda está em andamento que é difícil essa adaptação, mas notei que além da dificuldade de infraestrutura e da questão da falta de conhecimento e de saber o uso das plataformas, uma questão cultural e que essa mudança cultural não é simples ela não vai ser de uma hora para outra. Você tem que mostrando aos poucos, explicar o que são as metodologias ativas [...] no projeto tem pessoas mais velhas e que por mais que tenham dificuldade estão conseguindo se adaptar e fazer. É necessário entender o público, conquistar quem está trabalhando e esse ano nós incluímos o WhatsApp como fonte de comunicação porque vimos que tinha necessidade e que conseguimos resolver assim porque foi WhatsApp ela disse que manda a pergunta e já recebe a resposta e com o e-mail isso não acontece. É importante trabalhar com o que você já tem, por exemplo, essa questão do WhatsApp a comunidade escolar já usa para alguma coisa então você adapta para o teu uso e consegue sucesso porque a pessoa já usa ela não precisa fazer nada mais para trabalhar então isso envolve muito a questão do Google Drive porque as pessoas já estão usando essas ferramentas às vezes sem perceber ou sendo assim necessitando usar porque onde ela vai a outra pessoa tá usando e pede para ela entrar ou etc. (PARTICIPANTE E).*

Outro ponto abordado foi à questão da autoria e da coautoria. A participante F traz na sua fala a questão da falta de reconhecimento, e da falta da prática de compartilhamento de ideias dos professores:

*Porque só o pesquisador pode falar algo sobre educação e eu não. Porque eu tenho que ver o que ele acha e não o que eu acho. Porque eu não posso falar da minha prática. (PARTICIPANTE F).*

Refletimos sobre a questão do profissional e de trabalhar com equipes multidisciplinares. Abordamos como entender sobre o que se está trabalhando, mas não ser obrigado a saber de tudo, e sim entender para dialogar com os pares.

A participante G comentou sobre sua experiência sobre a necessidade de compartilhamento:

*Eu acabei de me formar em biologia e a gente tava passando o conteúdo. Quando eu fui ver o que aconteceu, os professores acabaram passando o mesmo conteúdo e da mesma forma porque não houve essa comunicação e não teve registro. E aí eu acho muito legal que tenha essa abertura para que possa compartilhar pelo menos na formação de professores seria essencial. (PARTICIPANTE G).*

Outro fator abordado foi o compartilhamento das práticas dos professores e a produção de REAs. O fato da plataforma do MEC ter mais recursos baixados do que disponibilizados na plataforma. Diante disso foi elencado pelas participantes alguns dos motivos disso acontecer:

- a) não faz sentido produzir e deixar na gaveta;
- b) o medo de errar, medo da crítica; falta compreensão de que isso é parte do processo;
- c) o ego do professor como ser humano;
- d) a sociedade não nos permite errar e isso já é uma questão enraizada;
- e) todo mundo busca conteúdo no Google para preparar uma aula, ou acaba trazendo outros subsídios além do livro didático. Assim como busca, deveria disponibilizar o seu trabalho ou a sua prática em sala de aula.

Também em relação a questão de produção colaborativa e de autoria, a participante H trouxe a importância de levar esses aspectos para os estudantes e para os professores:

*Importante também a gente ensinar os alunos e a gente também se conscientizar de quando fazer um trabalho colocar as fontes porque eu acho extremamente importante a questão da autoria e a valorização do trabalho é importante então essa questão da colaboração também é importante e se tem uma escola com uma gestão colaborativa as coisas ficam muito mais fáceis, você pode trocar ideias você consegue compartilhar os planejamentos. Então eu acho que também depende muito da gestão. (PARTICIPANTE H).*

Outra questão levantada foi à importância de se ter um grupo de discussão sobre essas ferramentas, e os participantes citaram o aplicativo do *Whatsapp* para criação de um grupo relacionado a essa temática. Essa demanda podemos observar na fala da participante I:

*Você conhece algum grupo de pesquisa ou algum grupo que trabalha com esse tipo de tecnologia e que esteja compartilhando ou partilhando esse tipo de ideia também? Seria interessante que tivesse esses tipos de iniciativas porque o professor participa de capacitações, mas no dia a dia é que surge a dificuldade e um grupo poderia auxiliar mais rápido sem falar na troca de ideias. (PARTICIPANTE I).*

No mesmo momento dessa fala, passamos uma folha para criarmos essa rede de discussão e difundirmos mais a prática de REA e a troca de conhecimento, pois todos os participantes tiveram interesse em aprofundar as discussões sobre a temática. Com os dois grupos, o debate foi enriquecedor e trouxe contribuições para este estudo e nas participações da pesquisadora no campo.

Importante registrar que a primeira roda de conversa contribuiu para melhorias na abordagem da oficina ministrada no segundo dia, e o fato de estar utilizando as ferramentas do Google na preparação da oficina foi fácil para a pesquisadora se adaptar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção internacional de REA é crescente, mas no Brasil ainda é incipiente, daí a importância de estudarmos iniciativas como a EduMIX-Editora Aberta do Curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM, voltada a formação de novos profissionais. A Universidade precisa enfrentar o desafio e a resistência de profissionais e do próprio mercado, que a veem como uma ameaça a produção, utilização e compartilhamento de recursos educacionais abertos. Nesse sentido, é importante conceber os REAs não como substitutos, mas como complemento inovador e colaborativo ao sistema existente.

Nessa perspectiva, enfatiza-se a importância dos cursos de Pedagogia e licenciaturas por contemplarem tal aprendizagem voltada a uma educação aberta, colaborativa e próxima da realidade dos educadores e educandos.

Ao concluirmos essa trajetória de pesquisa que teríamos muito a explorar, mas a limitação do tempo exige um fechamento mesmo que provisório, destacamos alguns aspectos. Avaliamos que conseguimos atingir os objetivos propostos, ou seja, de descrever e analisar a experiência da disciplina de Produção Editorial para Educação, em que foi planejada e desenvolvida a EduMIX – Editora Aberta, cujos princípios norteadores são: a educomunicação, os REAs e o princípio de indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão:

- a) a importância do diálogo com o público usuário dos REA e a contribuição das escolas, principalmente por meio dos professores onde notou-se a forte aderência à produção colaborativa como forma de melhor efetivação dos resultados pedagógicos;
- b) apesar dos acadêmicos terem ciência dos critérios de produção e avaliação dos REAs, algumas equipes não deram conta de aspectos importantes como a acessibilidade e a usabilidade;
- c) o princípio de indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão contribui para superação dos obstáculos enfrentados pelos acadêmicos, principalmente no que se refere a assessoria técnica e pedagógica externa;

- d) a perspectiva da extensão potencializa a produção colaborativa e inter/transdisciplinar e traz uma realidade aproximada da demanda nas equipes multidisciplinares do mercado de trabalho;
- e) a autoavaliação individual e grupal adotada na disciplina como parte do relatório final<sup>63</sup> favorece: a autoconscientização quanto a interação da equipe, com as parcerias externas e com o professor da disciplina visando a qualificação desses processos; o desenvolvimento pessoal, humano e profissional; a identificação de pontes fortes e frágeis; identificação de dificuldades e expectativas; contribui para uma avaliação mais personalizada respeitando as igualdades e as diferenças;
- f) há lacunas na formação dos Editores do Curso de Produtor Editorial da UFSM voltado a produção de diferentes recursos educacionais, principalmente no que se refere a design instrucional, a acessibilidade e a abertura técnica;
- g) a perspectiva dialógica adotada na disciplina possibilita ao Editor a aprendizagem inclusiva de produzir recursos educacionais com e não para os usuários;
- h) os princípios norteadores da disciplina possibilitam o exercício da coautoria de professores e alunos na produção de material didático, ou seja, possibilita a passagem de receptores a interlocutores;
- i) observamos também a integração das ferramentas do Google para a produção dos relatórios, e para trabalhar de forma colaborativa entre as equipes e o uso das redes sociais para o compartilhamento dos arquivos, *feedbacks* e para tirar dúvidas sobre o trabalho.

Quanto a divulgação e manutenção do repositório, no caso da EduMIX, ela já contou com bolsistas, com o técnico administrativo do curso de Comunicação Social - Produção Editorial para realizar essa parte. Atualmente está sem suporte nesse processo, e isso fez com que ocorresse a desatualização dos recursos, e a troca dos links dos recursos. Em 2018 a pesquisadora contribuiu com a atualização do repositório e sua divulgação, e notamos o quanto é uma etapa bem importante do

---

<sup>63</sup> Apresentado no Anexo C.

processo, pois é preciso que as pessoas tenham conhecimento que esses recursos existem para poderem fazer uso e recriar materiais.

Em relação às dificuldades apontadas pelos acadêmicos e observadas durante o processo, cremos que a principal dificuldade é a criação e produção de conteúdos em múltiplas linguagens, uma vez que demanda mais tempo do que o disponibilizado pela disciplina de 120 horas. Uma opção para a disciplina seria limitar-se a remixagem de conteúdos, onde os acadêmicos trabalhariam para traduzir, qualificar e diversificar as linguagens de produtos existentes e disponíveis em domínio público e ou com licenças abertas.

Na continuidade de nossos estudos no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PPGIE) da Universidade Pedagógica de Maputo – Moçambique pretendemos analisar o Portal REL da Universidade Virtual Africana (UVA), aqui citado. Espera-se, então, que esta pesquisa possa contribuir para as áreas da Comunicação Social - Produção Editorial, da Educomunicação, dos REAs e para o mercado editorial didático. Contudo, desejamos que o trabalho possa também estimular novas pesquisas sobre a importância de iniciativas para a educação aberta, refletindo sobre o tema em diferentes cenários e contextos culturais



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARANTE, Maria Inês. **Rádio Comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã**. Intermeios: São Paulo, 2012.
- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. *Basics Design - Design thinking*. Singapore: AVA Publishing SA, 2010.
- AMIEL, T.; SANTOS, K. Uma análise dos termos de uso de repositórios de recursos educacionais digitais no Brasil. **Revista Trilha Digital**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 118-133, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2UYdWeC>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- AMIEL, T.; SOARES, T. C. O contexto da abertura: recursos educacionais abertos, cibercultura e suas tensões. **Revista Em Aberto**, v. 28, n. 94, p. 109-122, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2BBnhC5>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- AMIEL, Tel. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos e educacionais. *In*: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (Org.). **Recursos educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas e públicas**. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 17-35. Disponível em: <https://bit.ly/2SLELpf>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- ANTUNES, Celso. **Novas Maneiras de Ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2Sw7v67>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- APARICI, Roberto. Introdução: a educomunicação para 2.0. *In*: APARICI, Robert (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 29-42.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. São Paulo: Fundação Editor da Unesp, 2008.
- ASCONAVIETA, Paulo Henrique da Silva. **Repositórios de recursos educacionais digitais reutilizáveis: um estudo para a Universidade Aberta do Brasil**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 1, p. 7-14, 1994. Disponível em: <https://bit.ly/2DFGNM>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- BAGETTI, Sabrina. **Mediação Pedagógica no Ensino-Aprendizagem Colaborativo do Sistema E-TEC Brasil**. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.
- BAGETTI, Sabrina; MALLMANN, Elena Maria. Design da Mediação Pedagógica em ambientes virtuais de ensino-aprendizagem colaborativo: fluência tecnológico-pedagógica”. **Revista Educação em Foco**, v. 21, n. 34, p. 219-241, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2DFHEhs>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- BANDEIRA, Denise. **Materiais Didáticos – Curitiba**. PR: IESDE, 2009. 456 p. Disponível em: <https://bit.ly/2BBpBZP>. Acesso em: 21 ago. 2018.

- BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor. Notas para sua história. **Em questão**, Porto Alegre, v. 11. n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2N7IPup>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- BRASIL. **Declaração da Cidade do Cabo para Educação Aberta**: Abrindo a Promessa de Recursos Educativos Abertos. [Cidade do Cabo, África], 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2Bvfe9V>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- BRASIL. **Declaração de Paris sobre Recursos Educacionais Abertos**. [Paris]: UNESCO, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2yPENBb>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- BRASIL. **FNDE**: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: Disponível em: <https://bit.ly/2o46jmL>. Acesso em: 14 dez. 2018.
- BRASIL. **Guia Digital do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD - 2019)**. Disponível em: <https://bit.ly/2lcqGNp>. Acesso em: 14 dez. 2018.
- BRASIL. **Lei 13.005 de 25 de junho de 2014**. Plano Nacional da Educação (PNE-2014-2024). Disponível em: <https://bit.ly/1vsTU87>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- BRASIL. **Lei Nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998**. Legislação sobre direitos autorais. Disponível em: <https://bit.ly/1P2qjjJ>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- BRASIL. **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. Disponível em: <https://bit.ly/2S0UPix>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- BROWN, T. **Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo:UNESP, 1999.
- CREATIVE COMMONS. **Sobre as licenças**. Disponível em: <http://creativecommons.org>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em**
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de Caso. *In*: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 215-235.
- EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. E-book. **A Economia da Cadeia Produtiva do Livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2SNDHRH>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro**: passado, presente e futuro do mercado editorial. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, Tia não** - Cartas a Quem Ousa Ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: <https://bit.ly/2RYefEF>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do livro, 2006.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 23, p. 57-70, abr. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2GFpTSI>. Acesso em: 17 de ago. 2018.

GONSALES, Priscila. Aberturas e Rupturas na formação de professores. *In*: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (Orgs). **Recursos educacionais Abertos**: práticas colaborativas políticas e públicas. Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 143. Disponível em: <https://bit.ly/2SLELpf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: Sua História. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HYLÉN, Jan. **Dar conhecimentos gratuitamente**: O Aparecimento dos Recursos Educativos Abertos. See “Giving Knowledge for Free – the Emergence of Open Educational Resources”, OECD Paris (2007). Disponível em: <https://bit.ly/2S4OaDG>. Acesso em: 14 nov. 2018.

JACQUES, J. S. **Performance multidisciplinar nas ações de pesquisa, desenvolvimento e capacitação**: produção de materiais didáticos hipermediáticos no Moodle. 2014. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em: <https://bit.ly/2N6EFDp>. Acesso em: 22 ago. 2018.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. Quito Ecuador, 1976. Disponível em: <https://bit.ly/2STCKXO>. Acesso em: 01 ago. 2018.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. *In*: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. p.175-186.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da educação. *In*: APARICI, Robert (Org.). **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 59-78.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de La comunicación**. Madri, Ediciones de La Torre, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/2DBiBMO>. Acesso em: 01 ago. 2018.

KAPLÚN, Mario **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)** / Mario Kaplún. -- La Habana : Editorial Caminos, 2002. Disponível em: [https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/Kaplún-el\\_comunicador\\_popular\\_0.pdf](https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/Kaplún-el_comunicador_popular_0.pdf) Acesso em: 15 jan. 2019.

KIPERMANN, Celso. De editora a empresa de educação. *In*: BARCELLOS, Clô; BARCELLOS, Marília. (Org.). **E-book. VII Seminário O Negócio do Livro: mercado editorial em debate**. Santa Maria: PRE pE.com UFSM, 2015, não paginado.

LEFFA, Vilson J. Uma outra aprendizagem é possível: Colaboração em massa, recursos educacionais abertos e ensino de línguas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 55.2, p. 353-377, mai./ago. 2016.

LOSSO, Claudia Regina Castellano; SARTORI, Ademilde Silveira. Novas configurações da comunicação na sociedade mediada pelas tic e os reflexos nos ecossistemas educativos. *In*: SARTORI, Ademilde Silveira (Org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos**: diálogos sem fronteiras. Florianópolis: DIOESC, 2014. p. 101-106.

- MALLMANN, E. M.; JACQUES, J. S.; Design pedagógico de materiais didáticos: performance docente na produção hipermediática em ambientes virtuais1. **Revista Educação e Contemporaneidade**, v. 23, n. 42, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2E8vuiB>. Acesso em: 13 fev. 2019.
- MALLMANN, E. M; QUINTAS-MENDES, A. M; NOBRE, A. M. J. F; JACQUES, J. S. Inovação mediada por recursos educacionais abertos (REA): o caso da Universidade Aberta de Portugal. *In*: BUSARELLO, R. I; BIEGING, P; ULBRICHT, V. R. (Org.). **Inovação em Práticas e Tecnologias para Aprendizagem**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2015.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.
- MEDEIROS, L. L. Mídias na Educação e co-autoria como estratégia pedagógica. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 79, p. 139-150, jan. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2Gr8r5k>. Acesso em: 13 fev. 2019.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 280-304.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- MUNIZ, José Jr. Editoração, mediação e poder: a meritocracia dos mercados simbólicos e a arbitragem do editor de livros. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos. **Anais [...]**. Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, 2007. p. 01-13.
- NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral. **Declaração universal dos direitos humanos**. [Rio de Janeiro]: UNIC, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/1pkC3MU>. Acesso em: 28 ago. 2019. Publicado originalmente em 1948.
- NIED - Núcleo de Informática Aplicada à Educação, CDI - **Comitê para democratização da Informática**, São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/2DBhwV7>. Acesso em: 17 maio 2018.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos**. São Paulo: Érica, 2001.
- OKADA, Alexandra. Estratégias de Web: Conferencias com FlashMeeting na aprendizagem aberta. *In*: ENDIPE, 14. 2007/8, Rio Grande do Sul. **Anais [...]**. Rio Grande do Sul: Endipe, 2007. p. 1 - 15.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.
- PAPERT, Seymour. A maior vantagem competitiva é a habilidade de aprender. **Super Interessante**, Educação Digital, 31 out. 2016. Disponível em: <https://abr.ai/2NvF2X1>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- PCN - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. - **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. DP&A, 2000.
- PCN - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Ensino Médio**: Bases Legais. DP&A, 2000a.
- PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Observação Participante e pesquisa-ação. *In*:

PRETTO, Nelson de Lucca. Professores-autores em rede. *In*: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (Org.). **Recursos educacionais Abertos**: práticas colaborativas políticas e públicas. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 91-108. Disponível em: <https://bit.ly/2SLELpf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

QUERINO, Magda Maria de Freitas. **Currículo da educação básica das escolas públicas do distrito federal**. Disponível em: <https://bit.ly/2GpYeps>. Acesso em: 27 jun. 2018.

ROSA, Rosane. O Direito ao Exercício da Autoria. *In*: Cláudia Bonfá. (Org.). **Desafios**: Editoração em tempos de convergência. Santa Maria: Pe. Com, 2018, p. 113-125.

ROSSINI, Carolina. Aprendizagem digital, recursos educacionais abertos e cidadania. *In*: SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Cidadania e Redes Digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2TPpZuE>. Acesso em: 3 ago. 2018.

ROSSINI, Carolina; GONZALEZ, Cristina. REA: o debate em política pública e as oportunidades para o mercado. *In*: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (Orgs.). **Recursos educacionais Abertos**: práticas colaborativas políticas e públicas. Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 37-69. Disponível em: <https://bit.ly/2SLELpf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

SAGAH. **Página Quem Somos**. Disponível em: <https://sagah.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SANTOS, Andreia Inamorato. **Recursos Educacionais Abertos no Brasil**: O estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2Bzd354>. Acesso em: 01 ago. 2018.

SANTOS, Inamorato Andreia. Educação aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. *In*: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (Org.). **Recursos educacionais Abertos**: práticas colaborativas políticas e públicas. Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p.71-90. Disponível em: <https://bit.ly/2Bzd354>. Acesso em: 17 ago. 2018.

SANTOS, Inamorato Andreia. O conceito de abertura em EAD. *In*: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos. (Org.). **Educação à distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 290-296.

SARTORI, Ademilde Silveira *et al.* Desenho animado. Blogs e Youtube: Elemento para pensar práticas pedagógicas educacionais. *In*: SARTORI, Ademilde Silveira (Org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos : diálogos sem fronteiras**. Florianópolis: DIOESC, 2014. p. 67–86.

SCHNEIDER, Daniele da Rocha. Prática dialógico-problematizadora dos tutores na UAB/UFSM: fluência tecnológica no Moodle. 2012. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/06.pdf> . Acesso em: 10 ago. 2018.

SMITH, Kell. **Era uma vez**. São Paulo: Mídas Music / Vidisco, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2tRdO78>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SNEL; FIPE. **Pesquisa sobre o mercado editorial. (ano base-2017)**. Disponível em: <https://bit.ly/2V2yiDT>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SOARES, D. **Educomunicação: o que é isto?**, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/1ojl1m0>. Acesso em: 7 ago. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. “Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina”. *In*: BACCEGA, Maria Aparecida, **Gestão de processos comunicacionais**, São Paulo-SP, Atlas, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. “Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina”. *In*: BACCEGA, Maria Aparecida, **Gestão de processos comunicacionais**, São Paulo-SP, Atlas, 2002, p. 124

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/ Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação**, Brasília, v. 1, n.2, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação** : contribuições para a reforma do ensino médio. São Pulo; Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Introdução à edição brasileira. *In*: APARICI, Robert (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 7-27.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Renovar a teoria crítica e emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

TAPSCOTT, Don. Geração Digital: **A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net**. São Paulo: MAKRON Books, 1999.

THOMPSON, John B. **Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XXI**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

UNESCO and Commonwealth of Learning. (2011). **Guidelines for open educational resources (OER) in higher education**. Paris: Commonwealth of Learning. Disponível em: <https://bit.ly/1R8tZzK>. Acesso em: 28 dez. 2018.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

WILEY, David. The Access Compromise And The 5th R. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/1eZK5KH>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001. Disponível em: [encurtador.com.br/eoMV7](http://encurtador.com.br/eoMV7). Acesso em: 15 fev. 2019.

ZANIN, Alice Aquino. Recursos educacionais abertos e direitos autorais: análise de sítios educacionais brasileiros. **Rev. Bras. Educ**, 2017, v. 22, n. 71, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2DBmD7U>. Acesso em: 20 dez. 2018.

## ANEXO A – PROGRAMA DA DISCIPLINA

	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA</b>  <b>PROGRAMA DE DISCIPLINA</b>	
<b>DEPARTAMENTO:</b>		
<b>CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO</b>		
<b>IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:</b>		
CÓDIGO	NOME	(T-P)
<b>COM 3066</b>	<b>PROJETO EXPERIMENTAL EM EDUCAÇÃO</b>	<b>(2-6)</b>
<b>OBJETIVOS - ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de :</b>		
<p>Explorar o universo das publicações em educação e educomunicação, suas características, agentes, critérios de qualidade, ter competências para atuarem como editores, com ênfase para a gestão do processo editorial planejamento, execução e pós-execução de produto editorial experimental na área da educação e educomunicação, com estudo aprofundado de fundamentos educomunicacionais e aplicação de conhecimento teórico-prático adquirido no decorrer do curso. Ser profissionais editores/gestores editoriais atuantes na produção, processamento e divulgação da informação sobre educação e educomunicação.</p>		
<b>PROGRAMA:</b>		
<b>TÍTULO E DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES</b>		
<b>UNIDADE 1 – EDITORAÇÃO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO</b>		
1.1 - O sistema e as políticas de educação. 1.2 - O universo das publicações em educação. 1.3 - O mercado editorial das publicações para educação. 1.4 - Publicações educomunicacionais.		
<b>UNIDADE 2 – PLANEJAMENTO EDITORIAL E PRÉ-PROJETO</b>		
2.1 - Definição do cronograma de gestão editorial. 2.2 - Definição das características do produto experimental: suporte, título; subárea de conhecimento; público-alvo: leitores e autores; abrangência; periodicidade; direitos autorais; sistemática para a seleção e avaliação dos artigos; comissão editorial; idiomas; seções temáticas; dados de identificação do fascículo. Definição da linha e política editoriais (critérios para seleção dos originais; normas para apresentação dos originais; forma de submissão); composição da equipe editorial. 2.3 - Definição do projeto gráfico. 2.4 - Elaboração da base de dados de autores, leitores e avaliadores.		
<b>UNIDADE 3 – EXECUÇÃO DO PROJETO</b>		
3.1 - Elaboração do cronograma editorial. Elaboração e divulgação do edital para captação dos originais. 3.2 - Recebimento e triagem dos textos e artigos. 3.3 - Envio para avaliação. Revisão e tratamento dos originais. 3.4 - Diagramação da revista. Elaboração da capa, ilustrações e sumário. 3.5 - Fechamento do arquivo e envio para a gráfica. 3.6 - Orçamento e provas. 3.7 - Revisão final. 3.8 - Publicação.		

PROGRAMA: (continuação)

UNIDADE 4 - PÓS-EXECUÇÃO DO PROJETO

- 4.1 - Lançamento.
- 4.2 - Indexação.
- 4.3 - Divulgação.
- 4.4 - Distribuição e circulação.

## ANEXO B – REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA DISCIPLINA

<b>VIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. Disponível em: <a href="http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201">http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201</a>	
GRUPO REA da Educação Aberta. Recursos Educacionais Abertos: Um caderno para o professor. Disponível em: <a href="http://educacaoaberta.org/wiki/index.php/Caderno_REA">http://educacaoaberta.org/wiki/index.php/Caderno_REA</a>	
MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000. Disponível em: <a href="http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/textosdiversos/SeteSaberes-EdgarMorin.pdf">http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/textosdiversos/SeteSaberes-EdgarMorin.pdf</a>	
NAMORATO, Andreia. Recursos educacionais abertos no Brasil: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <a href="http://www.cetic.br/publicacoes/2012/rea-andreia-inamorato.pdf">http://www.cetic.br/publicacoes/2012/rea-andreia-inamorato.pdf</a>	
SANTANA, B. Rossini, C. Preto, N. Recursos Educacionais Abertos: Práticas Colaborativas e Políticas Públicas. <a href="http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-ledicao-ma2012.pdf">http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-ledicao-ma2012.pdf</a>	
<b>IX - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>	
BRITO, Tatiana Feitosa de. O livro didático, o mercado editorial e os sistemas de ensino apostilados. Brasília: Centro de Estudos da Consultoria do Senado Federal, 2011. Disponível em: <a href="http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-92-o-livro-didatico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-de-ensino-apostilados">http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-92-o-livro-didatico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-de-ensino-apostilados</a>	
FILHO, Plínio Martins; ROLLEMBERG, Marcello. Edusp: Um Projeto Editorial. São Paulo: Edusp, 2001.	
SAMARA Timothy. Guia de Design editorial: manual prático para o design de publicações. Porto Alegre: Bookman, 2011.	
SILVA, Solimar. Oficina de escrita criativa: escrevendo em sala de aula e publicando na web. Vozes Porto Alegre, 2014	Pasta Xerox
<b>X – SITES</b>	
<b>Links referência para os projetos experimentais</b>	
Recursos Educacionais Abertos	<a href="http://www.rea.net.br/">http://www.rea.net.br/</a>
Banco Internacional de Objetos Educacionais	<a href="http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/">http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/</a>
OER Commons	<a href="http://www.oercommons.org/">http://www.oercommons.org/</a>
PHET - simulações interativas	<a href="http://phet.colorado.edu/pt/">http://phet.colorado.edu/pt/</a>
Portal do professor	<a href="http://portaldoprofessor.mec.gov.br/">http://portaldoprofessor.mec.gov.br/</a>
Lista de repositórios REA	<a href="http://educacaoaberta.org/wiki/index.php/Lista">http://educacaoaberta.org/wiki/index.php/Lista</a>
<b>Cursos Virtuais Gratuitos (Diversas Áreas)</b>	
MIT OpenCourseWare (OCW)	<a href="http://ocw.mit.edu/index.htm">http://ocw.mit.edu/index.htm</a>
Curso sobre gameificação	<a href="http://www.coursera.org/course/gamification">www.coursera.org/course/gamification</a>
New York University - open education	<a href="http://www.nyu.edu/academics/open-education.html">http://www.nyu.edu/academics/open-education.html</a>
Edx (produzido por MIT, Harvard and Berkeley)	<a href="https://www.edx.org">https://www.edx.org</a>
Veduca	<a href="http://www.veduca.com.br/browse/subjects">http://www.veduca.com.br/browse/subjects</a>
<b>Recursos (CC)</b>	
Audio creative commons	<a href="http://dig.ccmixer.org/">http://dig.ccmixer.org/</a>
Imagem Royalty free	<a href="http://sxc.hu/">http://sxc.hu/</a>
25 sites com recursos creative commons	<a href="http://mashable.com/2007/10/27/creative-commons/">http://mashable.com/2007/10/27/creative-commons/</a>

## ANEXO C – MODELO DO RELATÓRIO FINAL



UFSM – CCSH -FACOS  
 PROJETO EXPERIMENTAL DE PRODUÇÃO EDITORIAL PARA EDUCAÇÃO  
 RELATÓRIO FINAL – 2018/2

Profa. Rosane Rosa

### MODELO PARA O RELATORIO FINAL<sup>1</sup>

1. **Título:** em fonte *Times New Roman*, em corpo 12, **negrito**, caixa alta e baixa (só iniciais maiúsculas), usando no máximo 200 toques;
2. **Autoria:** inserir o(s) nome(s) do(a/s) Autor(a/es) em fonte *Times New Roman*, em corpo 12, redondo (normal), Professores/Orientadores e Instituição;
3. **Resumo:** inserir o resumo do trabalho, utilizando fonte *Times New Roman*, em corpo 12, com espaçamento simples entre as linhas. Mínimo de 400 e máximo de 900 toques (correspondentes ao máximo de 10 linhas), num só parágrafo.
4. **Palavras-chave:** mínimo de 3 e o máximo de 5 palavras-chave, separadas por ; (ponto e vírgula). Usar fonte *Times New Roman* em corpo 12.
5. **Corpo do trabalho:** inserir o texto do corpo do trabalho, usando exclusivamente a fonte *Times New Roman*, em corpo 12, com espaçamento 1,5 entre as linhas, e margens justificadas, incluindo as referências bibliográficas, tabelas e ilustrações.

As citações de mais de 3 linhas devem ser digitadas em corpo 11, com espaçamento simples entre as linhas e destacadas do texto por margem esquerda maior que a do parágrafo; as citações de até três linhas devem integrar o corpo do texto e ser assinaladas entre aspas. Informar (VIEIRA, 2005, p.79). Verificar norma ABNT para citações - NBR 10520: 2002.

Mínimo de **05 e máximo de 10 páginas** e 2000 Kbytes, em formato A4. Tabelas e ilustrações devem vir no corpo do texto ou como apêndices, no próprio arquivo do trabalho. Recomenda-se sejam usadas imagens em formato JPG.

**Estrutura do corpo do trabalho:**

**1 INTRODUÇÃO**

**2 OBJETIVOS**

**3 JUSTIFICATIVA**

**4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

**5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO** (Definição das características do produto experimental (adaptar conforme as características da respectiva produção): suporte, título; subárea de conhecimento; público-alvo: leitores e autores; abrangência; periodicidade; licença; sistemática para a seleção, produção e avaliação de conteúdos; idiomas; seções temáticas; dados de identificação (ficha catalográfica em anexo). Definição da linha e política editoriais (critérios para seleção dos originais; normas para apresentação dos originais; forma de submissão); composição da equipe editorial. Definição do projeto gráfico. Etc.)

**6 DESCRIÇÃO DO PROCESSO** (principais etapas e resultado dos indicadores de avaliação\teste)

<sup>1</sup> **Atende o princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão**

**7 BASE TEORICA (3 a 5 paginas - sobre os conceitos abordados na disciplina e sobre a temática específica)**

**7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

- sobre o resultado do REA desenvolvido;
- desafios e dificuldades quanto ao principio de indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão;
- desafios e dificuldades quanto aos principios do REA;
- aprendizagens

**9.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Inserir as referências bibliográficas em fonte *Times New Roman*, em corpo 12, com espaçamento simples entre as linhas.

**ATENÇÃO:**

- 1) NÃO esqueça de *deletar* as indicações das normas em cada um dos itens. Assim, ao inserir o título ou o resumo, por exemplo, *delete* as instruções e coloque apenas seu título, resumo, etc..

**Informações Complementares**

**Ficha Catalográfica do REA desenvolvido**

<b>Título:</b>	
<b>Tipo de recurso e suporte:</b>	
<b>Objetivos:</b>	
<b>Descrição do REA (resumo):</b>	
<b>Temas transversais/ Disciplinas:</b>	
<b>Autor/Coautor(es)</b>	
<b>Colaboradores</b>	
<b>Idioma:</b>	
<b>Fonte do recurso de origem se for remix</b>	
<b>Endereço eletrônico do recurso ou drive da editora:</b>	
<b>Licença:</b>	
<b>Disponível em:</b>	<a href="http://w3.ufsm.br/educomufsm/index.php/projetos/editora-aberta">http://w3.ufsm.br/educomufsm/index.php/projetos/editora-aberta</a>

**AUTO AVALIAÇÃO DA EQUIPE**

1- comprometimento/responsabilidade; integração; relações com assessoria técnica e publico do pré-teste **(0-10):**

2- produto: originalidade, criatividade, cientificidade, acessibilidade.... **(0-10):**

**AUTO AVALIAÇÃO INDIVIDIAL (0-10 justificar):**

Comprometimento/responsabilidade\participação\relações com a equipe)

**ANEXOS E APENDICES** (produtos, fotos, instrumentos de avaliação, originais, etc..)

## ANEXO D – CHECKLIST DE AVALIAÇÃO DOS RECURSOS DA EDUMIX

UFSM\CCSH\FACOS – PRODUÇÃO EDITORIAL  
Disc. Projeto Exp. PE para Educação  
Editora Aberta EduMIX  
Instrumento para autoavaliação das Produções<sup>1</sup>

Critérios de avaliação	Possui a característica	Não possui a característica
<b>1- Domínio “Identificação”</b>		
Possui dados de identificação: assunto, autor (es), coautor(es), colaborador(res), instituição, Editora		
<b>2 - Domínio “Layout e Design”</b>		
Atende os critérios de acessibilidade		
<b>3 - Domínio “Organização didático-pedagógica”</b>		
O conteúdo apresenta rigor científico.		
O conteúdo está de acordo com a legislação sobre gênero, diversidade, inclusão, meio ambiente...		
A abordagem didático-metodológica permite sua recontextualização e retemporalização.		
<b>4 - Domínio “Direitos Autorais”</b>		
Possui licenciamento aberto, como Creative Commons para livre acesso, reutilização, reformulação e compartilhamento.		
Artigos científicos, textos retirados da internet, trechos ou capítulos de livros estão devidamente referenciados com a identificação de autores e suas respectivas fontes.		
Nas imagens, tabelas e quadros são indicados às referências.		
Apresenta os créditos da equipe que participou da produção e colaboradores		
Sendo novas versões indica o(s) autor(es) das versões anteriores.		
Está em acordo com a legislação de normas éticas da pesquisa com seres humanos e animais.		
Está completamente gratuito.		
O seu acesso é possível por qualquer utilizador (dispositivos/software).		
<b>5 - Domínio “Aspectos Tecnológicos”</b>		
Está disponível em portais públicos, repositórios ou bases de dados abertas.		
Permite fácil acesso		
Permite ser copiado.		
Permite se compartilhado		
Permite ser adaptado ou modificado.		
Permite fazer download imediatamente.		

<sup>1</sup> Adaptado de HENRIQUES, João Maria Gomes. *Catálogo de características para análise e avaliação de Recursos Educacionais Abertos (REA): ferramenta de avaliação no formato checklist*. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do E-Learning) – Universidade Aberta. Portugal, p. 262. 2016. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6631>. Acesso em: 06/11/2018.